

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Curso de Mestrado em Sociologia

Leandro Pereira Gomes

O QUE SE VÊ ALÉM DE UMA MONOCULTURA DE EUCALIPTO:

**Uma abordagem *territorial* sobre as condições de desenvolvimento do município de
Martinho Campos (MG, Brasil)**

Belo Horizonte
2014

Leandro Pereira Gomes

O QUE SE VÊ ALÉM DE UMA MONOCULTURA DE EUCALIPTO:

**Uma abordagem *territorial* sobre as condições de desenvolvimento do município de
Martinho Campos (MG, Brasil)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Salej Higgins

Leandro Pereira Gomes

O QUE SE VÊ ALÉM DE UMA MONOCULTURA DE EUCALIPTO:

**Uma abordagem *territorial* sobre as condições de desenvolvimento do município de
Martinho Campos (MG, Brasil)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Prof. Dr. Silvio Salej Higgins (Orientador) – Departamento de Sociologia UFMG

Prof. Dr. Ricardo Ferreira Ribeiro – Departamento de Ciências Sociais PUC MG

Profa. Dra. Ana Marcela Ardila Pinto – Departamento de Sociologia UFMG

Belo Horizonte, 03 de junho 2014

A minhas sobrinhas e ao sobrinho:

Lavynia, Isabelly Vitória, Davi, Júlia e Ana Clara.

Ao meu pai Aldo (in memoriam) e meu padrinho Alberto (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa de pesquisa. Ao professor orientador Sílvio Salej, pelo incentivo constante e rigor com a metodologia, tanto quanto com a Língua Portuguesa.

Ao Prof. Ricardo Ribeiro e à Profa. Ana Marcela Ardila, por todas as sugestões e críticas desde a qualificação do projeto de pesquisa.

À Thaís Mara Ribeiro, pelo companheirismo de sempre e apoio na correção do texto final.
À Joyce Gonçalves, por ter sido uma grande incentivadora e facilitadora do meu acesso ao mestrado.

Ao Sr. Itamar, D. Ilma e Ludmila, pelo acolhimento em sua residência em todos os trabalhos de campo. Sem este apoio dificilmente eu conseguiria realizar as atividades de campo.

Ao Grupo de Partilha de Profissionais (GPP) e todo o Ministério Universidades Renovadas (MUR) pelo apoio e amizade; e por me levarem sempre a refletir sobre o sentido do trabalho.

À toda a população de Buriti Grande e toda a cidade de Martinho Campos, pela receptividade e solidariedade comigo.

À toda a equipe de governo do município de Martinho Campos, à EMATER, aos sindicatos de trabalhadores da indústria extrativa e de produtores rurais, pela abertura à esta pesquisa.

À Cooperação para o Desenvolvimento e Morada Humana (CDM), pela oportunidade de conhecer o município e atuar no Programa Buriti Grande. Ao Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), pela gentileza em fornecer os artigos do caderno CEAS, cujas edições já estavam esgotadas.

À Débora Vargas pelo trabalho de transcrição das entrevistas. À minha irmã Geane Gomes, por todo apoio no levantamento de dados secundários. À Luana Galvão, pela revisão da escrita do projeto de qualificação. E à Eliene Paulino, pelo suporte na revisão do *abstract*.

À minha mãe, toda minha família, colegas do mestrado e amigos pelo apoio e paciência em todos esses anos de dedicação à dissertação.

"De vez em quando Deus me tira a poesia, olho pedra e vejo pedra mesmo."

(Prado, 1991)

RESUMO

A indústria internacional do aço tem por base uma cadeia produtiva apoiada em pequenos municípios. Além da extração de minério de ferro, as siderúrgicas fazem uso de extensas áreas de eucalipto, cuja madeira é utilizada para a produção de carvão vegetal, insumo utilizado nos fornos das usinas siderúrgicas. Esta dissertação tem como objetivo compreender o impacto da monocultura de eucalipto, dirigida por um grande ator econômico internacional, na trajetória de desenvolvimento de um pequeno município; neste caso, o município é Martinho Campos (Minas Gerais), na região sudeste do Brasil, onde a ArcelorMittal, maior produtor de aços do mundo, atua no plantio de eucalipto. A partir da abordagem teórica de Desenvolvimento Territorial Sustentável, foi importante para a análise o uso de metodologia quantitativa, através da análise de dados secundários e de metodologia qualitativa, por meio de entrevistas individuais em profundidade e de material bibliográfico. Os dados permitiram traçar a trajetória do município desde a chegada da ArcelorMittal; o cenário atual das atividades econômicas do município; a percepção dos atores públicos, moradores e instituições locais sobre os aspectos ambientais, sociais e econômicos relacionados à produção de eucalipto e sobre as potencialidades do município. As análises permitiram concluir que o município, em termos de atividades produtivas, depende predominantemente da silvicultura, apesar dos volumes apresentados pela pecuária leiteira. Foi demonstrado também que mesmo em relação à silvicultura há outras empresas do setor com um papel econômico relevante no município e não somente a ArcelorMittal. Apesar disso, esta empresa exerce uma influência sobre a vida pública e sobre a mentalidade dos atores locais que a coloca em posição de destaque sobre outros atores. Isto evidenciou outro tipo de dependência, não econômica, primordialmente, mas social, especificamente político-institucional.

Palavras-chave: Monocultura de eucalipto; desenvolvimento territorial sustentável; Martinho Campos

ABSTRACT

The international industry of steel is based on a supply chain supported by small municipalities. Besides the extraction of iron ore, steel industries make use of large areas of eucalyptus, whose wood is used for charcoal production, feedstock used in the furnaces of steel mills. This dissertation aims to understand the impact of eucalyptus monoculture ruled by a major international economic actor, in the development trajectory of a small town; in this case, the county is Martin Campos (Minas Gerais), in southeastern Brazil, where ArcelorMittal, the largest steel producer in the world, operates in the eucalyptus plantation. From the theoretical approach of Sustainable Territorial Development, it was important to the analysis the use of quantitative methodology through the analysis of secondary data and qualitative methodology, through individual in-depth interviews and bibliographical material. The data allowed tracing the history of the city since the arrival of ArcelorMittal; the current scenario of economic activities of the town; the perception of public actors, residents and local institutions on environmental, social and economic aspects related to the production of eucalyptus and on the potential of the municipality. The analysis showed that the municipality, in terms of productive activities, is predominantly dependent on forestry, although the volumes produced by the dairy livestock. It was also shown that even in relation to the forestry there are other companies in the sector with an important economic role in the city apart from ArcelorMittal. Nevertheless, this company has an influence on public life and in the mentality of the local actors who puts the company in a prominent position in comparison to other actors. This fact showed another type of dependency, not economic, primordially, but social, political and institutional specifically.

Keywords: eucalyptus monoculture; sustainable territorial development; Martinho Campos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. SITUAÇÃO-PROBLEMA	12
2.1. Como encontrar alternativas de desenvolvimento em Buriti Grande?	15
2.2. Perfil do povoado de Buriti Grande	17
2.3. Perfil socioeconômico de Martinho Campos (MG)	18
2.4. Análise de alguns indicadores de desenvolvimento da microrregião de Bom Despacho.....	18
2.5. A indústria do aço no Brasil.....	24
2.6. ArcelorMittal Brasil	27
2.6.1. Atuação da empresa	27
2.7. A produção de eucalipto no Brasil	29
2.8. A produção de carvão vegetal pela ArcelorMittal Bioflorestas	29
2.8.1. Carvão vegetal da silvicultura	29
2.8.2. Constituição e função da ArcelorMittal BioFlorestas	31
3. CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE ANÁLISE PARA ESTUDAR A PROBLEMÁTICA	33
3.1. Socioeconomia dos territórios.....	33
3.2. Desenvolvimento Territorial Sustentável: definição e perspectivas	37
3.2.1. Dois discursos e o desafio da prática.....	38
3.3. Desafios do Desenvolvimento Sustentável pela via do <i>Território</i>	40
3.4. Questões norteadoras e hipóteses:.....	40
4. REFERENCIAL METODOLÓGICO DA PESQUISA	42
4.1. Objetivos da pesquisa.....	42
4.2. Grade analítica.....	42
4.3. Justificativa	46
4.4. Metodologia	47
4.4.1. Trabalho de campo:.....	48
4.4.2. Análise dos dados.....	51
5. APRESENTAÇÃO DOS DADOS	52
5.1. A trajetória de Martinho Campos a partir da inserção da Arcelormittal no município	52
5.1.1. Percepção da população sobre a empresa na década de 1970 e mudanças no município	

5.1.2.	Análises complementares	59
5.2.	O cenário atual das atividades econômicas em Martinho Campos	60
5.2.1.	Atividades econômicas.....	60
5.2.2.	Uso do solo e atividades econômicas em Martinho Campos	61
5.2.3.	Migração, nível de ocupação.....	73
5.2.4.	Análises complementares	77
5.3.	Percepção dos atores locais sobre os aspectos ambientais, sociais e econômicos relacionados à produção de eucalipto e sobre as potencialidades do município.	78
5.3.1.	Esclarecimentos prévios.....	78
5.3.2.	Percepções sobre o aspecto ambiental.....	80
5.3.2.1.	Resposta estratégica da ArcelorMittal BioFlorestas.....	84
5.3.3.	Aspectos Sociais.....	86
5.3.4.	Aspecto Econômico - Percepções dos atores sobre o potencial econômico do município	93
5.3.5.	Análises complementares	100
6.	CONCLUSÕES	103
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	109
	APÊNDICE	112
	Diagramas	112
	Roteiros das entrevistas.....	120

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta proposta de investigação é abordar a questão do desenvolvimento de comunidades situadas em torno da monocultura de eucalipto. No início da pesquisa, focamos nossa atenção no povoado de Buriti Grande, distrito semiurbano pertencente ao município de Martinho Campos, região Centro-Oeste de Minas Gerais, para, logo depois, ocuparmo-nos do próprio município. O povoado foi alvo de uma estratégia de intervenção¹ da empresa ArcelorMittal BioFlorestas, do grupo ArcelorMittal Brasil, que mantém uma extensa produção de eucalipto no entorno da comunidade e de grande parte dos municípios vizinhos. A própria área do povoado é bem delimitada pela plantação de eucalipto no seu entorno. Uma localidade com um limite territorial claro, delimitado por essa plantação, com uma população de aproximadamente 600 habitantes (Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE 2010), sugeriu-nos inicialmente uma apreciação de sua organização comunitária e das estratégias de mobilização social. Tendo em vista a proposta do projeto da empresa, entendíamos que, se avaliássemos a capacidade de organização da população local, obteríamos, primeiramente, uma compreensão dos resultados do projeto. Ao mesmo tempo, pensávamos obter vias de intervenção para atuar pelo desenvolvimento comunitário em outros lugares. Com o aprofundamento das discussões teóricas abandonamos esta intenção inicial e vimos por bem voltar a atenção para todo o município de Martinho Campos e não apenas para o projeto desenvolvido no povoado. No entanto apresentaremos o contexto da discussão do projeto implantado em Buriti Grande, que não apenas inspirou esta pesquisa como um todo, como serviu de porta de entrada para todo o trabalho de campo.

Apresentaremos de início o povoado de Buriti Grande e o programa de desenvolvimento comunitário implantado na localidade. Buscaremos apontar como experiência de um projeto nesta comunidade levou-nos a problematizar as dimensões que contribuem para pensar em desenvolvimento. Esse processo permitiu-nos visualizar aspectos que vão além dos atores locais e do espaço do povoado e que afetam o seu desenvolvimento, seja em se tratando do

¹ De fevereiro de 2011 a março de 2012, a empresa, através de uma ONG, implantou um programa de desenvolvimento comunitário junto ao povoado de Buriti Grande, do qual pudemos participar, articulando empresa, população local e poder público municipal. A nossa participação se deu através de um vínculo empregatício com a ONG.

aspecto social ou econômico. De Buriti Grande vamos passar por seu município (Martinho Campos) e depois visualizar a microrregião de Bom Despacho, que engloba os municípios da região centro-oeste de Minas Gerais inseridos na produção de eucalipto pela ArcelorMittal.

Para entender melhor a produção de aço e eucalipto apresentaremos uma síntese de informações sobre o sistema produtivo no Brasil e o modo como a empresa atua. De acordo com as dimensões trazidas na problemática faremos também uma discussão teórica sobre socioeconomia dos territórios e desenvolvimento territorial sustentável, esta que é a base da nossa grade de análise. Por fim, propomos um estudo de caso, cujo nosso foco será o município de Martinho Campos, através da apreciação de sua trajetória de desenvolvimento.

2. SITUAÇÃO-PROBLEMA

Em 2010, o SESI (Serviço Social da Indústria) MG firmou uma parceria com a ArcelorMittal BioFlorestas (unidade Martinho Campos) para a execução de uma ação conjunta. Estabeleceu-se a realização de um projeto em uma das comunidades onde a BioFlorestas possui suas unidades produtivas em Minas Gerais, com o objetivo de fortalecer o relacionamento da empresa com a comunidade e dar cumprimento à proposta de responsabilidade social dessa organização. Desse modo, o SESI também cumpriria sua função de prestador de serviços à indústria.

O projeto aprovado propunha um trabalho de 13 meses (que chegou a 15 meses de realização) em uma das comunidades que seria escolhida pela ArcelorMittal BioFlorestas. A proposta elaborada por essas instituições consistia em mobilizar os moradores para discutir os problemas e as potencialidades da comunidade, para, no fim do período, obter um programa de desenvolvimento comunitário. Com o programa, previam-se elaborar ações de curto, médio e longo prazo que deveriam ser realizadas na comunidade, tendo os moradores como os articuladores dessas mudanças.

A escolha da comunidade foi realizada em Martinho Campos, na sede da empresa, que buscou, entre as comunidades menos desenvolvidas, a que apresentasse maior dificuldade de organização comunitária. Ficaram duas comunidades para a escolha: Buriti Grande e Ibitira. A primeira foi definida por atender às condições previamente estabelecidas e por ser uma comunidade menor, mas ao mesmo tempo por ter reivindicado maior apoio da empresa anteriormente. Além disso, era comum que moradores de Buriti Grande recorressem à ArcelorMittal BioFlorestas, levando demandas pessoais. Era interesse da empresa diminuir o atendimento de pedidos pessoais e incentivar os moradores a desenvolverem ações coletivas. Era comum, por exemplo, a presença de pessoas no escritório da ArcelorMittal² solicitando madeira para construção de casas e para outros fins.

² Todas as vezes em que aparecer a nomenclatura ArcelorMittal, entenda-se ArcelorMittal BioFlorestas.

Sobre a questão da organização coletiva, alguns moradores, nos contatos iniciais, enfatizavam que a comunidade era pouco participativa, que não se envolvia significativamente quando era convidada pelos órgãos públicos nem desenvolvia espaços de participação próprios.

A base da proposta implicava o incentivo e a formação dos moradores para organizar a ação coletiva em prol da comunidade. Entendia-se que ela dispunha dessa capacidade de promover seu desenvolvimento a partir de seus esforços e entendia-se que ela detinha um capital social que poderia ser potencializado.

No decorrer dos 15 meses, o projeto foi desenvolvido em sete etapas, as quais seguem com suas respectivas ações:

1. Mobilização - sensibilização.

- Convite a toda a comunidade para participar, buscando inserir todas as instituições no trabalho.

2. Capacitação para participação.

- Constituição de um grupo de trabalho; realização de oficinas sobre os conceitos principais que norteavam o projeto: participação, democracia, desenvolvimento sustentável.

3. Constituição dos grupos de representação comunitária

- Realização de formação de um grupo dentro da comunidade para continuar a mobilização por meio dos próprios moradores; constituição de um *fórum comunitário*.

4. Diagnóstico participativo comunitário

- Inserção da comunidade na busca de informações e na leitura da realidade local.

5. Programa de desenvolvimento comunitário

- Elaboração de diretrizes e propostas para a comunidade para curto, médio e longo prazo, envolvendo todas as áreas. Com o programa elaborado, ele será o documento com o qual a comunidade buscará recursos e parcerias.

6. Capacitação da comunidade para implantação do Programa

- Preparação do fórum para se organizar e buscar implantar cada proposta elaborada coletivamente. É o momento em que a equipe constituída pelas empresas parceiras mais a ONG começa sair, de modo que os moradores prossigam com as ações do Programa.

7. Assessoria para implantação do Programa

- Realização, pela ONG, de reuniões finais para orientar os moradores sobre a construção de parcerias, busca de recursos e organização interna, para manter a comunidade mobilizada em torno do Programa elaborado.

Ao fim dos 15 meses de atividade, observou-se, de fato, um grande envolvimento dos moradores que se deu do início ao fim do projeto. É relevante o fato de a participação do fórum (grupo instituído na terceira etapa do projeto) ter se mantido em sua maioria desde o primeiro encontro, em fevereiro de 2011, até maio de 2012, conservando a assiduidade dos moradores nas atividades de elaboração do Programa sem garantias de um retorno imediato ou benefícios pessoais a serem obtidos diretamente com essa adesão.

Ao fim da intervenção, um resultado significativo foi uma parceria realizada – por meio da iniciativa da comunidade - com uma empresa de sapatos de Nova Serrana, que se instalou no povoado, investiu recursos próprios, gerando em torno de 30 novos empregos, principalmente para as mulheres de Buriti Grande.³

É plausível a alternativa encontrada pelos moradores do povoado frente a sua dependência no que se refere à empresa, tendo em vista uma demanda bem particular de empregos para mulheres numa comunidade de aproximadamente 600 habitantes. Contudo, é possível dizer que essa não é uma alternativa de desenvolvimento, pois a ação foi pontual, não afetou o tipo de atividade produtiva da região nem ultrapassou os limites do povoado. Observando melhor alguns dados, entenderemos a situação de Buriti Grande e do município de Martinho Campos na região.

³ Fonte: “Programa Buriti Grande obtém primeiras vitórias”, disponível em: <http://www5.fieng.com.br/Default.aspx?tabid=13356&mid=30568&ctl=Ver&id=933>. Acesso em 17 de julho de 2012.

2.1. Como encontrar alternativas de desenvolvimento em Buriti Grande?

Próximo de Martinho Campos há dois centros de produção industrial: um de sapatos em Nova Serrana e outro de roupas, em Divinópolis. Os dois centros se tornaram fonte de empregos para a população do entorno, de modo que os moradores de Buriti Grande com frequência se queixavam da migração dos jovens da localidade para o trabalho nas fábricas da região, quando não partiam para Belo Horizonte (MG), capital do Estado. Havia empregados da ArcelorMittal moradores do povoado de Buriti Grande alocados na unidade de produção de mudas e carvoaria da empresa. Entretanto, sempre houve a demanda apresentada pelos moradores de empregos para as mulheres e os jovens, até mesmo para que eles não precisassem mudar de cidade para trabalhar. Desse modo, a principal fonte de renda na comunidade advinha dos empregos da ArcelorMittal ou ainda dos aposentados/pensionistas do INSS (Instituto Nacional de Seguro Social), idosos que já viviam na comunidade ou que se mudaram para lá buscando uma vida tranquila.

Ao mesmo passo que se desenrolava o projeto de desenvolvimento comunitário, um evento (a demissão de um grupo de mulheres) chamou a atenção e nos possibilitou pensar esta questão da participação num âmbito mais amplo. Percebemos que, mesmo desejável, entender a lógica dessa participação demonstrou ser pouco adequado para observar com mais afinco a questão própria do desenvolvimento. Num momento de grande envolvimento da comunidade, da empresa, de algumas secretarias municipais no projeto, tudo corria conforme o objetivo de construir um programa de desenvolvimento comunitário a partir de técnicas participativas. Todavia, a crise econômica internacional de 2008 gerou impactos de médio prazo e provocou mudanças na empresa mesmo em 2011⁴. Uma dessas mudanças foi a demissão de cerca de 30 mulheres da unidade de produção de mudas da empresa, sendo algumas delas de Buriti Grande, e outras, de outros povoados. Isso interferiu bastante na vida dos moradores do povoado, deixando-os bastante preocupados, e nos fez observar um aspecto relevante: a vulnerabilidade da população local frente às crises do setor industrial em que este está inserido.

⁴ Inclusive, a ArcelorMittal Brasil sofreu um prejuízo de 173 milhões nesse ano (2011) (cf. Quadro 3).

Se naquele momento a discussão relativa ao desenvolvimento, estabelecida pelo projeto, estava atrelada à participação dos moradores de Buriti Grande, esse fato serviu para questionar o viés que restringe ao papel dos atores locais a promoção de seu desenvolvimento. Não precisamos focar-nos neste evento em si mesmo, mas na lógica em que ele está circunscrito: a instabilidade econômica e a vulnerabilidade econômico-social dos municípios imersos em grandes áreas industriais. Poder-se-ia dizer que essa instabilidade é própria dos mercados e não uma condição apenas dos pequenos municípios, logo não caberia uma investigação no nível municipal. No entanto, a situação dos pequenos municípios enredados em grandes cadeias produtivas apresenta uma condição específica e merece destaque no que tange à sustentabilidade desses empreendimentos para tais localidades.

Acreditamos que o desenvolvimento se dá através de um processo endógeno, de modo que as condições culturais e técnicas de uma comunidade sejam fundamentais em sua dinâmica. Contudo, ainda sendo endógeno, não é o mesmo dizer que o desenvolvimento dependa apenas da localidade ou que se dê essencialmente a partir da organização dos moradores. Ele envolveria, no nosso entendimento, questões políticas, institucionais e socioeconômicas a nível local, do município, mas em outros níveis também. A grande parte do solo ocupada com a produção de eucalipto e ainda a especificidade desse tipo de produção também interferem fortemente no desenvolvimento local. Além disso, os resultados socioeconômicos da atuação da empresa na região (desde a década de 1970) e as suas implicações para os municípios não são menos relevantes, pois corre-se o risco de os municípios dependerem exclusivamente da mesma atividade produtiva. Enfim, exige-se uma discussão mais ampla sobre desenvolvimento e construção de capacidades locais.

Para apresentarmos melhor essa problemática, faz-se necessário conhecermos mais a comunidade à qual nos referimos e o seu município, além de entendermos os principais aspectos que distinguem os municípios onde a empresa tem unidades produtivas daqueles onde ela não atua.

2.2. Perfil do povoado de Buriti Grande

Buriti Grande é um povoado localizado no município de Martinho Campos, região central de Minas. A população local é de aproximadamente 600 habitantes, enquanto a do município ultrapassa 12.500 habitantes (Censo IBGE 2010). No município e nas cidades próximas, uma das principais atividades produtivas é a plantação de eucalipto com o objetivo de produzir carvão. Muitas famílias estão empregadas na produção da madeira ou do carvão vegetal utilizado pela ArcelorMittal. Há também um grupo de produtores de leite que se organizam em algumas cooperativas, em Martinho Campos e também em Bom Despacho (MG). De acordo com o Sindicato dos Produtores Rurais e com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER) do município de Martinho Campos, o plantio de eucalipto predomina na região, seguido pela produção de leite ⁵.

Quadro 1 - População de Buriti Grande em relação a outros povoados de Martinho Campos

Povoado/Distrito	População
Buriti Grande	488
Boa Vista/Monjolinhas	327
Riacho de Barro/Sacramento	297
Pontal/Barro/Logradouro	227
Ibitira	2415
Alberto Isaacson	1362

Fonte: dados do Programa Buriti Grande

De modo sintético, vê-se que a localidade é um dos quatro menores povoados do município de Martinho Campos. Diante de uma população tão pequena, consideramos pertinente ampliar nosso olhar sobre o município como um todo.

⁵ Em consulta com o sindicato e com a EMATER de Martinho Campos, não foi possível localizar dados sobre a quantidade de produtores, as áreas plantadas e os rendimentos obtidos em cada tipo de atividade. O sindicato estima que sejam produzidos 80.000 litros de leite ao mês no município.

2.3. Perfil socioeconômico de Martinho Campos (MG)⁶

Martinho Campos é um município da região central de Minas, da microrregião de Bom Despacho. Fundada em 1938, a cidade apresentou uma população de 12.611 habitantes em 2010 (Censo IBGE). Em 2000, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Martinho Campos foi 0,748. De acordo com a classificação do PNUD, o município está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). Em relação aos outros municípios do Estado, Martinho Campos apresenta uma situação intermediária: ocupa a 296ª posição, sendo que 295 municípios (34,6%) estão em situação melhor e 557 municípios (65,4%) estão em situação pior ou igual.

Seguindo esta sucinta apresentação, julgamos pertinente fazer um comparativo inicial das condições de vida entre municípios onde atua ArcelorMittal e municípios onde não atua. Com isso, antecipamos que o problema central que guia nossa busca é entender o impacto da pesada indústria da siderurgia num território específico.

2.4. Análise de alguns indicadores de desenvolvimento da microrregião⁷ de Bom Despacho

Os municípios da microrregião de Bom Despacho têm um perfil demográfico semelhante, tendo apenas dois municípios com mais de 30.000 habitantes: Lagoa da Prata e Bom Despacho. Dessa microrregião há quatro municípios com investimentos da ArcelorMittal BioFlorestas via plantio de eucalipto: Bom Despacho, Dolores do Indaiá, Martinho Campos e Quartel Geral. Abaeté é um município com atividades da empresa, porém, ele não faz parte da mesma microrregião, apesar de ser muito próximo, por isso foi inserido na análise.

⁶ Dados fornecidos pelo software Atlas de Desenvolvimento Humano – PNUD. Dados do Censo IBGE 1991 e 2010.

⁷ As microrregiões fazem parte de grandes áreas chamadas de mesorregiões. Elas apresentam algumas especificidades quanto à organização do espaço. Essas especificidades referem-se à estrutura de produção agropecuária industrial, extrativismo mineral ou pesca. Além disso, as microrregiões são compostas por municípios limítrofes. **Fonte: IBGE - Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas.**

Quadro 2 – Atividades produtivas, PIB Municipal e PIB Municipal *per capita* por municípios de atuação da ArcelorMittal BioFlorestas

Municípios	População		Atividades produtivas ⁸		PIB Municipal	PIB Municipal <i>per capita</i>
	2010	Principal (is)	Secundária (s)	2010	2010	
Bom Despacho	45.642	Agropecuária	Silvicultura (Eucalipto)	604.248.504,54	13.238,87	
Abaeté	22.690	Agropecuária	Silvicultura (Eucalipto)	260.274.494,10	11.470,89	
Martinho Campos	12.611	Silvicultura e pecuária leiteira	Agricultura	183.116.259,96	14.520,36	
Dores do Indaiá	13.778	Pecuária	Silvicultura (Eucalipto)	129.274.702,82	9.382,69	
Quartel Geral	3.303	Agropecuária	Cafeicultura/Eucalipto	51.054.239,79	15.456,93	

Fonte: Escritórios municipais da EMATER e IBGE Cidades

Em um primeiro olhar de conjunto, observa-se que dos municípios onde a empresa possui plantio de eucalipto, o único que tem a silvicultura (eucalipto) como uma das principais atividades, é Martinho Campos. Se a agropecuária se apresenta como a principal atividade produtiva entre os municípios, visto pelos dados levantados, a silvicultura é uma daquelas que favorece maior rendimento *per capita*. É sabido que o PIB não é o melhor indicador de riqueza local, mas sim de atividade econômica. Entretanto, conhecendo os ganhos econômicos obtidos por esse ramo produtivo, faz muito sentido saber quanto da riqueza gerada pela silvicultura ligada à cadeia do aço é investida nos municípios produtores ou de que modo esses recursos retornam para essas localidades; além disso, compreender a origem da empresa – se é nacional ou internacional - faz diferença para entendermos a destinação desses rendimentos.

⁸ Dados fornecidos pela EMATER de cada um dos respectivos municípios confrontados com os volumes produzidos em 2014, de acordo com dados do IBGE Cidades.

Quadro 3 – População da microrregião de Bom Despacho (mais Abaeté) de 2000 a 2010 e PIB *per capita* 2010

Classificação	Município	População, 2000	População, 2010	PIB <i>per capita</i> 2010 (R\$)
1	Lagoa da Prata (MG)	38.758	45.939	17.892,62
2	Luz (MG)	16.833	17.486	16.017,70
3	Quartel Geral (MG)	3.022	3.303	15.456,93
4	Martinho Campos (MG)	11.817	12.611	14.520,36
5	Serra da Saudade (MG)	873	815	13.768,82
6	Bom Despacho (MG)	39.943	45.642	13.238,87
7	Estrela do Indaiá (MG)	3.597	3.516	11.844,96
8	Japaraíba (MG)	3.473	3.939	11.782,10
9	Abaeté (MG)	22.360	22.690	11.470,89
10	Leandro Ferreira (MG)	3.227	3.205	9.628,17
11	Dores do Indaiá (MG)	14.388	13.778	9.382,69
12	Araújos (MG)	6.217	7.883	8.991,12
13	Moema (MG)	6.513	7.028	7.391,18

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano 2000- PNUD

Considerando o **Quadro 3**, vê-se que três municípios da área de atuação da ArcelorMittal apresentam um PIB *per capita* de destaque em toda a microrregião, porém esse dado não deixa clara a distinção das duas realidades: os municípios onde ela atua e os outros da mesma microrregião.⁹ Para aprofundarmos nosso entendimento da realidade onde a ArcelorMittal tem unidades produtivas, vamos nos ater a alguns importantes indicadores de desenvolvimento socioeconômicos utilizados pelos governos e importantes instituições internacionais, como o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), comparando os dados dos Censos IBGE 1991 e 2000. O principal índice de desenvolvimento utilizado atualmente é o IDH, composto pelas variáveis renda, educação e longevidade.¹⁰

⁹ Leitura realizada a partir das próprias tabelas. Buscamos realizar testes de correlação, contudo, para a quantidade de itens disponíveis, não se recomendam os referidos testes (como ANOVA), no entanto estes dados nos permitem, visualmente, uma leitura preliminar.

¹⁰ Na formação do índice, utilizavam-se até o ano 2000 os dados do PIB *per capita*¹⁰ para Renda; taxa de analfabetismo de adultos (15 ano +) e taxa de matrícula nos ensino infantil, fundamental e médio para Educação¹⁰; e esperança de vida ao nascer na variável Longevidade. O valor final varia de 0 a 1, considerados mais desenvolvidos os países, estados ou municípios quanto mais próximos estiverem do número 1. Apresentamos ainda o índice de Gini, que indica o grau de desigualdade de renda em cada localidade. Neste

Analisaremos os índices municipais e seus respectivos subíndices dos municípios da microrregião de Bom Despacho, que possui o maior número de municípios com plantação de eucalipto da empresa no Estado. Conforme a **Quadro 4**, pode-se verificar a diferença dos indicadores nos municípios onde a empresa está presente em relação aos outros na mesma microrregião.

Quadro 4– Indicadores de desenvolvimento e desigualdade municipais por municípios de atuação da ArcelorMittal em relação aos municípios vizinhos da mesma microrregião

MUN. da ArcelorMittal BIOFLORESTAS NA MICRO. B. DESPACHO		Abaeté (MG)	Bom Despacho	Dores do Indaiá	Martinho Campos	Quartel Geral	Mun. Vizinhos - Microrregião B. Despacho (média)
INDICADORES MUNICIPAIS DE DESENVOLVIMENTO							
IDH Municipal, 1991		0,68	0,721	0,7	0,676	0,631	0,66
IDH Municipal, 2000		0,778	0,799	0,752	0,748	0,714	0,76
Taxa de crescimento do IDH-M (%)		14,41	10,82	7,43	10,65	13,15	15,15
IDH M-Renda, 1991		0,595	0,654	0,673	0,589	0,567	0,61
IDH M -Renda, 2000		0,697	0,729	0,687	0,676	0,632	0,69
Taxa de crescimento do IDH-M – renda (%)		17,14	11,47	2,08	14,77	11,46	13,11
IDH M-Longevidade, 1991		0,717	0,711	0,711	0,702	0,667	0,66
IDH M-Longevidade, 2000		0,792	0,786	0,749	0,749	0,746	0,76
Taxa de crescimento do IDH-M – longevidade (%)		10,46	10,55	5,34	6,70	11,84	15,15
IDH M-Educação, 1991		0,727	0,797	0,716	0,736	0,659	0,73
IDH M-Educação, 2000		0,845	0,883	0,819	0,819	0,763	0,83
Taxa de crescimento do IDH-M – Educação (%)		16,23	10,79	14,39	11,28	15,78	13,70
Proporção de pobres, 1991		50,7	29	42,2	48,3	51,3	45,15
Proporção de pobres, 2000		27,7	18,6	28,2	24,5	39,3	22,4
Índice de Gini, 1991		0,52	0,53	0,63	0,52	0,5	0,53
Índice de Gini, 2000		0,58	0,57	0,56	0,55	0,56	0,53
% da renda apropriada por extratos da população	<i>80% mais pobres (1991)</i>	42,3	41,1	30,6	43,1	46	42,73
	<i>80% mais pobres (2000)</i>	36,7	37,8	37,8	39,3	35,3	42,76
	<i>20% mais ricos (1991)</i>	57,7	58,9	69,4	56,9	54	57,28
	<i>20% mais ricos (2000)</i>	63,3	62,2	62,2	60,7	64,7	57,24

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano 2000- PNUD

Em primeiro lugar, é preciso destacar que todos os indicadores obtiveram crescimento na década de 1991 a 2000 em todo o Estado de Minas Gerais. No período 1991-2000, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) cresceu 10,90% no estado, passando de 0,697 em 1991 para 0,773 em 2000. Entre as dimensões do IDH (educação, renda, longevidade), a que mais contribuiu para este crescimento, de acordo com o Atlas de Desenvolvimento

Humano, foi a educação, com 43,4%, seguida pela longevidade, com 30,7% e pela renda, com 25,9%.

De acordo com o Atlas, a Educação foi, do mesmo modo, a dimensão que mais contribuiu para o aumento do IDH dos municípios que estamos analisando, nos quais a ArcelorMittal BioFlorestas mantém suas áreas de plantio de eucalipto e produção de carvão. Somente Martinho Campos entre os cinco municípios (Abaeté, Bom Despacho, Dores do Indaiá, Martinho Campos e Quartel Geral) apresenta uma situação um pouco diferente, tendo a renda como a principal dimensão no crescimento do IDH municipal.

Levando em consideração os dados do Quadro 4, podemos notar a distinção entre os municípios dentro da área da empresa na microrregião de Bom Despacho e a média dos da mesma microrregião que não tem nenhuma atividade produtiva da empresa. Aqueles da área de atuação apresentam, quase na totalidade dos indicadores, resultados mais positivos em se tratando dos critérios de desenvolvimento socioeconômico.¹¹

Vê-se também que a proporção de pobres (proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a ½ salário mínimo) aparece acima da média nos municípios onde a empresa tem campo, exceto no caso de Bom Despacho. Além disso, o índice de Gini (que mede a desigualdade de renda) aumenta na década considerada, exceto no município de Dores do Indaiá. Nota-se ainda que a desigualdade no ano 2000 era, na microrregião de Bom Despacho, maior nos municípios da área da empresa em relação à média dos municípios da área determinada que não têm intervenção da ArcelorMittal BioFlorestas. Essa desigualdade é indicada também pelo percentual da renda detido pelos 80% mais pobres e pelos 20% mais ricos dos municípios, apontando que essa parcela de pobres passou a deter menos renda no percurso da década, e, claro, com os mais ricos acontece o inverso. Como já pontuamos, apenas o município de Dores do Indaiá foge à regra.

¹¹ Não utilizamos testes estatísticos neste caso devido à quantidade incipiente de dados para rodar possíveis testes de correlação.

Em síntese, os indicadores (IDH-M, indicadores de desigualdade) dos municípios onde a empresa está inserida são inferiores aos dos municípios vizinhos da mesma microrregião onde estão localizados. O aspecto da renda que pesa quando observamos o PIB *per capita* não contribui de forma significativa no índice de desenvolvimento (nos aspectos de renda, educação e expectativa de vida, conjuntamente) nem contribui para diminuir a desigualdade.

Os dados vistos até aqui dos municípios da microrregião de Bom Despacho não nos permitem concluir que haja uma contribuição significativa das atividades da ArcelorMittal nos municípios que atua, em relação aos outros da mesma microrregião que desempenham outras atividades produtivas. Isso nos leva a acreditar que, apesar de sua extensa área exploração, sua atividade não corresponde de modo satisfatório – mesmo nos aspectos socioeconômicos - aos territórios que ocupa.

Estamos tratando de localidades dentro de grandes plantações de eucalipto, estas que, com a obtenção do carvão vegetal, estão em função da produção de aço do país. Por isso, é importante contextualizarmos essa atividade produtiva e ver como ela se reflete nos municípios.

2.5. A indústria do aço no Brasil¹²

A indústria do aço no Brasil é composta por 14 empresas privadas, controladas por 11 grupos empresariais, os quais operam 29 usinas distribuídas em dez Estados da federação. Ela foi responsável pela produção, em 2011, de 35,2 milhões de toneladas de aço bruto, deixando o país a ocupar a nona posição no ranking da produção mundial.

O **Quadro 5** apresenta uma síntese das etapas de produção do aço e indica o lugar do carvão vegetal na produção, o que será mais bem visto na **figura 1**.

¹² Fonte: Instituto Aço Brasil. Disponível em <http://www.acobrasil.org.br/site/portugues/aco/parque-siderurgico--arcelor-mittal.asp>. Acesso em 07/11/2012.

Quadro 5- Resumo das etapas do processo siderúrgico

Resumo das etapas do processo siderúrgico	
Preparação da carga	Nesta fase, grande parte do minério de ferro (finos) é aglomerada utilizando-se cal e finos de coque. O produto resultante é chamado de sinter. O carvão é processado na coqueria e se transforma em coque.
Redução	Essas matérias-primas, depois de preparadas, são carregadas no alto forno. O oxigênio aquecido a uma temperatura de 1000 °C é soprado pela parte de baixo do alto forno. O carvão , em contato com o oxigênio, produz calor, que funde a carga metálica. Assim, inicia-se o processo de redução do minério de ferro em um metal líquido: o ferro-gusa . O gusa é uma liga de ferro e carbono com um teor de carbono muito elevado.
Refino	As aciarias a oxigênio ou elétricas são utilizadas para transformar o gusa líquido ou sólido e a sucata de ferro e aço em aço líquido. Nessa fase, parte do carbono contido no gusa é removido juntamente com impurezas. A maior parte do aço líquido é solidificada em equipamentos de lingotamento contínuo para produzir semiacabados, lingotes ¹³ e blocos.
Laminação	Os semiacabados, lingotes e blocos são processados por equipamentos chamados laminadores e transformados em uma grande variedade de produtos siderúrgicos, cuja nomenclatura depende de sua forma e/ou composição química. Disso resulta a distinção entre aços/laminados longos ou planos, como aponta o quadro 1.

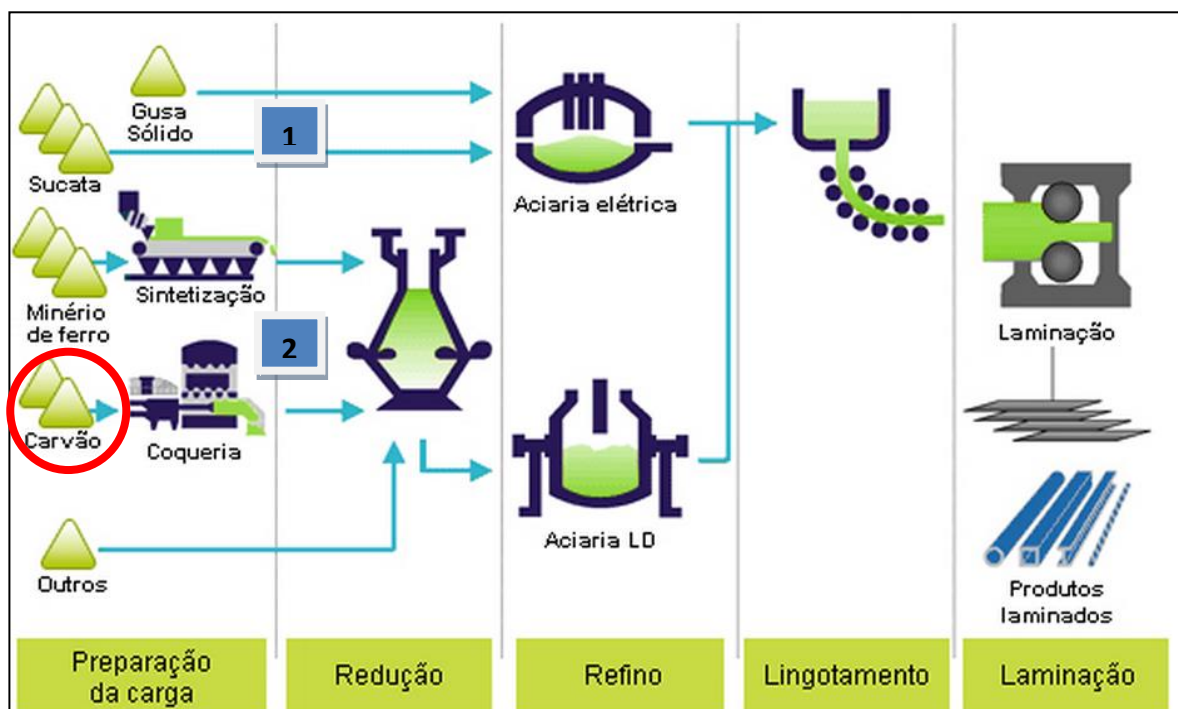
Fonte: Instituto Aço Brasil 2013

Todo esse processo apresentado na **Quadro 5** pode ser visto através da **Figura 1**, que nos ajuda a distinguir os tipos de usinas (integradas ou semi-integradas). A parte da figura representada pelo número 1 indica a atividade das usinas *semi-integradas*, enquanto o número 2 representa as usinas *integradas*¹⁴. Nestas entra o carvão vegetal no processo produtivo.

¹³ Massa sólida de metal fundido em formato apropriado (barra, tira) para armazenamento e emprego posterior.

¹⁴ **Usinas integradas** - produzem aço a partir da fabricação de ferro-gusa líquido em seus altos-fornos. O coque (combustível obtido através do aquecimento de carvão) é o elemento redutor comumente utilizado na maior parte das usinas. No Brasil, contudo, parte da produção utiliza o carvão vegetal como redutor. Este gera menor emissão de gases do efeito estufa se comparado ao processo tradicional, mas possui limitações técnicas e operacionais que restringem sua aplicação em maior escala de produção. **Usinas semi-integradas** produzem aço a partir da fusão de metálicos (sucata, gusa e/ou ferro-esponja) em aciaria elétrica (unidade da usina onde o ferro-gusa é convertido em aço). Algumas usinas possuem, ainda, um processo híbrido e associam o uso de aciarias elétricas com altos-fornos a carvão vegetal.

Figura 1: Processo produtivo do aço



Fonte: Instituto Aço Brasil

Segundo o Instituto Aço Brasil, dados de 2010 indicam que os setores de construção civil, o automotivo e o de bens de capital (equipamentos, maquinários, instalações, edifícios etc.) representaram, juntos, quase 80% do consumo total de aço.

Dos onze grupos empresariais produtores de aço, todos são associados ao Instituto Aço Brasil¹⁵. O instituto e suas empresas associadas sustentam seus preceitos nos princípios da economia de mercado e da livre iniciativa. Ao mesmo tempo defendem um comprometimento com o desenvolvimento sustentável, entendido como o uso mais racional dos recursos naturais e insumos e a adoção de tecnologias economicamente provadas e viáveis para reduzir os impactos sobre o meio ambiente. No entanto, o presidente do Instituto demonstra uma primazia do âmbito econômico nesses preceitos, afirmando que “Não há como se ter sustentabilidade social ou ambiental se não houver a econômica” (Instituto Aço Brasil, pág.

¹⁵ Fundado em 31 de maio de 1963, o **Instituto Aço Brasil** (antigo Instituto Brasileiro de Siderurgia – IBS) tem como objetivo congregar e representar as empresas brasileiras produtoras de aço e defender seus interesses e promover o desenvolvimento das mesmas.

6). Um desses grupos é o da ArcelorMittal Brasil, para o qual cabe uma apresentação específica.

2.6. ArcelorMittal Brasil¹⁶

A ArcelorMittal foi constituída em 2006 pela fusão da Arcelor e da Mittal Steel. É a maior empresa siderúrgica do mundo, com aproximadamente 300 mil empregados em 61 países e produção de 103,3 milhões de toneladas de aço em 2008, o que correspondeu a perto de 10% do total produzido no mundo. Ainda em 2008, a empresa registrou uma receita de vendas de US\$ 124,9 bilhões.

2.6.1. Atuação da empresa

A empresa atua nos setores de aços planos, longos e inoxidáveis. Conta com fontes próprias de matérias-primas - produz 45% de todo o minério que consome. Tem sede em Luxemburgo e escritórios em Londres, Roterdã, Paris e Madri. Ela controla a ArcelorMittal Brasil, empresa formada a partir da união dos ativos da ArcelorMittal Aços Longos, da ArcelorMittal Tubarão e da ArcelorMittal Vega (que antes eram Belgo, CST e Vega do Sul, respectivamente), além de ser o acionista controlador da ArcelorMittal Inox Brasil.¹⁷

Em 2011, a ArcelorMittal Brasil vendeu 10,3 milhões de toneladas de produtos e alcançou uma receita bruta de R\$ 17,28 bilhões, – um acréscimo de 2% em relação à receita obtida no ano anterior. Todavia, o resultado final apresentou um prejuízo de 173 milhões de reais, decorrente principalmente da cobrança do imposto de renda e contribuições sociais. A produção de carvão vegetal, destinado às usinas do grupo, é feita pela ArcelorMittal BioFlorestas. Quando a empresa ainda era Belgo, a ArcelorMittal BioFlorestas era chamada de CAF (Companhia Agrícola Florestal). Na ArcelorMittal BioFlorestas, em 2010, foram

¹⁶ Relatório anual da Administração ArcelorMittal Brasil. Disponível em http://www.arcelor.com.br/empresa/anual_social_ambiental/pdf/relatorio-anual-administracao-2011.pdf

¹⁷ Fonte: Instituto Aço Brasil. Disponível em <http://www.acobrasil.org.br/site/portugues/aco/parque-siderurgico--arcelor-mittal.asp>. Acesso em 07/11/2012.

investidos R\$ 39 milhões em plantio e desenvolvimento de florestas de eucalipto, construção de fornos de carvoejamento e aquisição de novos equipamentos, visando ao crescimento da produção de carvão vegetal.

Quadro 6 – Consolidado da empresa ArcelorMittal Brasil nos anos de 2010 e 2011

ArcelorMittal Brasil – Consolidado	Exercício findo em 31 de dezembro (em milhões de reais)			
	2011	%	2010	%
Receita líquida	17.286	100	16.963	100
Custo dos produtos vendidos e serviços prestados	- 15.051	- 87	- 13.479	- 79
Lucro bruto	2.235	-	3.484	21
Lucro líquido do exercício ¹⁸	- 173	-14	1.448	9

Fonte: Relatório anual da Administração ArcelorMittal Brasil 2010.

No ano de 2010, a ArcelorMittal Brasil investiu 6,5 milhões (0,45 % do lucro líquido do período) em projetos socioculturais em todo o país, sendo 1,4 milhão (0,096 % do lucro líquido do período) de recursos próprios, e o restante, direcionado por recursos incentivados (ICMS - Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e prestação de Serviços, Programa de Ação Cultural (SP), Lei Rouanet, Lei do Esporte, ISSQN¹⁹).²⁰ Os recursos incentivados são aqueles que passam por alguma lei de incentivo estadual ou federal, sendo que a destinação do recurso para área sociocultural resulta em abatimento de 30 a 40 por cento do valor aplicado sobre o imposto de renda da empresa.²¹

¹⁸ Lucro final, obtido excluindo todos os gastos, impostos, contribuições sociais, participação de minoritários.

¹⁹ O Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISSQN) com exceção dos Impostos compreendidos em Circulação de Mercadorias. O ICMS é um imposto estadual.

²⁰ Fonte: Relatório Sustentabilidade Social 2010. Disponível em http://www.arcelor.com.br/sustentabilidade/relatorio_sustentabilidade/pdf/relatorio_sustentabilidade_2010.pdf. Acesso em 01/11/2012.

²¹ Fonte: Ministério da cultura. Projetos incentivados. Disponível em <<<http://www.cultura.gov.br/projetos-incentivados1>>> acesso em 18/04/2013.

2.7. A produção de eucalipto no Brasil²²

De acordo com a Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas (ABRAF) no Brasil, o plantio de eucalipto se dá em função de três tipos de atividade, basicamente: para produção de painéis e madeira industrializada (7,3%), carvão vegetal (19,5%) e papel/celulose (72,5%). No Brasil, no conjunto de Florestas plantadas, há dois tipos básicos de plantio: além do eucalipto, há o pinus. A plantação de pinus representa 22% de toda a área de florestas, enquanto a de eucalipto chega a 71%. O restante diz respeito a outros tipos.

Os Estados brasileiros com as maiores áreas de floresta (eucalipto e pinus, dados de 2012) são, em ordem decrescente, Minas Gerais, Bahia, São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul. Em Minas Gerais, a área plantada é de 838.571 ha, sendo aproximadamente 74% em área própria das empresas. A ArcelorMittal BioFlorestas possui plantações em três regiões de Minas Gerais: Norte, Rio Doce e Centro Oeste. Na primeira região ela possui 41.562 ha, com 26.418,80 ha de áreas plantadas; na segunda essa razão é de 26.418,80 ha para 21.329,76 ha; na região Centro Oeste, a relação é de 34.518 ha para 24.221,32 ha.

2.8. A produção de carvão vegetal pela ArcelorMittal Bioflorestas

2.8.1. Carvão vegetal da silvicultura²³

Em 2010, a produção de carvão vegetal no Brasil totalizou 3.448.210 toneladas, tendo Minas Gerais como o maior produtor nacional. Voltado principalmente às siderúrgicas do estado, Minas Gerais produziu no mesmo ano 2.798.653 toneladas de carvão (81,16 % da produção nacional), sendo Felixlândia o município que apresenta a maior produção (232.195 toneladas).

²² Fonte: Anuário Estatístico ABRAF 2013. Disponível em http://www.abraflor.org.br/estatisticas/ABRAF13/ABRAF13_BR.pdf. Acesso em 16/07/2013.

²³ Silvicultura é a atividade que se ocupa do estabelecimento, do desenvolvimento e da reprodução de florestas, visando a múltiplas aplicações, tais como: a produção de madeira, o carvoejamento, a produção de resinas, a proteção ambiental etc. Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura 2010.

No ranking dos 20 maiores municípios produtores, apenas dois não são de Minas Gerais: Alcobaça - BA (42.058 toneladas) e Entre Rios - BA (41.463 toneladas), (**Quadro 7**). Alcobaça-BA é um dos municípios onde a ArcelorMittal realiza o plantio de eucalipto no estado da Bahia.

Quadro 7 - Quantidade produzida e participações relativa e acumulada de madeira em carvão vegetal da silvicultura, dos 20 maiores municípios produtores no país.

Municípios produtores e respectivas Unidades da Federação	Carvão vegetal		
	Quantidade produzida (t)	Participações	
		Relativa (%)	Acumulada
Brasil	3 448.210	100	
1 - Felixlândia – MG	232.195	6,7	6,7
2 - João Pinheiro – MG	218.835	6,3	13
3 - Lassance – MG	174.118	5	18,1
4 - Itamarandiba – MG	150.000	4,4	22,4
5 - Curvelo – MG	149.607	4,3	26,8
6 - Rio Pardo de Minas - MG	116.681	3,4	30,2
7 - Uberlândia – MG	104.959	3	33,2
8 - Buritizeiro – MG	100.615	2,9	36,1
9 - Martinho Campos - MG	77.176	2,2	38,4
10 - Três Marias – MG	68.994	2	40,4
11 - Vazante – MG	63.480	1,8	42,2
12 - Morro da Garça - MG	56.224	1,6	43,8
13 - Pompéu – MG	54.958	1,6	45,4
14 - Montes Claros – MG	50.860	1,5	46,9
15 - Turmalina – MG	47.308	1,4	48,3
16 - Prata – MG	46.453	1,3	49,6
17 - Quartel Geral – MG	42.174	1,2	50,9
18 - Alcobaça – BA	42.058	1,2	52,1
19 - Entre Rios – BA	41.463	1,2	53,3
20 - Bom Despacho – MG	40.991	1,2	54,5

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura 2010.

2.8.2. Constituição e função da ArcelorMittal BioFlorestas

A empresa ArcelorMittal BioFlorestas iniciou suas atividades em 1957 com o nome de CAF (Companhia Agrícola Florestal) Santa Bárbara. A criação da CAF se deu em resposta a uma demanda pela autossuficiência em carvão vegetal para a usina siderúrgica da Belgo. A obrigatoriedade do reflorestamento só aconteceu em 1966, com a lei nº 5.106, de 2 de setembro, que tratava da concessão de incentivos às empresas que empreendiam o reflorestamento. Em 25 de junho de 1975, com a Portaria Normativa nº 10 do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), passou-se a exigir das usinas a autossuficiência do carvão vegetal. Em 1953 teve início um plano de reflorestamento de longo prazo para o abastecimento da usina de João Monlevade.

Na década de 1970 (de 1972 e 1979), houve um aumento considerável da produção de madeira de eucalipto, com a expansão das áreas de reflorestamento da região do Rio Doce (Nova Era, Rio Piracicaba, João Monlevade e Santa Bárbara) para Teixeira de Freitas (BA), Carbonita (MG) e Martinho Campos (MG).²⁴

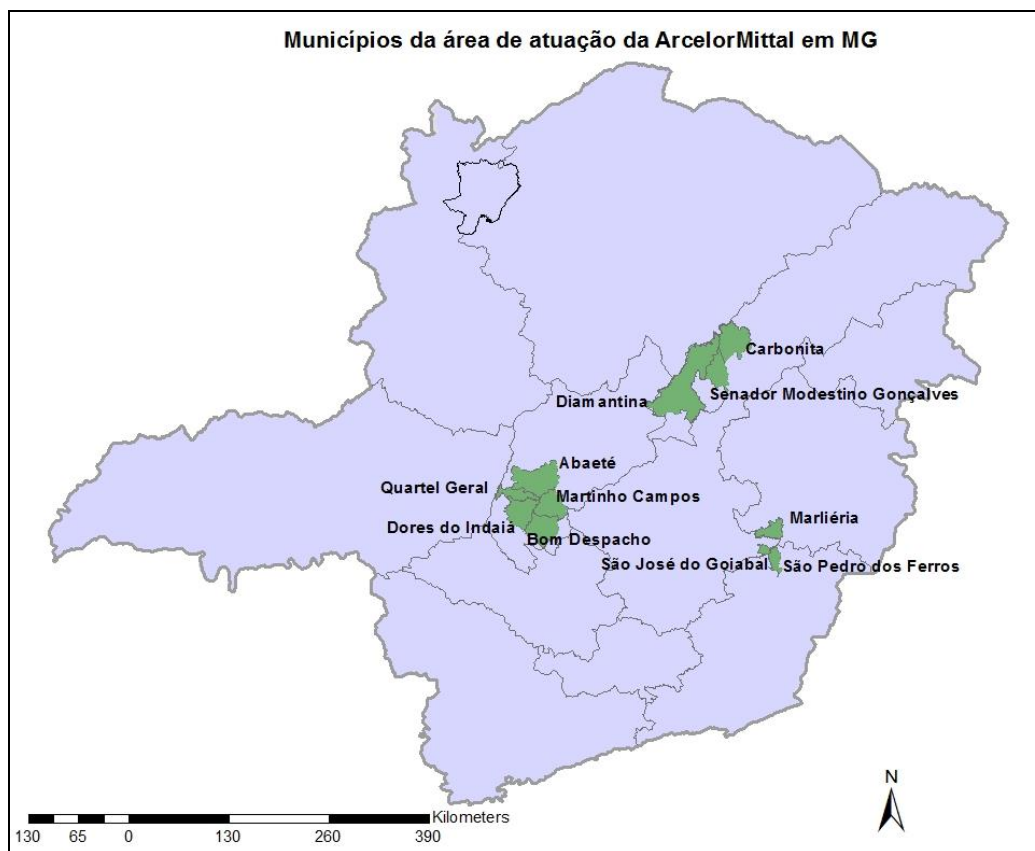
O carvão vegetal produzido nas unidades da empresa se destina às usinas da ArcelorMittal Brasil e ‘Guseiros’ da região de Minas Gerais e Bahia. A capacidade atual de produção é de 1,5 milhão de m³ de carvão vegetal, com previsão de atingir 3,2 milhões de m³ nos próximos anos. Como apontado no **Quadro 7**, três dos 20 maiores produtores de carvão vegetal são os municípios da região central mineira da ArcelorMittal.

O carvão vegetal representa 0,71% de toda a matéria-prima e insumos utilizados na produção do aço, no entanto corresponde a uma área significativa gerando um impacto significativo onde é plantado e extraído. A produção desse carvão é feita pela ArcelorMittal BioFlorestas nas seguintes regiões: Vale do Rio Doce (MG), Norte (MG) e Central (MG)

²⁴ Fonte: Instituto Aço Brasil

Mesmo sendo um elo primário do processo produtivo do aço, as monoculturas de eucalipto representam grande parte do território mineiro, que é o maior produtor de carvão vegetal, como indicamos. Somente a área plantada da ArcelorMittal BioFlorestas na região Central chega a 35.000 ha. A dimensão dessas áreas nos faz questionar quais alternativas produtivas restam para essas regiões impactadas e ainda de que modo elas são beneficiadas com esse tipo de produção. O mapa abaixo situa os municípios de atuação da empresa no mapa de Minas Gerais.

Figura 2 - Mapa de Minas com municípios onde a ArcelorMittal produz carvão vegetal



Fonte: elaboração própria com uso do software ArcGis®

A seguir apresentaremos uma discussão teórica sintética, que, acreditamos, poderá responder aos desafios que o objeto propõe.

3. CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE ANÁLISE PARA ESTUDAR A PROBLEMÁTICA

Tratamos de identificar as categorias de análise com as quais podemos entender a relação de um processo produtivo em escala industrial com um espaço geográfico em pequena escala. Essa escala industrial, à qual nos referimos antes, constitui uma dinâmica própria do *fordismo*. Este implica a realização, por uma empresa, de um só tipo de produto, adotando a confecção de bens em massa, utilizando-se da melhor tecnologia para aumentar o rendimento do trabalhador. Além disso, é uma atividade altamente especializada, sendo que cada trabalhador desenvolve funções específicas na linha de produção.²⁵

No caso a que nos atemos, trata-se de um processo industrial cujo produto final é o aço e mais especificamente seu insumo primário - o eucalipto -, através do uso de extensas áreas de terra e de mão-de-obra localizada. Estamos diante de um grande ator econômico e, presumidamente, de populações bastante dependentes deste. A questão do território, da produção e da organização social são os elementos-chave que nos permitem entender a relação que nos propomos: da ação de um grande ator econômico no nível municipal. No nosso entendimento, a discussão teórica mais adequada para este caso é a de Desenvolvimento Territorial Sustentável, por envolver as dimensões econômicas, sociais e ambientais, pautadas no território.

3.1. Socioeconomia dos territórios

A discussão da socioeconomia dos territórios tem sido o fio condutor para a fundamentação do Desenvolvimento Territorial Sustentável. Se os anos 1980 corresponderam à redescoberta do desenvolvimento local, só nos anos 1990 ganham força os debates sobre desenvolvimento territorial associado à ideia *desenvolvimento sustentável*, como é conhecido atualmente (Lévesque, 2009).

²⁵ Fonte: Fundação Getúlio Vargas – 2013.

O entendimento de território passa pela ideia da construção social de um espaço apropriado pelos agentes sociais que nele habitam; nesse sentido, o território é uma construção social e histórica (Lévesque, 2009; Pecqueur, 2009). Logo, a questão da *territorialidade* “corresponde, precisamente, al modo de apropiación y, más aún, de relación que el hombre y la sociedad establecen con el espacio terrestre.” (Gouëset, 1999, pág. 79). Este espaço é apropriado pelos sujeitos através de sua ocupação, mas também pelo sentimento de pertencimento que se dá no processo de identificação e representação, individual e coletivo, que ultrapassa as fronteiras políticas ou administrativas clássicas. (Gouëset, 1999).

Essa compreensão do território é um passo para compreender o que se denomina desenvolvimento territorial sustentável, mas, além disso, os modos de produção na lógica do território. No modo de produção baseado nos territórios, aparecem novas abordagens: uma, dos Distritos Industriais (DI), cujo expoente é Marshall (Pecqueur, 2009); esta abordagem é assimilada pela de industrialização difusa. São superadas pela de Sistemas Produtivos Localizados (SPL). Agregando à abordagem Marshalliana com uma visão de inovação de Schumpeter, ganha força a linha de “Meios inovadores” (Pecqueur 2001; 2009). Para o “meio inovador”, o território é um dispositivo de inovação.

Os *Distritos Industriais* foram observados por Marshall na Inglaterra, no século XIX, a partir da concentração geográfica de indústrias especializadas. Ele percebeu que a concentração de *know how*, conhecimentos e habilidades favoreciam a inovação e gerava benefícios econômicos. (Vale, 2007).

O modelo de industrialização difusa é caracterizado pela predominância de pequenas e médias empresas, espalhadas territorialmente, mas que formam pequenos aglomerados onde a população tende a desenvolver estratégias de pluriatividade. Ele se destaca pela manutenção de atividades tanto agrícolas, quanto industriais. (PIRES, 1986) A industrialização difusa seria a aproximação de centros de produção, estabelecendo a circulação de bens e informações entre eles. Assim, haveria relações de concorrência com traço de reciprocidade e confiança mútua. Enquanto a *industrialização difusa* refere-se a uma organização particular

de pequenas indústrias tradicionais, o conceito de *SPL* (*Sistemas Produtivos Locais*, ou *Arranjos Produtivos Locais* (*APL*) no Brasil) caracteriza-se pela densidade inter-relações de mercado e não mercado (relações informais), num mesmo aglomerado industrial. É composto por “agentes econômicos, políticos e sociais, localizados em um mesmo território, desenvolvendo atividades econômicas correlatas e que apresentam vínculos expressivos de produção, interação, cooperação e aprendizado.” (Vale, 2007).

A abordagem da *Innovative milieux* (GREMI) busca ir além da SPL. Ela busca se basear no conjunto de relações econômicas e socioculturais existentes em uma área geograficamente delimitada onde um sistema de produção, diferentes atores sociais, uma cultura específica e um sistema de representação formam um todo coerente, e cujas interações produzem processos de aprendizagem coletiva. Essa aprendizagem está intimamente relacionada com o processo de inovação tecnológica enraizada no meio local (*milieux*). (Pecqueur, 2001). O que há em comum com essas abordagens é a busca de alternativas mais localizadas de empreendimentos econômicos, valorizando-se recursos locais, inclusive aspectos não monetários e, até mesmo, intangíveis. Os estudos sobre as dinâmicas produtivas dos territórios têm desenvolvido categorias analíticas que correspondem a formas complexas de territorialidade. No caso que propomos investigar, há uma forma pouco evoluída de territorialidade, à medida que há um território dependente. Segue no quadro 5 uma síntese das abordagens apresentadas:

Quadro 8 – modelos de economia territorial e principais características

MODELO	CARACTERÍSTICAS
<i>Distritos industriais</i>	São áreas de particular especialização geradas por pequenas concentrações de empresas que permitem a competitividade comparável à de grandes empresas.
<i>Industrialização difusa (baseada nos Distritos Industriais)</i>	É caracterizada pela predominância de pequenas e médias empresas, espalhadas territorialmente, formando pequenos aglomerados produtivos. Destaca-se pela manutenção de atividades tanto agrícolas, quanto industriais e mantém um sistema de pluriatividade. (Pires, 1986).
<i>LIS (SPL – Sistemas Produtivos Locais)</i>	São aglomerações de empresas, instaladas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e sustentam vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa.
<i>Innovative milieux (GREMI)</i>	Foco de atenção para inovações tecnológicas decorrentes de vínculos de cooperação e interdependência existentes entre diferentes agentes integrantes de uma rede e presentes em um determinado ambiente.

Fonte: Pecqueur, 2001. Elaboração própria.

A crise do modelo fordista que emergiu a partir da década de 1970 trouxe à tona a importância de se considerar o conteúdo cultural envolvido na dinâmica produtiva (Lévesque, 2009; Pecqueur, 2009). Nesse entendimento, os agentes não são vistos como seres isolados, confrontando-se isoladamente no mercado. Eles podem se reagrupar e apreender, suscitando uma memória coletiva e exercendo uma “racionalidade coletiva” (Pecqueur, 2009). A economia passa ser, então, uma economia de conhecimento. Logo, o modelo de uma economia ‘contextualizada e territorializada’ tende a se impor como uma necessidade atualmente (Lévesque, 2009).

A questão de base da discussão do Desenvolvimento Territorial Sustentável se estabeleceu, inicialmente, com a busca de superação do modelo fordista de produção e a necessidade de dialogar com os territórios, portanto, com as culturas locais. A ideia de um mercado alternativo não é por si uma busca ideológica por um formato distinto de produção, mas se deve à necessidade de uma produção que reflita as relações sociais concretas e não um

modelo abstrato artificial do indivíduo isolado, como do equilíbrio dos mercados e também da padronização da produção. O que temos, do ponto de vista do DTS, é um município inserido num modelo que não favorece a sustentabilidade, cria dependência econômica e política e esgota os recursos naturais. No presente caso, temos o desafio de pensar o conceito ainda numa condição que envolve o mesmo modelo. Nesta perspectiva, os conceitos de território e territorialidade são bastante pertinentes para a nossa problemática.

3.2. Desenvolvimento Territorial Sustentável: definição e perspectivas

É a partir do relatório de Brundtland²⁶ (1987) e da ‘Eco 92’ (Rio de Janeiro, 1992) que se passa a ter uma definição clara sobre Desenvolvimento Territorial Sustentável; e só após a conferência do Rio passou-se a ter como base a Agenda 21 relacionada ao conceito (Vieira, 2009). Antes disso a discussão sobre sustentabilidade caminhava numa linha preservacionista fundamentada na Conferência de Estocolmo, em 1972. Até a década de 1990, o binômio meio ambiente & desenvolvimento não era bem contemplado. (Vieira, 2009).

A comissão de Brundtland definiu o desenvolvimento sustentável como o processo de desenvolvimento “capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações” (Relatório Brundtland, apud Lévesque, 2009, pág. 124). Essa definição permite pensar um esquema de ‘dupla solidariedade’: uma horizontal, em relação aos mais necessitados no presente, e outra intergeracional, ou vertical. Problemas sociais e ecológicos são colocados na pauta nos dois sentidos. Lévesque (2009) aponta que a matriz de desenvolvimento do DTS supera a polaridade fordismo e socialismo, conjugando a preocupação com o meio ambiente e a promoção da elevação da equidade social e geográfica. Em síntese, o conceito de DTS pressupõe o ganho econômico em benefício dos atores de desenvolvimento (empresas, comunidades, governos), aliado necessariamente ao fortalecimento da organização social e do cuidado com o meio ambiente.

²⁶ Relatório Brundtland é o documento intitulado Nosso Futuro Comum (Our Common Future), publicado em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, da ONU.

3.2.1. Dois discursos e o desafio da prática

Lévesque (2009) esclarece que dois discursos predominam na interpretação de desenvolvimento sustentável: um forte, de conteúdo específico (substantivo) e outro fraco (procedural). O discurso forte está pautado na Conferência Rio 92, e seu principal resultado, a Agenda 21. Seus princípios são claros: “prioridade às gerações futuras, à integração das três dimensões seguintes: o econômico (como meio), o social (como finalidade) e o ambiental (como condição) (Gendron, 2005 apud Lévesque, 2009, pág. 126)”. Nesta proposição, o desenvolvimento sustentável só se dá, de fato, através do fortalecimento das esferas não mercantis e não monetárias articuladas a mercados regulados (Laville, 2005, apud Lévesque, 2009).

Por outro lado, a versão fraca sustenta uma definição de desenvolvimento sustentável mais formal do que substantiva, no sentido dado por Polanyi (1992). Ou seja, esta perspectiva está mais vinculada ao tipo de relações do mercado. Neste caso, “o capital natural (a exemplo dos recursos naturais) e o capital técnico são substituíveis – ‘o desaparecimento de uma parte do primeiro pode ser facilmente compensado por um aumento do volume do segundo’ –, o mecanismo do mercado permite essa substituição de tal maneira que existiria ‘um ritmo otimizável de destruição da natureza’” (Maréchal, 2005, apud Lévesque, 2009, pág. 127). Esta versão segundo Lévesque (2009) enfatiza intervenções do ponto de vista da ‘solidariedade filantrópica’ por parte da empresa, em vez de outras duas formas de solidariedade democrática, através do Estado Providência e a da economia social.

A versão forte do DTS coaduna com os pressupostos teóricos precedentes apresentados aqui brevemente. Nessa perspectiva teórica, os bens e serviços não mercantis e não monetários, como a natureza, as relações sociais, a cultura são inerentes à lógica econômica. Além disso, o ser humano é considerado em relação com meio e com o outro, e não um sujeito abstrato, calculadamente atuando com o princípio de maximização do ganho.

No mais, o ganho e a própria vida econômica são meios para se atingir um nível de bem-estar esperado por uma geração, tendo em vista a sobrevivência das gerações futuras. Como lembrou Mueller (1998), as noções de “necessidades”, em especial necessidades básicas, e “limitações” são ressaltadas por essa abordagem. Esses limites seriam aqueles necessários a se impor ao processo produtivo, correspondendo à capacidade do meio ambiente de atender as necessidades presentes e futuras.

Nesse entendimento, a economia é vista de uma perspectiva axiológica, tendo em si um princípio de justiça e levando em conta os valores e perspectivas das populações locais. Por fim, os ativos territoriais são entendidos como recursos e não mercadorias.

Além disso, três questões nos chamam a atenção a partir dessas abordagens de DTS: primeiramente, como o conceito pode ser operacionalizado para obtermos leituras consistentes e favorecedoras de proposições de políticas públicas; segundo, de modo mais específico, como trabalhar indicadores socioeconômicos e ambientais para o tratamento da questão da pobreza. Estas duas questões são bem respondidas por Vieira e Cazella (2006), que apresentam alternativas metodológicas para nossa análise. Em terceiro lugar, temos a questão que envolve o objeto descrito anteriormente. As pesquisas sugerem, do modo comum, pensar - frente a modelos de produção em escala industrial - alternativas que considerem a perspectiva territorial. Neste caso, essa resposta teórica não coaduna com o tipo de produção que estamos tratando, o que exige que se pense a lógica do território em outros termos, não necessariamente pela substituição do modo de produção.

A realidade nos oferece um sistema legitimado de produção, como a cadeia de produção do aço, cujo pressuposto é o livre mercado, a verticalização da cadeia de produção, sendo que o território é apenas um aporte físico para a sustentação dessa cadeia. Essa produção contribui economicamente para os territórios, sendo, de longe, a principal atividade econômica de diversos municípios. Essa mesma produção em grande escala é que permite a sustentação de um grande mercado consumidor, que envolve indivíduos, empresas e governo.

Ao mesmo tempo, a produção industrial da qual tratamos também gera considerável dependência, pois as localidades trabalham em função de um ciclo produtivo e são diretamente afetadas por crises e decisões econômicas diante das quais nada podem fazer - estas que, frequentemente, vão além do contexto nacional. Neste caso, como é possível pensar em desenvolvimento territorial sustentável?

3.3. Desafios do Desenvolvimento Sustentável pela via do *Território*

As novas abordagens da socioeconomia supracitadas têm respondido de forma satisfatória com novos arranjos produtivos aos grandes empreendimentos e ao modelo capitalista tradicional. Contudo, é necessário aprofundar a discussão de novas abordagens que reflitam a produção em escala industrial e perspectivas mais sustentáveis para os territórios. Isso nos leva necessariamente, no nosso caso, à investigação sobre o impacto social e ambiental da produção de eucalipto na cadeia produtiva do aço.

No que diz respeito às abordagens metodológicas encontradas a respeito do desenvolvimento territorial - cuja expressão mais recente se dá com a teoria de Desenvolvimento Territorial Sustentável -, utilizamos como referência o quadro analítico de Vieira e Cazella (2006) e o adaptamos para o nosso trabalho.

3.4. Questões norteadoras e hipóteses:

O caminho percorrido até aqui serviu para visualizar a comunidade de Buriti Grande e o município de Martinho Campos no contexto de produção do aço e, mais especificamente, no que tange à produção de carvão vegetal a partir da madeira de eucalipto. Isso nos permite situar o município em uma configuração mais ampla, no que se refere aos aspectos produtivos, ambientais e sociais. Por essa via, nos detemos em algumas questões.

Primeira questão: quais as consequências socioeconômicas da monocultura de eucalipto, administrada por um grande ator econômico internacional, para o município de Martinho Campos?

Primeira hipótese: o tipo de atividade de monocultura extrai a riqueza da localidade, gera dependência, reduz a biodiversidade e cria obstáculos para o desenvolvimento do município, a médio e longo prazo.

Segunda questão: de que modo a atividade produtiva de eucalipto afeta a organização coletiva (sociedade civil organizada e instituições públicas) do município em questão?

Segunda hipótese: a dependência em relação à atividade econômica resulta em um enfraquecimento das organizações locais e restringe as iniciativas do poder público local.

4. REFERENCIAL METODOLÓGICO DA PESQUISA

4.1. Objetivos da pesquisa

Objetivo geral:

Compreender o impacto da monocultura de eucalipto, dirigida por um grande ator econômico internacional, na trajetória de desenvolvimento de um pequeno município; neste caso, o município de Martinho Campos.

Objetivos específicos:

- Entender o processo de construção da cultura de eucalipto na região.
- Entender o percurso socioeconômico do município de Martinho Campos a partir da entrada da empresa no município.
- Identificar a percepção de lideranças comunitárias sobre o papel da empresa na região e sobre o tipo de atividade desenvolvida.
- Identificar, onde houver, as iniciativas de investimento local para além da questão do eucalipto.
- Compreender o modo como a gestão pública municipal se relaciona com a empresa, buscando identificar a sua compreensão das vantagens e riscos do tipo de atividade e como ela administra essas questões.
- Verificar a fortaleza institucional pública e o dinamismo das organizações produtivas locais.

4.2. Grade analítica

A análise a ser feita tem como referência os subsídios para estudo de caso, propostos por Vieira e Cazella (2006). De modo geral, os autores contemplam dois componentes para compreensão da dinâmica de DTS, que são:

1. A trajetória histórica do processo de desenvolvimento: buscar os principais fatores que condicionaram o atual estágio de desenvolvimento.
 - Nesse ponto, cabe observar as *lógicas de intervenção* do setor governamental, do setor privado e do terceiro setor.

2. Compreensão do “jogo dos atores”, sobretudo os seus posicionamentos diante do contexto atual e das perspectivas de evolução.
 - Vale aqui compreender o posicionamento dos diferentes grupos de atores locais, suas relações com agentes de intervenção externa, os conflitos existentes e suas formas de negociação, a existência de processos de cooperação, e o funcionamento dos sistemas políticos municipais e intermunicipais, dentre outros.

A partir da abordagem teórica feita, percebe-se que ainda há a necessidade de variáveis mais consolidadas para o estudo empírico de desenvolvimento sustentável. Há um esforço, como o de Viera e Cazella (2006), na proposição de um quadro analítico para estudos de caso. Utilizamos da proposta dos autores e adaptamos para o nosso caso de estudo, como se segue:

Quadro 9 – Grade analítica adaptada de Vieira e Cazella (2006). Continua...

DIMENSÃO SOCIAL	Aspectos político-institucionais	Variáveis a serem identificadas
		Percepção de lideranças sobre o papel da empresa no município
		Percepção dos gestores municipais sobre oportunidades e riscos com as atividades da empresa no município.
		- Sistemas municipais de planejamento de longo prazo.
		- Programas governamentais e não governamentais de fomento da ação coletiva voltada para a criação e implantação de estratégias de desenvolvimento local.
		- Nível de descentralização do sistema político (existência e dinamismo de Conselhos Municipais e microrregionais).
		- Leis e normas reguladoras das ações de agentes e instituições econômicas, especialmente aquelas que dizem respeito às condições de apropriação e gestão de recursos ambientais.
		- Transversalidade no planejamento e na condução das políticas públicas.
		- Incorporação da questão ambiental nas agendas do governo local, bem como adoção de medidas para sua implementação.
		- Inovações no sistema de ensino público (execução de projetos transversais pela secretaria municipal de educação).
	Aspectos culturais	- Mecanismos de integração sociocultural (redes associativistas, festas típicas, movimentos sociais etc).
		- Valorização dos saberes e da cultura local através de projetos públicos ou privados.
		- Conexões culturais transescalares (níveis municipal, regional, estadual e/ou nacional).

Continua...

Quadro 9 – Grade analítica adaptada de Vieira e Cazella (2006).

DIMENSÃO ECONÔMICA	Aspectos socioeconômicos	Identificação das variáveis
		- Dados da inserção da empresa no município e região.
		- Nível educacional, de renda/qualidade de vida da população.
		- Sistemas produtivos ajustados à satisfação das necessidades básicas.
		- Instituições e modalidades específicas de economia social e solidária (grau de associativismo, cooperativismo e sindicalismo).
		- Grau e qualidade de empreendedorismo econômico local.
		- Sistemas produtivos localizados e capacidade de inovação tecnológica das empresas.
		- Existência de agricultura familiar e integração deles aos mercados.
		- Níveis de desemprego e ações de alívio à pobreza, diferenciando-se aquelas de cunho assistencialista das que visam à inclusão social das famílias carentes.
		- Articulações da economia local com a dinâmica dos sistemas econômicos nos níveis intermunicipal, regional, estadual, nacional e internacional.
		Divisão das terras no município; forma de utilização da terra pela empresa.
		Tipos de contrato de trabalho administrados na produção de eucalipto; política de cargos e salários.

Continua...

Quadro 9 – Grade analítica adaptada de Vieira e Cazella (2006). Continuação.

DIMENSÃO AMBIENTAL	Aspectos ecológicos	Identificação das variáveis
		- Existência de grupos organizados que assumam a questão socioambiental como diretriz das ações de mudança.
		- Disponibilidade de recursos naturais e sistemas integrados e participativos de gestão.
		- Nível de degradação da qualidade socioambiental e ações em curso visando seu enfrentamento consequente.
		- Articulações institucionais entre os níveis intermunicipal, regional, estadual, nacional e internacional que favorecem o município no aspecto ecológico.
		- Tecnologias e iniciativas utilizadas pela ArcelorMittal em relação à proteção dos recursos naturais.

Fonte: elaboração própria

4.3. Justificativa

Expomos, sinteticamente, algumas razões pelas quais atribuímos relevância a esta investigação:

Razão teórica: a proposta de estudo de caso em torno da discussão de desenvolvimento sustentável permite pensar, agregando aos estudos já realizados, a exequibilidade dessa proposta que tem sido tão ressaltada desde a década de 1990.

Razão socioeconômica: esta proposta também permitirá uma reflexão sobre a distribuição de recursos e sobre as riquezas extraídas dos municípios, assim como a relação de dependência dos mesmos.

Razão político-institucional: o estudo específico dos grupos organizados e das instituições locais auxilia a descoberta de potencialidades possivelmente não ressaltadas na trajetória de desenvolvimento do município, como capacidade de mobilização social, técnicas inovadoras e diversos recursos latentes.

4.4. Metodologia

A nossa proposta atendeu ao propósito de fazer um estudo de caso do processo de desenvolvimento de um território implicado no ciclo de produção aço, mais especificamente o setor de produção de eucalipto da ArcelorMittal BioFlorestas, em Minas Gerais.

Tendo em vista a discussão teórica de desenvolvimento sustentável e o aspecto fundamental do *território*, nosso enfoque se dará nesta perspectiva, de entender aspectos favoráveis e entraves para o seu desenvolvimento, levando em conta a grande inserção da produção do eucalipto pela empresa supracitada na região central e norte de Minas Gerais. A delimitação do território diz respeito aos municípios que a empresa atua, com recorte do município de Martinho Campos. A escolha do município foi feita devido ao fato de ele ser o único que tem a silvicultura (eucalipto) como atividade produtiva principal. A escolha do município, e não de toda a região, permite-nos levantar com maior profundidade os dados desse município.

Foram utilizadas duas formas de levantamento de informações:

- Levantamento de dados secundários - deste modo foi realizado o recolhimento de dados em sites de órgãos governamentais como IBGE, Datasus, além de páginas diversas da internet e em material bibliográfico.
- Levantamento em campo - este meio é realizado fazendo-se observações livres, entrevistas com moradores e representantes de instituições, além de conversas informais que receberam, após sua realização, o devido registro.

Fontes de dados:

Quadro 10 - Possíveis fontes de dados

		Indivíduos	Organizações	Cadeia do aço/eucalipto
Dados primários	Verbais	Entrevistas individuais semiestruturadas com gestão da empresa; Realização de grupos focais (lideranças comunitárias)	Entrevistas individuais semiestruturadas com agentes institucionais, como prefeito local, secretários municipais, gerente da ArcelorMittal, presidentes de associações comunitárias, representante da EMATER, sindicato de produtores rurais.	Entrevista em profundidade com representantes da empresa para levantar a trajetória da ArcelorMittal em Martinho Campos (período, acordos, principais mudanças desde a instalação).
	Visuais	Diário de campo; mapas das plantações de eucalipto.		
Dados secundários		Dados socioeconômicos IBGE; dados da empresa sobre empregados.	Relatórios oficiais de sustentabilidade; relatórios públicos do governo municipal.	Relatórios nacionais da ABRAF.

Fonte: elaboração própria, adaptado de Higgins, 2005

4.4.1. Trabalho de campo:

A escolha dos entrevistados para a pesquisa seguiu os seguintes critérios: para as instituições identificamos os responsáveis por cada uma delas para responder às entrevistas; no caso da população foram identificadas aquelas pessoas que vivem em Martinho Campos desde a

década de 1970 ou que, mesmo tendo mudado de cidade, tinha conhecimento do processo de inserção da ArcelorMittal no município.

As entrevistas e dados conseguidos com os funcionários da empresa foram favorecidos graças ao contato anterior mantido desde a realização do Programa Buriti Grande. Faltaram dados específicos que só a empresa poderia fornecer, mas a mesma não respondeu às solicitações feitas, mesmo tendo ciência delas.

Foram feitas quatro idas a campo nos meses de setembro a dezembro de 2013: a primeira para apresentação da pesquisa e agendamento de entrevistas, que foram realizadas na segunda e terceira idas a campo. A quarta vez se deu para consulta de dados e repetição de algumas entrevistas. Após a terceira ida a campo, o gravador da pesquisa foi roubado do pesquisador, obrigando a solicitar aos moradores do município uma nova entrevista. Depois de feitas as devidas explicações, os entrevistados foram solícitos em responder novamente às perguntas. O quadro de entrevistados segue abaixo:

Quadro 11 – Atores locais identificados na pesquisa de campo

Instituições, lideranças	Tipo de contato
Prefeito	Entrevista realizada
Secretária de Educação	Entrevista realizada
Secretária de Des. Social	Entrevista realizada
Secretária de cultura	Entrevista realizada
Secretária de saúde	Entrevista não realizada
Pres. Sind. Produtores Rurais	Entrevista realizada
Pres. Sind. Trabalhadores Rurais	Entrevista realizada
Resp. EMATER	Entrevista realizada
Lideranças (3 pessoas)	Entrevista realizada
Moradores antigos (3 pessoas)	Entrevista realizada
Fazendeiros (2 pessoas)	Entrevista realizada
Diretor S&D (empresa local)	Entrevista realizada
Comerciante	Entrevista realizada
Encarregado da ArcelorMittal	Entrevista realizada
Funcionário da ArcelorMittal (sindicato)	Entrevista realizada
Sociedade São Vicente de Paulo	Entrevista realizada
Associação A corrente do bem	Entrevista não realizada
Engenheira Ambiental do município	Entrevista realizada

Fonte: elaboração própria

4.4.2. Análise dos dados

A análise dos dados foi obtida utilizando-se a técnica de análise do discurso. Fez-se necessário para isto o uso do software Atlas Ti®. O Atlas Ti® é um software utilizado para a codificação de dados qualitativos, sejam eles arquivos de texto, imagens ou áudios. Nesta pesquisa fizemos o uso do software para as análises das transcrições das entrevistas, ou seja, o formato de texto.

Identificamos algumas categorias da grade analítica e fizemos a leitura de todas as entrevistas e comentários de campo marcando cada trecho de texto correspondente a uma ou mais categorias. Internamente aos textos, o software permite a relação de trechos da mesma entrevista ou entre várias entrevistas. Isto permite confrontar dados divergentes ou corroborar aqueles que apresentam concordância.

Também é possível estabelecer a ligação *entre* as categorias, permitindo a visualização de hierarquias e relações propostas pela pesquisa e identificadas nos textos. Deste modo, o software permite uma leitura mais organizada e possibilita a validação dos dados através das categorias criadas e apresentadas em um fluxograma. Este acaba funcionando como o banco de dados da análise qualitativa. Todos os fluxogramas aparecem no apêndice deste relatório.

5. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

“(...) uma Sociedade não é constituída simplesmente pela massa de indivíduos que a compõem, pelo território que eles ocupam, pelas coisas de que se servem, pelos movimentos que executam, mas, antes de tudo, pela ideia que ela faz de si mesma”.

(Émile Durkheim)

5.1. A trajetória de Martinho Campos a partir da inserção da Arcelormittal no município

Tendo como base os relatos de antigos moradores do município de Martinho Campos, inclusive funcionários da empresa ArcelorMittal BioFlorestas, foi possível fazer memória de fatos marcantes desde a instalação da empresa na localidade e também como era o município nessa época.

Uma moradora lembra que até a década de 1960 havia uma linha de trem que ligava Martinho Campos a Divinópolis. Esta ferrovia era importante no transporte de mercadorias na região e foi fechada em meados da década de 1960. Desde essa época, o principal acesso à região se dá via BR 262/352 e BR 040/MG 420/164.

A instalação da empresa se deu na década seguinte, entre 1973 e 1975. Na época com o nome CAF (Companhia AgroFlorestal), a ArcelorMittal BioFlorestas encontrou um município com uma vegetação típica do cerrado com mata nativa e frutos típicos do bioma.

Segundo Silva e Porto-Gonçalves (2006) a partir da década de 1970 houve forte incentivo às monoculturas em áreas de Cerrado, reproduzindo a ideia de que essas culturas significariam reflorestamentos de tais regiões, sem considerar o devido valor do bioma original. Os autores ressaltam que “Na década de 1970 se considerava o Cerrado como um conjunto de árvores baixas, tortas, feias e inúteis. Sua biodiversidade era irrelevante.” (pág. 57). Nesta lógica o plantio de monoculturas como o eucalipto desestabilizou a agricultura familiar em Minas Gerais, provocando a saída da população do campo. É nesse contexto que ocorre a inserção da

ArcelorMittal no município de Martinho Campos, que apresenta, no entanto, algumas especificidades.

Quem acompanhou as mudanças do município nos últimos 40 anos lembra-se da mudança da paisagem e da perda da biodiversidade que havia ali antes das plantações de eucalipto. Alguns frutos típicos do cerrado, como o araticum, o buriti, e a gabioba são estranhos à população mais jovem do município, pois são pouco vistos na região. Contudo, ainda restam frutos característicos como os pés de pequi e cagueiteiras, comumente localizadas às margens das estradas. Os animais típicos do bioma diminuíram, cabendo a eles apenas as áreas preservadas. Um funcionário da empresa relata que não há animais nas plantações porque não há alimento. Motivada por isso, uma moradora desenvolveu o hábito de colocar alimento para os pássaros que ainda aparecem no seu quintal.

Na **Figura 3** vê-se uma imagem atual das plantações de eucalipto da empresa e trechos de mata nativa conservados à beira da estrada.

Figura 3 – Martinho Campos. Talhões de eucalipto nas proximidades da MG 164



Fonte: pesquisa de campo 2013

Um fazendeiro descreve com detalhes o processo de desmatamento na fase de preparação do solo e implantação dos primeiros talhões de eucalipto naquele território.

(N) A fase que ela (a ArcelorMittal) se instalou aqui, nos anos 70, ela devastou a região. Passou um correão no cerrado e arrancou tudo. Sem preocupar com reserva, nem nada. Naquela época existia a lei da reserva legal, mas isso não era visto. Ela limpou tudo. Os plantios dela não tinham nenhum tipo de contenção, nem de água, nem de terra, nem de nada. As divisas com os vizinhos dela eram feitas através de grades e de trator. Todo ano ela passava a grade em todas as divisas. Essa terra removida pelas grades era levada pela chuva até as nascentes, para os córregos e para as lagoas. Assoreou demais as nascentes (...). Na região que ela instalou os eucaliptos as nascentes acabaram em função do assoreamento das terras soltas. Chovia e a terra corria para baixo.

(Depoimento de um produtor de leite do município)

Antes do investimento na monocultura do eucalipto já havia produção de carvão vegetal pelo plantio deste tipo de árvore, o que era feito com o uso da mata nativa local, todavia era uma produção adotada por pequenas carvoarias e numa escala pouco notável.

A agropecuária era a principal atividade produtiva no município na década de 1970, entretanto, também em pequena escala. Havia ainda um trabalho precário no corte de cana e colheita de café na região, cuja atividade atraía a mão de obra local. A pecuária leiteira, desde aquela época, sobressaía-se em relação à agricultura de subsistência que caracterizava o uso das terras pelas famílias naquela ocasião. Os principais produtos da lavoura eram mandioca e grãos como arroz, milho e feijão.

Nesse contexto, a empresa foi adquirindo as terras dos proprietários rurais, oferecendo, de imediato, alternativa mais rentável para eles, pois até aquele momento, poucos conseguiam obter renda com a terra. Devido a isto, deu início uma mudança da paisagem e da distribuição do solo no território, onde a cobertura vegetal - com árvores de porte médio e baixo, além de campos com vegetação rasteira - passa a apresentar grandes quarteirões de árvores eretas, altas, com alguns corredores entre si e pouca vegetação dentro deles (cf. Figura 4).

Figura 4 – Martinho Campos. Acesso ao povoado de Buriti Grande



Fonte: SESI-MG - Programa Buriti Grande 2011

Outro fato diz respeito ao trabalho prestado para os fazendeiros. O mesmo era considerado de baixa remuneração e por vezes era pago diretamente com alimentos. Estes eram, com frequência, comprados em mercados previamente estabelecidos pelos patrões, ou seja, um regime de trabalho pré-moderno. Assim, os trabalhadores da cidade e das comunidades viram na CAF uma grande oportunidade, que era obter um trabalho em regime CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Com a carteira assinada, tiveram acesso a partir dali a uma renda que não tinham via trabalhos anteriores e vislumbraram a autonomia no uso do salário pago mensalmente.

Apesar desta conquista, antigos funcionários apontam para condições de trabalho com pouca segurança no início das atividades no plantio de eucalipto pela ArcelorMittal. Uma antiga funcionária descreve as condições de trabalho ainda pouco regradas em padrões de segurança e bem-estar dos funcionários. Ela aponta um processo pouco mecanizado e, por isto, bastante

dependente do trabalho manual para garantir o plantio adequado no início do empreendimento.

(...) e a máquina ia fazendo os trilhos, e cada um tinha seu espaço de plantar, e vinha outra máquina soltando as mudas, aí você tinha que dar conta da produção, eu era rápida, eu me lembro de ficar o dia todo abaixada, com um machadinho, fazendo cova, rasgando saquinho e plantando. Correndo, passando para outra. Era horrível. Por isso que eu não gostava. Mas também fiquei pouco tempo nele. E adubando era bom. E quando chovia a gente rasgava aquele saco de adubo e vestia para proteger um pouco. Porque não tinha capa nessa época nem nada. Sem contar que tinha uma vendinha pequenininha aqui, e papai vinha comprar uma botina para nós e comprava um número que não servia, porque a venda era pequena, então não tinha aquela variedade de números; e a gente precisava trabalhar, então levava. E acabava com nossos pés.

(Depoimento de uma comerciante e antiga moradora do município)

Nesta época as estradas não eram asfaltadas, como são hoje, pelo menos, os acessos principais às plantações. O transporte de funcionários era feito por caminhões e eles eram levados nas carrocerias; a empresa não fornecia na época os equipamentos necessários como botina e uniforme. Ela passou a fornecer estes equipamentos em meados da década de 1980. Há relatos de que benefícios significativos foram alcançados no final dessa década, especialmente a partir de 1988 com o estabelecimento da nova Constituição. Segundo um funcionário, antes disso a remuneração em dinheiro era maior e a partir daí eles adquiriram mais benefícios e menor remuneração em dinheiro. Isto se verifica nos aspectos atinentes aos direitos sociais da Constituição de 1988. Com o novo regime constitucional, os trabalhadores tiveram seus direitos ampliados em relação ao que vigorava no regime CLT da época. As seguintes definições foram incorporadas ao texto constitucional de 1988:

- salário-mínimo mais amplo, para abranger os gastos com educação e lazer ;
- jornada semanal de 44 horas;
- adicional de 50% para as horas extras;
- abono de 1/3 sobre as férias;
- licença-paternidade;
- aviso prévio proporcional ao tempo de serviço;
- adicional de pensidade;
- proteção em face da automação; e
- prescrição quinquenal dos créditos trabalhistas.

(Filho, 1999)

5.1.1. Percepção da população sobre a empresa na década de 1970 e mudanças no município

A chegada da empresa em Martinho Campos na década de 1970 foi vista de forma ambivalente por uns e de forma crítica por outros setores do município, como foi o caso das pessoas afetadas pelo assoreamento das nascentes e por alguns que recebiam trabalhar para um desconhecido. Para outros, a empresa significou a “solução para os problemas”, a estabilidade dos ganhos que não tinham com a colheita. O plantio era muito suscetível às mudanças no clima e tinha pouco suporte tecnológico. Os mais desconfiados com a novidade foram aos poucos cedendo, tendo em vista os ganhos daqueles que começaram a trabalhar para a empresa.

Os ganhos salariais visíveis desde o primeiro momento na implantação da monocultura deflagraram mudanças sociais significativas na região estudada, tanto no âmbito intrafamiliar como extrafamiliar, de acordo com os entrevistados. Um exemplo disto é o que aponta um fazendeiro quando fala da percepção da comunidade sobre a chegada da ArcelorMittal no município:

Foi bom demais. Todo mundo pensou: as coisas vão melhorar. No início, nos primeiros meses, o pessoal ficou meio desconfiado: Ah, vamos trabalhar pra quem não conhecemos, será que vamos receber? Bom, sempre existem os primeiros que vão. Aí foram os primeiros, e foi bom, todo mundo comentou do salário que ganhou. E o pessoal animou. Primeiro foram os homens. E depois começaram a contratar as mulheres. Aí a vida de todo mundo melhorou, porque eram homem e mulher trabalhando ao mesmo tempo. Antigamente aqui só funcionava assim: homem trabalhando e mulher dentro de casa, porque não tinha trabalho para a mulher. A mulher começou a se sentir até útil e ficou mais independente com a chegada da ArcelorMittal.

(Depoimento de um produtor de leite do município)

A descrição do entrevistado aponta para duas mudanças significativas: o aquecimento da economia local com o rendimento obtido com a nova atividade e também a inserção da comunidade no mercado de trabalho formal, especialmente das mulheres. Isto nos faz entender o estabelecimento de novas relações de gênero e novos comportamentos advindos do poder de compra. A capacidade de escolha iniciada com uma independência financeira significou para alguns uma postura mais crítica. Deste modo, afirma um entrevistado:

Depois da chegada da empresa o salário das pessoas melhorou, começou a correr mais dinheiro. (...) As pessoas começaram a crescer e a reivindicar. De acordo com o relacionamento com outras pessoas elas foram aprendendo a reivindicar as coisas.

(Depoimento de um morador antigo e funcionário da empresa)

Outra pessoa imagina um município abandonado, caso a empresa não tivesse ido para a região:

(...) eu acredito que sem a Arcelor na região o município aqui praticamente não existiria. Porque os fazendeiros são muito fracos. Hoje são poucos que oferecem emprego para três ou quatro funcionários. Mais é um ou dois, é muito fraco. Então eu acho que se não fosse o eucalipto o Buriti Grande seria um monte de buritis grandes, aqueles buritis, seria quase um brejo.

(Depoimento de uma comerciante e antiga moradora do município)

Somando-se à ênfase que a comerciante dá à importância da empresa, nota-se também a percepção que a comunidade tem do potencial agropecuário que há ali. Por isto é de se entender porque a agropecuária não chama a atenção dos trabalhadores, que encontram na cidade ou nas áreas de eucalipto oportunidades mais vantajosas. É comum a queixa dos fazendeiros da região de que faltam pessoas para trabalhar nas áreas rurais, nos serviços da produção agropecuária.

De outro modo, algumas mudanças são claramente atribuídas à inserção da ArcelorMittal BioFlorestas no município; o que faz muito sentido, tendo em vista que ela se tornou o principal agente econômico local e outras empresas importantes surgiram como suporte à ela ou pelas circunstâncias estabelecidas após sua instalação. Quanto a essas mudanças podemos afirmar que houve a melhoria do comércio; ampliação do setor de serviços, como o surgimento de empresas de transporte, empresas de produção de mudas, postos de gasolina, alimentação, venda e manutenção de máquinas; e outros serviços relacionados às suas atividades.

Contudo, outras empresas foram para o município, por motivos diversos, umas ligadas às atividades da silvicultura, outras com focos bem distintos. Atualmente, em Martinho Campos há várias empresas com importância semelhante à ArcelorMittal. A Santos e Dias (S&D), por exemplo, atua no ramo de eucalipto e já se expandiu para outras áreas, como postos de

gasolina, venda de peças, madeiras e produção de mudas, locação de equipamentos, transporte de funcionários; além de possuir extensas áreas de eucalipto plantadas em outros municípios. Atualmente o grupo S&D emprega mais que a ArcelorMittal em Martinho Campos – conforme informações do sindicato dos trabalhadores da indústria extrativa – e contribui mais para o município em termos de tributos, especialmente ICMS, de acordo com o proprietário da empresa S&D.

Mesmo sendo do ramo da ArcelorMittal BioFlorestas não se nota concorrência entre elas, ocorrendo até mesmo prestação de serviço entre as duas. O mercado de combustíveis apresenta altas receitas, pois além da Skala Auto Posto (do grupo S&D) há também a Moderna, que acumula valores altos. Duas outras empresas se instalaram no município mais recentemente e são de ramos distintos da silvicultura: a Vaccinar, do mercado de suínos e o Frigorífico Alvorada, do ramo de suínos e aves. As duas empresas, especialmente a última, apresentam-se como alternativas de emprego e novas investidoras no município de Martinho Campos.

5.1.2. Análises complementares

Além de conhecermos melhor a trajetória do município de Martinho Campos, a partir da inserção da ArcelorMittal no município, podemos ainda fazer algumas observações. Primeiramente, a forma de plantio do eucalipto modificou-se bastante da década de 1970 até os dias atuais. O aumento do rigor da legislação ambiental e trabalhista fez com que a empresa corrigisse os problemas relatados tanto de degradação ambiental como de trabalho precário.

As condições favoráveis que a empresa encontrou na sua entrada no município lhe permitiu a aquisição de um montante de terras, que faz dela proprietária de extensas áreas atualmente, em torno de 8.000 ha em Martinho Campos. Somando todas as terras da ArcelorMittal BioFlorestas na região Centro-Oeste há 24.221,32 ha de áreas plantadas e 34.518,17 ha de área total da empresa.

A aquisição de terras de pequenos produtores rurais e o investimento no plantio do eucalipto mudou a configuração produtiva do município de Martinho Campos, assim como mudou profundamente a paisagem e a biodiversidade características do bioma Cerrado daquela região.

A visão da população construída em torno da ArcelorMittal revela a forte ligação da comunidade com a empresa. Por sua influência na vida da comunidade local, a empresa reúne em torno de si uma supervalorização por parte dessa população, prevalecendo uma crença de que, sem sua presença no município, este estaria fadado à decadência.

5.2. O cenário atual das atividades econômicas em Martinho Campos

5.2.1. Atividades econômicas

O Produto Interno Bruto - PIB constitui-se num dos principais indicadores agregados da economia municipal, pelo fato de apontar os valores da riqueza produzida, dentro de cada município, no período de um ano. Desta forma, sua análise possibilita uma visão geral do perfil econômico municipal.

De acordo com dados do IBGE, 2012, o PIB de Martinho Campos está composto assim: 47,67% de serviços, 31,95% da agropecuária e pouco mais de 13,74% para a indústria, conforme o **Quadro 12**. De início, entende-se que o cenário atual é marcado pelo setor de serviços como gerador de renda local, seguido pelo setor agropecuário. Todavia, o setor de serviços deve ser observado, tendo em vista os outros setores que impulsionam a economia local, pois ele expressa o dinamismo dos demais. Ou seja, na medida em que a agropecuária e a indústria aumentam a produção, os serviços acompanham esse crescimento.

Nesta análise precisamos distinguir quais atividades contribuem mais para a geração de renda e trabalho em Martinho Campos, pois, considerando o valor agregado do PIB já sabemos que se trata do setor da agropecuária, como um todo. No entanto, este levantamento não distingue entre a agricultura, a pecuária e a silvicultura, uma vez que elas são consideradas juntas no valor atribuído à agropecuária.

Quadro 12 – PIB e valor adicionado bruto²⁷ por setor - Martinho Campos

Martinho Campos - Produto Interno Bruto dos Municípios 2011	2011	2006
Valor adicionado bruto (VAB) da agropecuária a preços correntes	59.653.000	28.357.000
Valor adicionado bruto (VAB) da indústria a preços correntes	25.653.000	11.373.000
Valor adicionado bruto (VAB) dos serviços a preços correntes	89.004.000	49.314.000
Impostos sobre produtos líquidos de subsídios a preços correntes	12.368.000	7.258.000
PIB a preços correntes	186.678.000	96.302.000

Fonte: IBGE, em parceria com os órgãos estaduais de estatística, secretarias estaduais de governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA.

Sendo assim, é necessário mostrarmos como se dá a ocupação do solo pelos setores de atividade, para depois apontar os valores de produção de cada um deles.

5.2.2. Uso do solo e atividades econômicas em Martinho Campos

Por onde se passa no município de Martinho Campos ficam evidentes as extensas áreas de eucalipto, que marcam a paisagem da região. Os trechos de vegetação de campo, característicos do cerrado, aparecem contíguos às plantações de eucalipto. O que não é visível, sem um olhar mais cuidadoso, é a segunda atividade predominante no município: a agropecuária. Isto pode ser verificado tanto pelas áreas de lavouras, assim como pelas áreas de pastagens, e mais ainda com os dados da produção em cada setor. Para tanto, inicialmente podemos analisar as formas de uso do solo no município e depois ver mais detalhadamente o rendimento das atividades principais.

²⁷ O VAB (Valor Adicionado Bruto) é um conceito de Contabilidade Social que mede o que é produzido em um determinado período numa determinada região e corresponde ao valor bruto da produção subtraído dos insumos consumidos no processo produtivo (consumo intermediário). Os dados disponíveis para o VAB compõem o valor do PIB (Produto Interno Bruto), cujo total também precisa ser acrescido do saldo líquido de impostos e subsídios. Assim, o PIB é geralmente um agregado ligeiramente superior à soma dos valores adicionados brutos em cerca de 3% a 7%.. (http://www.campus2.br/projeto/diag_se/renda.html)

A área da unidade territorial de Martinho Campos equivale a 1.048,099 quilômetros quadrados (Km²), o que corresponde a 104,809,9 hectares (ha). No município existem 1.464 estabelecimentos agropecuários²⁸, que somam 47.977 hectares (**Quadro 13**). Além desta área, o Inventário Florestal de Minas Gerais identificou, em 2007, 16.695,56 ha de eucalipto plantados no território municipal (não contabilizados dentro dos quase 50 mil hectares de estabelecimentos agropecuários). Pelo menos metade desta área é propriedade da ArcelorMittal BioFlorestas, de acordo com o representante do sindicato dos trabalhadores da indústria extrativa. Somando-se os estabelecimentos agropecuários à área de eucalipto, obtém-se 64.673 ha de cobertura vegetal no território de Martinho Campos.

De toda a área, as principais formas de utilização das terras são o eucalipto (25,82 % da cobertura vegetal), as pastagens (sejam as plantadas em boas condições ou as naturais, que somadas chegam a 36,09%), e as áreas de lavouras (17,12 %). Em conjunto estas áreas ocupam 79,03% de toda área de vegetação identificada. Elas expressam o uso intensivo das terras locais com a plantação de eucalipto e indicam grandes áreas favoráveis à pecuária e ainda as que já são utilizadas para agricultura.

Os relatos dos representantes dos sindicatos e outras instituições locais ressaltam a diminuição dos postos de trabalho ocorrida devido à mecanização crescente no processo produtivo, tanto na silvicultura, como na agropecuária. Este processo de mecanização permite uma produção em grande escala com o uso menor da força de trabalho humana. Os dados apontam, de fato, para uma produção intensiva, como pôde ser examinado com o levantamento do uso do solo.

²⁸ O IBGE denomina “estabelecimentos agropecuários” todo terreno de área contínua (urbana ou rural), subordinado a um único produtor, onde se processa uma exploração agropecuária, ou seja: o cultivo do solo com culturas permanentes ou temporárias, inclusive hortaliças e flores; a criação, recriação ou engorda de animais de médio e grande porte; a criação de pequenos animais; a silvicultura ou o reflorestamento; e a extração de produtos vegetais.

Quadro 14 - Município de Martinho Campos. Utilização das terras 2006

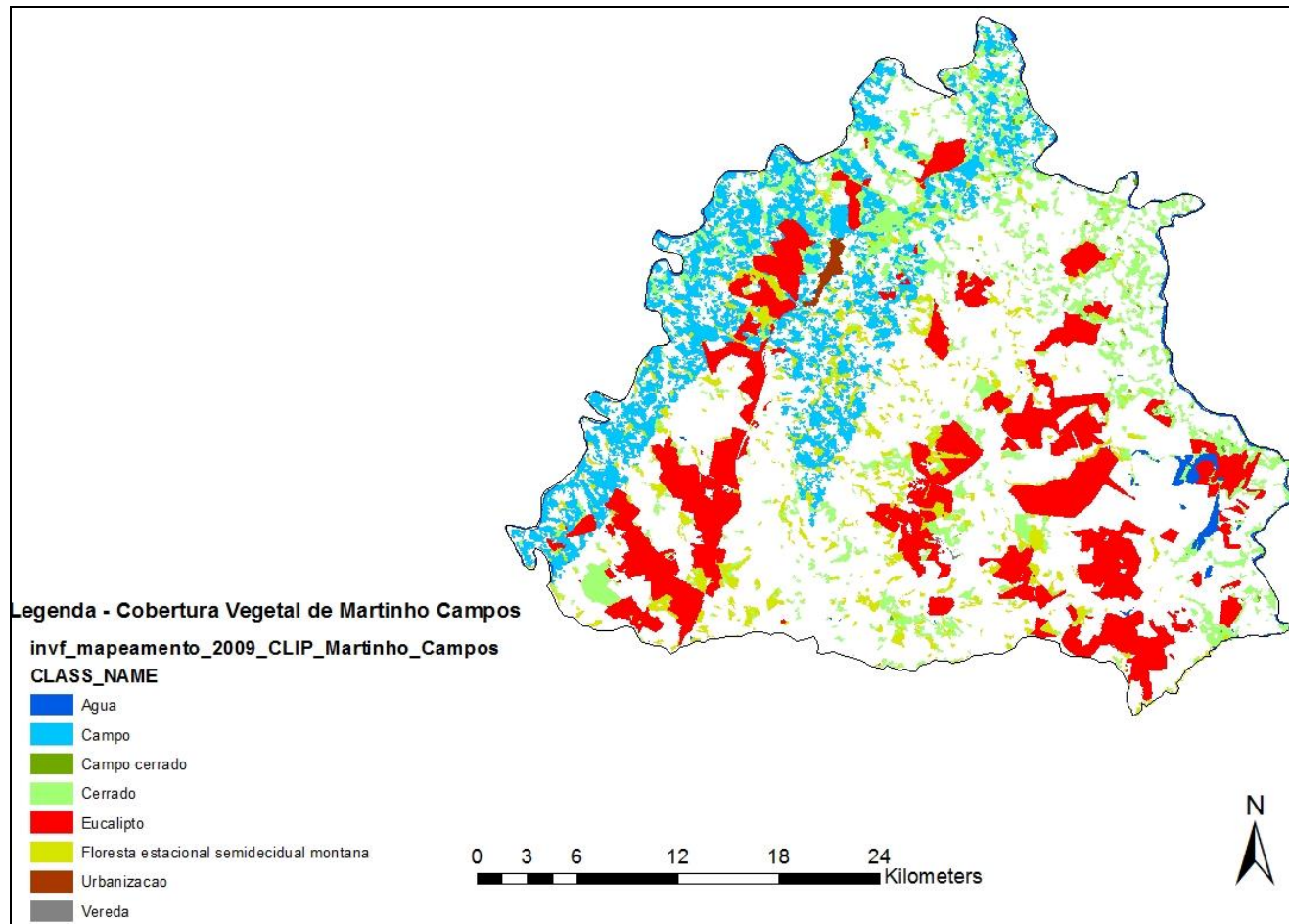
Utilização das terras	Número de estabelecimentos agropecuários		Área (hectares)	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Lavouras – permanentes	92	6,28	7.623	11,79
Lavouras - temporárias	139	9,49	3.450	5,33
Lavouras - área plantada com forrageiras para corte	126	8,61	1.989	3,08
Lavouras - área para cultivo de flores (inclusive hidroponia e plasticultura), viveiros de mudas, estufas de plantas e casas de vegetação	3	0,20	3	0,00
Pastagens – naturais	214	14,62	8.864	13,71
Pastagens - plantadas degradadas	60	4,10	2.233	3,45
Pastagens - plantadas em boas condições	215	14,69	14.474	22,38
Matas e/ou florestas - naturais destinadas à preservação permanente ou reserva legal	141	9,63	5.484	8,48
Matas e/ou florestas - naturais (exclusive área de preservação permanente e as em sistemas agroflorestais)	20	1,37	870	1,35
Matas e/ou florestas - florestas plantadas com essências florestais	2	0,14	-	0,00
Sistemas agroflorestais - área cultivada com espécies florestais também usadas para lavouras e pastejo por animais	16	1,09	326	0,50
Tanques, lagos, açudes e/ou área de águas públicas para exploração da aquicultura	98	6,69	327	0,51
Construções, benfeitorias ou caminhos	292	19,95	1.432	2,21
Terras degradadas (erodidas, desertificadas, salinizadas, etc.)	10	0,68	481	0,74
Terras inaproveitáveis para agricultura ou pecuária (pântanos, areais, pedreiras, etc.)	36	2,46	421	0,65
EUCALITO ²⁹			16.695,56	25,82
Total	1.464	100,00	64.673	100,00

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário Municipal, 2006.

²⁹ Os dados da produção de eucalipto foram levantados em campo.

A Figura 5 apresenta bem a distribuição da cobertura vegetal do município de Martinho Campos. Ela permite ver a extensão dos talhões de eucalipto e ainda as áreas de campo, comumente utilizadas para a pecuária e agricultura.

Figura 5 – Martinho Campos. Cobertura Vegetal 2009



Fonte: Elaboração própria com uso do *software ArcGis®*, a partir dos dados do Inventário Florestal de MG.

Observando os dados da produção fica evidenciada a distribuição da cobertura vegetal vista acima. Apesar de a impressão inicial indicar para uma atividade produtiva predominante, o eucalipto, os dados apontam para dois ramos produtivos principais no município: a produção de carvão vegetal na silvicultura e a produção de leite, principal produto da pecuária. Este dado é importante para analisarmos se há dependência de Martinho Campos em relação à silvicultura e, se sim, como ela acontece.

Dentro ainda do setor da agropecuária aparece a agricultura, em terceiro lugar e com números bastante discretos. No caso das lavouras permanentes, por exemplo, o único produto é o maracujá; enquanto as lavouras temporárias apresentam maior diversificação. (Quadros 15 e 16).

Quadro 15 - Município de Martinho Campos. Lavoura Permanente 2011

Produto	Quantidade (tonelada)	Valor da produção (mil reais)	Área Plantada (hectares)	Área Colhida (hectares)	Rendimento da Produção (quilogramas por hectare)
Maracujá	80	56	4	4	20.000
Total	80	56	4	4	20.000

Fonte: IBGE, Produção da Pecuária Municipal 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

Quadro 16 - Município de Martinho Campos. Lavouras temporárias 2011

Produto	Quantidade (tonelada)	Valor da produção (mil reais)	Área Plantada (hectares)	Área Colhida (hectares)	Rendimento da Produção (quilogramas por hectare)
Abacaxi (frutos)	80	152	4	4	20.000
Cana-de-açúcar	6.174	370	98	98	63.000
Feijão (em grão)	15	27	25	25	600
Mandioca	1.644	1.446	120	120	13.700
Milho (em grão)	9.500	4.512	2.500	2.500	3.800
Soja (em grão)	1.250	887	500	500	2.500
Total	18663	7394	3247	3247	103600

Fonte: IBGE, Produção da Pecuária Municipal 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

Mesmo com a diversificação maior da produção em relação à lavoura permanente, a lavoura temporária apresenta dois destaques: as toneladas produzidas de milho e cana-de-açúcar.

A pecuária, entretanto, destaca-se pelo volume das criações e, principalmente, pelos valores atingidos pela pecuária leiteira. O volume de leite produzido cresceu de 2011 a 2012, aumentando o valor de produção. Este, que por sua vez, superou, em 2012, o valor de produção do carvão vegetal da silvicultura, considerada a atividade mais forte do município. Atualmente, o leite produzido no município atende, pelo menos cinco empresas do ramo. Além disso, há uma cooperativa do município vizinho, a Cooperativa Agropecuária de Bom Despacho (COOPERBOM), que atua em Martinho Campos. Ela produz laticínios e também fornece para empresas grandes que se abastecem ali. A COOPERBOM não tem o número de associados pertencentes a Martinho Campos; de acordo com o Sindicato de Produtores Rurais da cidade há diversos produtores distribuídos em pequenas propriedades. Um produtor relata que as pequenas unidades fornecem em torno de 200 litros de leite por dia, enquanto as grandes fazendas chegam a render de 1.000 a 3.000 litros por dia, mas nesta quantidade não há nem uma dezena de pecuaristas. Não obstante, de acordo com esse fazendeiro, o preço por litro pago a quem fornece pequenas quantidades de leite é menor do que quem pode oferecer uma quantia maior. São pagos, normalmente, R\$ 0,92 por litro para os pequenos produtores e R\$ 1,00 aos maiores. Considerando a quantidade de leite produzido em 2011 e 2012 (**Quadro 17**) e a média de produção informada pelo entrevistado, estimamos que haja em torno de 500 produtores de leite no município.

Quadro 17- Município de Martinho Campos. Pecuária 2011 e 2012

Martinho Campos - Pecuária	Unidades 2011		Valor da prod. (reais) 2011	Unidades 2012	Valor da prod. (reais) 2012
Leite de vaca - produção – quantidade	31.540.000	litros	25.863.000	41.832.000	35.557.000
Bovinos - efetivo dos rebanhos	57.548	cabeças		59.418	
Vacas ordenhadas – quantidade	14.560	cabeças		16.732	
Galinhas - efetivo dos rebanhos	19.885	cabeças		19.288	
Galos, frangas, frangos e pintos - efetivo dos rebanhos	748.951	cabeças		694.865	
Suínos - efetivo dos rebanhos	3.259	cabeças		22.685	
Equinos - efetivo dos rebanhos	1.207	cabeças		1.185	
Codornas - efetivo dos rebanhos		cabeças			
Caprinos - efetivo dos rebanhos		cabeças			
Muares - efetivo dos rebanhos	41	cabeças		41	
Bubalinos - efetivo dos rebanhos	18	cabeças		18	
Ovinos - efetivo dos rebanhos		cabeças			
Lã - produção – quantidade		Kg	-		
Ovos de galinha - produção – quantidade	99.000	dúzias	219.000	96	241.000
Ovinos tosquiados – quantidade		cabeças			
Asininos - efetivo dos rebanhos	2	cabeças		2	
Mel de abelha	725	Kg	6.000		

Fonte: IBGE, Produção da Pecuária Municipal 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

A produção da Silvicultura, contabilizada em seu produto final, o carvão, foi alta em 2008, diminuiu pouco a pouco nos anos seguintes e em 2012 foi menor, considerando o valor de produção, do que os resultados da pecuária leiteira. Em 2012, foram produzidos em Martinho Campos 41.832.000 litros de leite, cujo valor de produção foi de 35.557.000 reais. No mesmo

ano a silvicultura rendeu 63.568 toneladas de carvão vegetal, tendo como valor de produção o total de 34.962.000 reais (**Quadro 18**). Portanto, neste aspecto, a silvicultura não sobressai em relação à pecuária leiteira.

Quadro 18: Município de Martinho Campos. Extração vegetal e silvicultura

Produção - Extrativismo/ Silvicultura	Município de Martinho Campos (Produção/quantidade)						
	Produção 2012	VALOR DA PRODUÇÃO 2012 (reais)	Produção 2011	VALOR DA PRODUÇÃO 2011 (reais)	Produção 2010	Produção 2008	Produção 2006
Madeiras - carvão vegetal (toneladas)	42	15.000	146	51.000	158	189	242
Madeira - lenha (metros cúbicos)	363	15.000	1.000	24.000	1.068	1.119	1.328
Madeira - em tora (metros cúbicos)			37	6.000	35	39	39
Silvicultura - carvão vegetal (toneladas)	63.568	34.962.000	72.283	36.864.000	77.176	116.441	32.828
Silvicultura - lenha (metros cúbicos)	20.197	808.000			-	-	-
Silvicultura - madeira em tora (metros cúbicos)	38.456	5.768.000			-	17.836	-
TOTAL	122.626	41.568.000	73.466	36.945.000	78.437	135.624	34.437

Fonte: IBGE - Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura 2012, 2010 e 2005.

Um dado importante sobre a atividade econômica do município se refere às principais empresas e seus respectivos ramos que mais contribuem para o município em termos de tributação. Sendo assim, buscamos identificar quanto cada empresa, de cada setor de atividade contribui para o município em termos de tributos. Entretanto este dado desagregado não foi fornecido por nenhum órgão, de modo que não obtivemos com precisão os impostos pagos por cada empresa ao município ou, pelo menos, pela ArcelorMittal BioFlorestas. Os responsáveis pelo setor de contabilidade da prefeitura e de uma contabilidade particular informaram não ter disponíveis este dado. A ArcelorMittal, por sua vez, não respondeu à nossa solicitação de informações, entre elas os dados de impostos pagos ao município.³⁰ No entanto, através de contatos informais com o setor jurídico da empresa, fomos informados que a tributação é feita sobre o produto final, ou seja, sobre o carvão vegetal que é vendido para as usinas siderúrgicas do grupo ArcelorMittal.

Contudo, obtivemos o valor de saídas tributáveis (vendas) por cada empresa situada em Martinho Campos em 2012. Esta informação permite certamente identificar aquelas com maior volume de vendas e, indiretamente, as que mais contribuem para arrecadação de ICMS. A referência para isto são as saídas VAF (Valor Adicionado Fiscal). O Valor Adicionado Fiscal indica valores faturados pela empresa sobre os quais são recolhidos os impostos. O ICMS é o que incide sobre as saídas (vendas). É um modo indireto de avaliar o peso dessas empresas para a economia local e para a arrecadação municipal. Se a tributação é feita sobre o produto final, os valores das saídas permitem listar os principais contribuintes do município neste aspecto específico das vendas.

Salientamos que o ICMS é um imposto estadual que, após as deduções feitas pela Secretaria Estadual de Fazenda (SEF), retorna para o município. Em 2012, foram recolhidos em Martinho Campos 5.439.029,95 reais em ICMS, dos quais retornaram 3.522.065,11 para o município.

Tendo em vista que o registro das várias atividades desenvolvidas por uma empresa desencadeia diversas inscrições estaduais (registro legal de uma empresa), agregamos os dados de saídas para avaliarmos o grupo ao qual a empresa registrada pertence. No caso da

³⁰ Foi solicitado ao escritório da ArcelorMittal BioFlorestas em Martinho Campos tanto dados de tributação, trabalho, assim como informações sobre a dinâmica produtiva do eucalipto plantado na região. Até o momento da revisão deste texto não havia sido fornecido pela instituição nenhum retorno sobre os dados solicitados.

Santos & Dias, por exemplo, foram adicionados os valores da *Skalla Auto Posto*, por fazer parte do mesmo grupo. Para a ArcelorMittal BioFlorestas havia várias inscrições estaduais distinguindo o cultivo de eucalipto e a produção de carvão vegetal.

Quadro 19 – MARTINHO CAMPOS. VALORES DE SAÍDAS POR EMPRESA/ GRUPO. 2012

POSIÇÃO	NOME DA EMPRESA (GRUPO)	SAÍDAS - VAF
1	S & D FLORESTAL VIVEIRO, MADEIRAS, TRANSPORTE E CARVOEJAMENTO + SKALLA AUTO POSTO	33.586.198
2	VACCINAR INDÚSTRIA E COMERCIO LTDA	32.521.083
3	ARCELORMITTAL BIOFLORESTAS LTDA.	31.409.823
4	MODERNA AUTO POSTO, PEÇAS E TRANSPORTE	29574011
5	FRIGORIFICO ALVORADA LTDA	23351078
6	GERIZA PARTICIPACOES E EMPRENDIMENT	14.664.116
7	FUTURA COMERCIO & INDUSTRIA LTDA	9.779.721
8	ALTIVO PEDRAS LTDA	6.458.875
9	HUMBERTO LOPES CANCADO	6.331.044
10	JAIR PINTO DIRINO & CIA LTDA – ME	6.225.815
11	COOPERATIVA AGROPECUARIA DE BOM DESPACHO	4.165.283
12	CASA FONSECA MATERIAIS DE CONSTRUCA	4.012.346
13	JORDELINO ALVES CORGOZINHO & CIA LT	3.778.224
14	PRO-SAFRA COMERCIO E ARMAZENS GERAÍ	3.666.269
15	AUTO POSTO IBITIRA LTDA – ME	2.924.645
16	ELETROZEMA LTDA	2.827.897
17	W & E KI JOIA SUPERMERCADO LTDA. -	2.597.218
18	TM SERVICOS DE TRANSPORTES LTDA - E	1.295.999
TOTAL		219.169.645

Fonte: Adaptado de dados fornecidos por um contador em Martinho Campos

Deste modo, vemos o volume de vendas acumulado pelo grupo Santos & Dias, tendo alcançado relevância pela diversificação de suas atividades. O diretor deste grupo chega a afirmar que as empresas do grupo S&D são as que mais pagam impostos em Martinho Campos, devido à venda de suas produções de mudas, madeiras, mais os combustíveis, contribuindo cerca de 100 mil reais por mês.

A ArcelorMittal BioFlorestas é, de fato, o principal ator econômico municipal na produção de carvão vegetal. Aqui deve se destacar também a importância, em termos de vendas, que tem no município a produção industrial voltada para alimentação humana e animal, que aparece em terceiro e quinto lugares no quadro com as empresas Vaccinar Indústria e Comércio LTDA e Frigorífico Alvorada LTDA.

Não aparece entre os 30 primeiros colocados nenhuma empresa relacionada à pecuária leiteira, demonstrando a informalidade da atividade e a falta de regulação da produção no município. Os dados referentes à COOPERBOM correspondem à venda de produtos e medicamentos veterinários, comercializados na loja da cooperativa no centro de Martinho Campos. Um produtor de leite nos informou que desconhece qualquer tributação sobre a coleta ou venda do leite no município. Ele mesmo paga apenas uma taxa para o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), que diz ser para garantir uma futura aposentadoria.

Enfim, não há qualquer registro de contribuição tributária, mesmo que indiretamente, da pecuária leiteira para o município. Nem o sindicato de produtores rurais, tampouco a cooperativa da região, sequer os produtores de leite sabem informar por que vias passa a produção de leite, no que se refere à sua tributação. Isto é um indicativo de que, neste aspecto, a produção de leite não dá retorno para o município.

Conforme nos foi informado por representantes dos sindicatos e de empresas locais, as empresas de eucalipto e a pecuária leiteira são as maiores fontes empregadoras locais. Como dito anteriormente, há queixas recorrentes de que falta mão de obra nas fazendas locais. Ouve-se também que o município atrai trabalhadores da região para ocupar diversos postos de trabalho, particularmente no ramo da silvicultura. Isto pode ser verificado se nos atemos às taxas de migração dos últimos 15 anos.

5.2.3. Migração, nível de ocupação

Fazendo uso do cálculo do saldo migratório é possível entender o curso da migração referente ao município. Para este cálculo foi utilizado o método indireto, baseado na variação da população, da qual se reduz a diferença entre nascimentos e óbitos no período (saldo natural). Esta diferença indica o resultado entre entradas e saídas, isto é, o saldo migratório.

A seguir, no **Quadro 20**, seguem os valores de saldo migratório bruto, ou seja, o resultado das entradas e saídas, bem como de saldo migratório líquido. Isto é, a relação entre o saldo migratório bruto e a população total, ou, dito de outra forma, a possibilidade de uma pessoa emigrar ou imigrar para o município no período considerado.

No caso do Município de Martinho Campos, o saldo migratório é positivo na última década, contudo o valor é muito próximo de zero, o que indica que o curso de entradas e saídas de moradores segue no mesmo ritmo. É preciso notar que esta é uma situação recente, pois o município na década anterior era um exportador de população, principal causa da diminuição da sua população total no período de 1994 a 2000. Logo, não há evidência de alta imigração em Martinho Campos, mesmo que isto tenha ocorrido em algum ano ou outro de forma mais elevada, na observação de um período maior, os valores são bem discretos. Além do processo de mecanização do manejo do eucalipto, que incidiu sobre uma demanda menor por mão de obra, a crise internacional em 2008 influenciou negativamente a produtividade do setor (cf. **Quadro 18**) e por consequência, é de se supor, também a empregabilidade do mesmo.

Quadro 20 - Município de Martinho Campos. Saldo migratório bruto e líquido

1994 ³¹	2000			2010		
População	População	Saldo migratório bruto	Saldo migratório líquido	População	Saldo migratório bruto	Saldo migratório líquido
12.452	11.817	-955	-0,0808	12.611	44	0,0034

Fonte: IBGE, Contagem Populacional e Censos Demográficos (1994, 2000 e 2010) e do Banco de Dados do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

Para entender melhor a situação da empregabilidade do município, apresentamos as taxas de ocupação e desocupação construídas com dados do último Censo Demográfico IBGE (2010).

Quadro 21 - Município de Martinho Campos. Taxa de atividade e ocupação - 2010

População com 10 anos ou mais	Martinho Campos	
	Quantidade	%
População em Idade Ativa	10912	100,00
População Economicamente Ativa	6277	57,52
População Ocupada	5835	92,96
População Desocupada	443	7,06
População Não Economicamente Ativa	4635	42,48

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

O que se pode concluir é que há mão de obra disponível dentro do município, que apresenta uma taxa de desocupação levemente superior à do Estado de Minas Gerais (6,79%). Isto deixa entender que não há uma especificidade de Martinho Campos na geração de empregos – uma situação próxima de um suposto pleno emprego – mas o município acompanha a situação

³¹ O ideal seria confrontar dados de uma década completa ou pelo menos do CENSO de 1991. No entanto, foi considerada a data de 1994 devido à disponibilidade de dados de ‘Nascidos Vivos’ utilizados no cálculo. Estes dados só estão disponíveis a partir de 1995, ano considerado.

vivenciada pelo estado. Supomos que a indisponibilidade de mão de obra na pecuária, principal queixa dos entrevistados, deve-se às condições de trabalho oferecidas, consideradas menos atrativas em relação às oportunidades ligadas à silvicultura.

Considerando os dados de empregos formais (2012), temos que 35,86% deles foram gerados pela silvicultura, 10,97 % pela pecuária, 2,82 % indústria e 50,35 % nos Serviços e outros, conforme a distribuição apresentada no **Quadro 22**. Não chega causar um estranhamento, mas chama a atenção o fato de a indústria gerar uma riqueza significativa - considerando sua parcela no PIB municipal - com o uso de pouca mão de obra. Cabe ao setor de serviços e à silvicultura o papel de acomodar os trabalhadores formais do município. Salienta-se que no caso da pecuária os valores de empregos gerados tendem a estar subestimados mais do que nas outras atividades, pois é comum o trabalho ser exercido pelo próprio dono do negócio, pela família ou prestadores de serviço sem nenhum vínculo formal. Segundo o presidente do sindicato de produtores rurais, há, pelo menos, 400 pessoas empregadas na agropecuária, sem contar os proprietários.

Quadro 22 - Município de Martinho Campos. Distribuição da população ocupada por grandes grupos de ocupações - 2010.

SETOR ³²	Distribuição da população ocupada por grandes grupos de ocupações – 2009 e 2012		
	SEÇÃO DE ATIVIDADE	Postos em 2009	Postos em 2012
Silvicultura	<i>Extrativistas florestais</i>	1199	815
	<i>Trabalhadores da mecanização florestal</i>	111	155
	<i>Supervisores na exploração florestal e pesca</i>	54	47
	<i>Subtotal</i>	1364	1017
Pecuária	Trabalhadores na pecuária	284	244
	Trabalhadores na exploração agropecuária em geral	92	67
	<i>Subtotal</i>	376	311

Continua...

³² Associação feita por nós, conforme atividades claramente atribuídas a cada setor.

Continuação:

Quadro 23 - Município de Martinho Campos. Distribuição da população ocupada por grandes grupos de ocupações - 2010.

Indústria	<i>Trabalhadores artesanais na agroindústria, na indústria de alimentos e do fumo</i>	38	41
	<i>Embaladores e alimentadores de produção</i>	24	39
	Subtotal	62	80
Serviços e setores não especificados	Condutores de veículos e operadores de equipamentos de elevação e de movimentação de	295	355
	Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos	167	217
	Trabalhadores da construção civil e obras públicas	132	203
	Vendedores e demonstradores	162	187
	Trabalhadores dos serviços de hotelaria e alimentação	76	85
	Trabalhadores nos serviços de administração, conservação e manutenção de edifícios e...	56	81
	Professores de nível superior na educação infantil e no ensino fundamental	60	65
	Trabalhadores nos serviços de proteção e segurança	31	59
	Escriturários contábeis e de finanças	26	49
	Profissionais da medicina, saúde e afins	46	45
	Gerentes de áreas de apoio	33	42
	Caixas, bilheteiros e afins	22	40
	Subtotal	1106	1428
	Total	2908	2836

Fonte: Relatório de Informações Sociais MDS – Adaptação dos dados sobre a Dinâmica das Ocupações Formais, segundo RAIS

5.2.4. Análises complementares

A partir dos dados apresentados anteriormente, fazem-se necessárias algumas considerações. Os dados deixam claro que a silvicultura não é a atividade produtiva exclusiva do município de Martinho Campos e que ela divide espaço com a pecuária leiteira. Todavia, ela exerce maior influência sobre a vida econômica do município. Por um lado, em termos de riqueza produzida (valor de produção), a produção de leite e de carvão vegetal estão no mesmo nível; as duas atividades também são as que mais ocupam as terras do município. No entanto, a pecuária leiteira gera bem menos empregos formais e mesmo somando com o número estimado de produtores, o montante é inferior ao da silvicultura nos empregos formais. Estes são fatores que favorecem a silvicultura a estar em posição de destaque.

Há uma visão dos entrevistados de que o município atrai a população de outros locais e que não há problemas de desemprego. Entretanto, os dados apresentados sobre migração e ocupação não confirmam a ênfase dada por eles. As percepções dos entrevistados apontam mais a pouca visibilidade que se tem para os desocupados da localidade do que, propriamente, uma situação confortável de vagas de trabalho.

A produção industrial é relevante para Martinho Campos em termos de quantidade de vendas realizadas (saídas VAF- Valor Adicionado Fiscal) e pelos tributos que, necessariamente, são resultantes dessas operações. Diferentemente da pecuária leiteira que tem grande quantidade de produtores de leite em escala pequena, a atividade industrial é concentrada em poucas empresas. Entre as dezoito empresas com maiores números de vendas, apenas três são da atividade industrial: Vaccinar Indústria e Comércio, Frigorífico Alvorada e Futura Comércio & Indústria.

Os dados com as saídas VAF apontam a silvicultura como a principal atividade geradora de impostos para Martinho Campos, ocupando o primeiro e o terceiro lugares no quadro apresentado, com as empresas do grupo S&D e ArcelorMittal BioFlorestas, respectivamente (**Quadro 19**). Ou seja, esta importância não é atribuída exclusivamente à ArcelorMittal, pois as empresas silvicultoras do grupo S&D (produtoras de mudas e madeiras) exercem grande influência. O rol de atividades administradas pelo grupo S&D (madeiras, carvão vegetal, plantio de mudas, transporte e posto de gasolina) é um demonstrativo da relação direta da

silvicultura com o setor de serviços. Somado a isso, pode-se afirmar que o peso exercido pela silvicultura no município de Martinho Campos, em termos de vendas, permite considerá-la como a atividade que mais gera impostos para o município.

A pecuária leiteira não apresenta nenhum registro de suas atividades - em termos de número de produtores, funcionários, demandas, formas de organização – e não é possível identificar, mesmo indiretamente, quanto a sua produção contribui para a localidade, por não haver regulação de suas atividades. Os volumes de leite produzidos no município são o resultado da soma de centenas de propriedades que trabalham individualmente.

Por outro lado, a invisibilidade da tributação da pecuária leiteira e a falta de identificação de seus respectivos produtores por parte da gestão pública ou de outro órgão representativo sinalizam que o setor não é alvo de investimentos em prol do desenvolvimento municipal.

Como apresentado no item anterior, as terras utilizadas pela ArcelorMittal foram adquiridas a partir de sua chegada no município na década de 1970. Isto a fez proprietária de grandes extensões de terras, adquiridas diretamente com proprietários da localidade. Não foi apresentada pelos entrevistados nenhuma queixa desse processo de aquisição das terras, nem mesmo conflitos com movimentos rurais, tampouco problemas com as populações do entorno das áreas no sentido de questionar a legitimidade da propriedade da empresa ou reivindicar partes delas.

5.3. Percepção dos atores locais sobre os aspectos ambientais, sociais e econômicos relacionados à produção de eucalipto e sobre as potencialidades do município.

5.3.1. Esclarecimentos prévios

Esta análise foi realizada em conformidade com a grade analítica proposta por Vieira e Cazella (2006). Todos os itens abaixo foram utilizados como categorias de análise em leitura anterior feita com o uso do *software Atlas Ti.5*. Buscamos identificar na análise aspectos relacionados a possíveis relações conflituosas entre os atores locais, utilizando-se de todas as categorias criadas. Somamos à grade analítica citada uma perspectiva mais compreensiva

sobre o desenvolvimento sustentável quando analisamos o item referente à categoria “Econômico”.

O **Quadro 23** reúne as dimensões e categorias de análise utilizadas na grade analítica, além dos códigos utilizados na leitura das entrevistas para corresponder à referida grade.

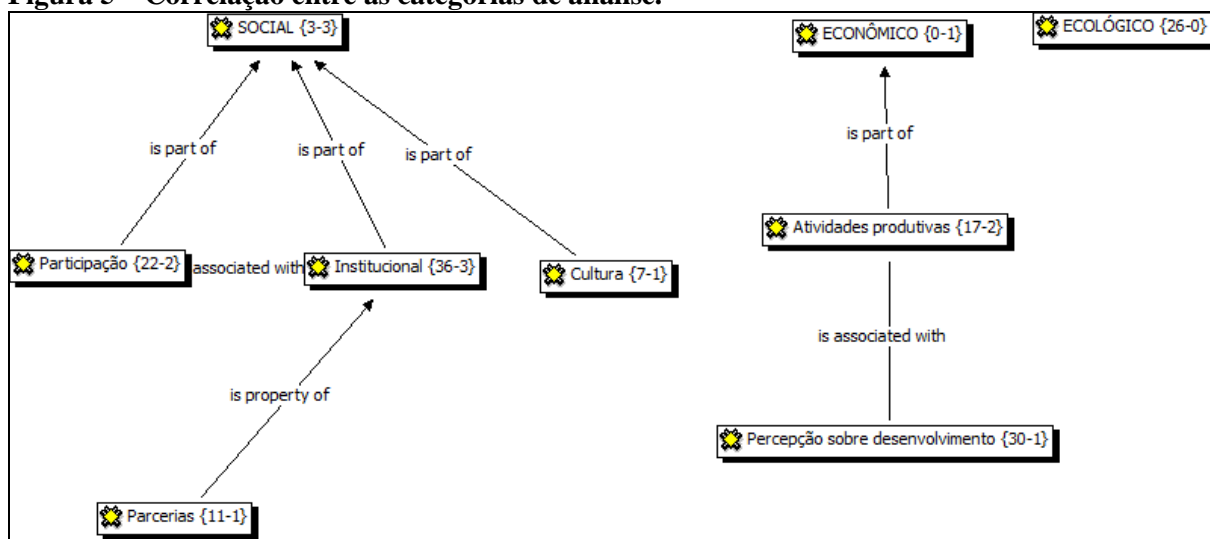
Quadro 24 - Categorias de análise utilizadas

DIMENSÕES DA GRADE ANALÍTICA	CATEGORIAS DA GRADE ANÁLISE	CATEGORIAS UTILIZADAS NA LEITURA DAS ENTREVISTAS
Aspecto ecológico	Aspecto ecológico	Ecológico
	Político institucional	Institucional Participação Parcerias
	Cultura	Cultura
Aspecto econômico	Aspecto econômico	Econômico
		Percepção sobre desenvolvimento
		Atividades produtivas

Fonte: elaboração própria

A seguinte representação gráfica obedece às relações propostas pela grade analítica de Vieira e Cazella (2006), de acordo com o conceito de Desenvolvimento Territorial Sustentável, sendo igualmente compostas das categorias de análise criadas em nossa leitura. A mesma hierarquia será seguida na apresentação dos dados.

Figura 5 – Correlação entre as categorias de análise.³³



Fonte: elaboração própria

5.3.2. Percepções sobre o aspecto ambiental

Já abordamos anteriormente as ações de degradação resultantes do plantio do eucalipto no início da inserção da ArcelorMittal BioFlorestas em Martinho Campos. Indicaremos nesta seção alguns elementos percebidos atualmente e como a empresa tem tratado deles.

O aumento do rigor da legislação ambiental foi apontado por um encarregado da ArcelorMittal como um fator que provocou mudanças na política de meio ambiente da empresa. Atualmente, de acordo com o mesmo empregado, no que concerne às áreas preservadas, a empresa segue a legislação, preservando as Áreas de Preservação Permanente (APP) e de reserva legal. Dentro deste percentual é feita a recuperação de áreas usadas para plantio de eucalipto no passado, quando os limites não eram respeitados. Conservando a mesma postura, a empresa Santos e Dias demonstrou atenção para a mitigação dos impactos da monocultura: além dos profissionais designados para as atividades, a empresa observa os limites de áreas que devem ser protegidas, como informa o seu diretor:

(A empresa) Tem a equipe de engenharia florestal. Tem os engenheiros ambientais e florestais. São cadastrados nos órgãos competentes. Temos reservas, todas fechadas. Fazemos plantios de solo diretos. Para não ter degradação, fazemos contenções. Tem todo um trabalho feito para longo prazo. (Diretor da empresa Santos e Dias)

³³ Is part of – é parte de/ is property of – é propriedade de/ is associated with – é associado à. A primeira expressão indica o pertencimento de uma categoria à outra, a segunda uma relação direta entre categorias e a terceira aponta para uma categoria que ajuda entender a outra.

Segundo relatos de alguns moradores, ainda há, atualmente, o desmatamento de áreas, mesmo aquelas próximas de nascentes, fazendo diminuir a água disponível na região. De acordo com um funcionário da ArcelorMittal que atua diretamente com as áreas plantadas, tal degradação ambiental estaria sendo causada por fazendeiros da região, donos de terras vizinhos às áreas da ArcelorMittal. Sobre isto, ele demonstra uma particular preocupação:

eu acho que tem algumas pessoas que não estão tendo consciência do que está acontecendo.

Por quê? (entrevistador)

É porque eles estão desmatando em cima das nascentes ali. Pra você ter uma ideia, tem um córrego aqui oh, eles desmataram tanto lá em cima que até agora esse córrego não voltou a correr água.

Aqui onde? (entrevistador)

Logo em baixo aqui, uns 800 metros pra baixo aqui, descendo aqui. Destruíram, praticamente, desmataram em cima da nascente. Foi só desmatar... Pronto. O córrego está seco, está sem água. As pessoas não entendem não. Agora, a empresa faz a parte dela. E o pessoal do meio ambiente também tem feito. O problema é que são as pessoas que não estão entendendo, eles não estão acreditando no que o pessoal está dizendo pra eles.

Quem são essas pessoas que desmatam? (entrevistador)

São os vizinhos da empresa, os confrontantes, os donos dos terrenos que vivem nas cabeceiras.

De acordo com o entrevistado, esse desmatamento foi posto a termo por proprietários com o objetivo de transformar em lotes as áreas próximas das nascentes, mesmo sendo orientados a não fazê-lo.

Outro funcionário, o presidente do sindicato dos trabalhadores da indústria extrativa, também fala dessa degradação e responsabiliza os fazendeiros pelas ações mais recentes. No entanto ele indica que isto não se deu isoladamente, pois já tinha sido deflagrado pela empresa anteriormente:

os fazendeiros acabaram muito com as nascente (*sic*) d'água, né. Isso aí prejudicou muito.

Acabou como assim? (entrevistador)

Assim, foi destocando né, não tinha lei de destoque de mata, aí o pessoal foi, viu as máquina (*sic*) da companhia destocando aqui, pegou e acabou com as cabeceiras d'água, acabou tudo, uai.

Alguns moradores contam da mudança em relação à quantidade de água disponível. Martinho Campos é, para alguns, privilegiado pela quantidade de água, pelos rios que cortam a cidade ou estão próximos, como o Rio São Francisco. No entanto, por diversos motivos, mas principalmente por causa do desmatamento, não abunda água como antes: onde havia fontes

d'água hoje são explorados poços artesianos, sendo menor o número de nascentes. Outro ponto diz respeito ao tratamento do esgoto produzido. Na área urbana previa-se a construção de uma Estação de Tratamento de Esgoto (ETE), contudo o projeto não foi para frente, devido às dificuldades com a execução da obra. A prefeitura se queixa de problemas políticos com a oposição, a quem pertencia o terreno para instalação da ETE.

Outro aspecto, a qualidade do ar, aparece, segundo alguns moradores do povoado e do entorno de Buriti Grande, comprometida pela produção de carvão. A queima da madeira libera uma fumaça que afeta locais próximos à unidade de produção de carvão, dependendo do sentido do vento. Trata-se de um problema antigo reclamado pelos fazendeiros no entorno da unidade e, de acordo com uma moradora de Buriti Grande, as pessoas da comunidade não se queixam, porque têm parentes e pessoas próximas que trabalham para empresa. Assim, elas prefeririam conviver com isso a reclamar.

Não há uma secretaria de meio ambiente no município nem mesmo uma política ambiental independente da empresa. Esta ausência deixa a gestão municipal alienada dos processos referentes às questões ambientais. Resta para os órgãos fiscalizadores estaduais e para a própria ArcelorMittal o acompanhamento destes processos. Para o representante da EMATER no município, a falta de um órgão municipal dificulta até mesmo o desenvolvimento da agropecuária local:

A questão ambiental é muito devagar. Já era para ter emplacado há muito tempo e até hoje não teve muito êxito. Não existe um órgão para dar apoio ao produtor para legalizar a questão ambiental. O cara entra com um processo para fazer um desmate para plantar uma brachiária, para fazer um pasto e eles ficam dois anos para desenrolar. É muito lento. Muito burocrático.

A perda da paisagem característica do cerrado provoca um saudosismo e preocupação em alguns moradores. Uma senhora comenta que “é bonito ver eucalipto, mas falta (*sic*) flores, pássaros”. A secretária de cultura reúne em sua fala algumas preocupações contidas nesta pesquisa e deixa entender a sua preferência pela manutenção do cerrado. Ela questiona vários aspectos ligados às questões ambientais, ponderando sobre ganhos obtidos com o investimento na monocultura:

Eu ainda fico com um pé atrás em relação à qualidade da floresta de eucalipto. Eu preferia que nosso cerrado ainda estivesse aí. E infelizmente não está. Eles mostram o que a floresta de eucalipto tem e o que ela favorece. Mas eu conheço muitas

peças, donos de fazendas, que perderam muitas minas devido à plantação de eucalipto. Então pode ter benefício trabalhista, pode ter benefício de valorização cultural, porque eles trabalham muito em cima disso dando ajuda e trazendo cultura para a cidade, mas até que ponto isso é um verdadeiro benefício? Eu não sei te responder isso, porque eu gostaria que aqui tivesse a nossa vegetação que é o cerrado. Onde está a preservação? Eu não vejo, eu só vejo eucalipto. Eu não tenho terra, mas as pessoas que têm chegam até a gente e comentam o que esse eucalipto está fazendo. Eu não sei o que vai acontecer quando essa plantação parar. Quer dizer, está precisando de madeira, está precisando de carvão. Mas será que isso traz realmente um benefício? Eu não sei te falar. Eu acho que fica meio na balança. Ela pode trazer progresso para a cidade sim, pode gerar empregos, ela pode trazer cultura através dos trabalhos sociais, mas e o meio ambiente? Acho que é muito cedo para dizer o que o eucalipto pode trazer de benefícios futuros para nós.

De acordo com a Secretária de Cultura, há uma valorização grande do plantio de eucalipto em detrimento da agricultura. Isto é motivo de incertezas da sua parte em relação ao futuro de Martinho Campos.

É notável no depoimento da entrevistada um olhar distanciado que busca colocar sua percepção dos benefícios, mais as suas preocupações e de outros moradores do município em torno da cultura de eucalipto. A moradora ficou 40 anos fora de Martinho Campos e retornou só há quatro e este fato nos leva a entender a sua postura crítica, mesmo ocupando um cargo dentro da gestão do município.

Outro fator questionado sobre o aspecto ambiental diz respeito ao “piolho de eucalipto”, mencionado por uma engenheira ambiental. Trata-se de um tipo de praga que dá na plantação e chega incomodar os vizinhos mais próximos dos talhões de eucalipto, fenômeno relatado algumas vezes por moradores do povoado de Buriti Grande.

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a EMBRAPA (apud. Instituto Carbono Brasil), identificou a nova praga em meados do ano 2003. Assim como o eucalipto, ele é originário da Austrália, tendo sido identificado também na Califórnia (EUA), em 1998, no México, em 2001, e no Chile, em 2002. O inseto é semelhante a uma cigarra pequena, que suga a seiva das folhas novas dos pés de eucalipto, causando sua desfolha, deformação e redução no tamanho das folhas, além da secagem das pontas das árvores e até a morte delas. O controle químico com inseticidas é considerado um método caro, de alto impacto ambiental, cujos efeitos são temporários.³⁴

³⁴ Fonte: Instituto Carbono Brasil. Disponível em <<<http://www.institutocarbonobrasil.org.br/ecossistemas1/noticia=109810#ixzz2ziRuDDIq>>> Acesso em 23/04/2014.

Em relação às áreas de plantio da ArcelorMittal BioFlorestas, a empresa divulgou no seu Resumo do Plano de Manejo Florestal (2013) a administração racional de defensivos agrícolas. Por meio desse relatório ela informou que faz o controle biológico para o manejo de pragas e desenvolve o plantio de clones resistentes às principais doenças da cultura. Não há uma menção específica sobre o “piolho de eucalipto”.

O diretor da empresa Santos e Dias explica que há um trabalho de controle de impactos, em longo prazo. Este é executado por uma equipe de engenharia ambiental. Entretanto, não há menção sobre o modo de administração de defensivos agrícolas nas plantações.

Sobre o plantio de eucalipto, há uma vantagem que ele proporciona, segundo o representante da EMATER, em relação ao solo. A plantação de árvores como estas em áreas de solo degradado contribuiu para a recuperação dos mesmos, locais que já não eram aproveitáveis para outros cultivos. Este entendimento é compartilhado por Speedeng (*apud* Rezende, Pereira e Botelho, 2012).

Os autores Silva e Porto-Gonçalves (2006) reportam um impacto específico do plantio de eucalipto sobre a reserva de água das regiões de Cerrado. A cobertura vegetal do Cerrado representa “áreas de recarga hídrica, responsáveis pelo provimento do lençol freático que alimenta as nascentes e os córregos, os quais, por sua vez, abastecem as bacias dos rios São Francisco, Jequitinhonha e Pardo.” (pág. 57) Isto é explicado por dois aspectos: um diz respeito à transpiração das árvores – o que as leva a eliminar água – e a produção de biomassa delas. Resumidamente, Silva e Porto-Gonçalves (2006) deixam clara a diferença da vegetação típica do cerrado, que elimina menos água e produz menos biomassa. Por isto ela consome menos e permite que mais água infiltre no solo, abastecendo o lençol freático, as fontes, córregos, brejos e várzeas. Nestas condições, o Cerrado favorece a ocupação humana e sustenta a vida de quem vive no seu meio.

5.3.2.1. Resposta estratégica da ArcelorMittal BioFlorestas

Em paralelo às evidências de impacto ecológico apresentadas, a ArcelorMittal tem desenvolvido uma resposta estratégica a ele. Neste sentido, a empresa tem utilizado de meios

educativos para criar uma consciência ambiental nas áreas onde atua. É o caso do Prêmio ArcelorMittal de Meio Ambiente. Através dele, os estudantes de escolas públicas produzem textos com a temática, de modo que aumente a sua conscientização a respeito deste tema. A atuação do projeto se dá nas turmas do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. São 28 municípios participantes em Minas Gerais, 1 no estado do Espírito Santo, 6 no estado de São Paulo, 4 no estado da Bahia e 1 em Santa Catarina. Considerando todos os municípios onde o projeto é realizado, em 2013 houve 224.099 alunos e 659 escolas participantes, com o envolvimento de 6.992 educadores.³⁵ Foram investidos, em 2012, 1.295.113 de reais em todos os projetos de responsabilidade social da ArcelorMittal BioFlorestas³⁶. A empresa não divulgou quanto desse investimento é próprio e quanto é incentivado, ou seja, a parcela do que é gasto com projetos sociais e abatido de impostos.

Outra situação, o problema da fumaça provocada pela produção do carvão vegetal, estaria caminhando para uma solução, de acordo com um funcionário da empresa. Ele nos informou que a ArcelorMittal tem um projeto em andamento – em parceria com a Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG) - para conter a fumaça, diminuindo ou eliminando a emissão de gases na atmosfera.

Contrariando as afirmações feitas por Silva e Porto-Gonçalves (2006), a ArcelorMittal BioFlorestas enfatiza em sua página na internet³⁷ que o eucalipto não consome mais água do que a vegetação nativa das regiões onde é feito o seu plantio. Conforme sua explicação

Para se produzir um quilo de batata, por exemplo, é necessário gastar 2 mil litros de água, para um quilo de milho precisa-se de mil litros de água, um quilo de madeira proveniente do cerrado, 2.500 litros, já para um quilo de madeira de eucalipto são necessários apenas 350 litros de água.

Chama a atenção que a referência para esse cálculo feito pela empresa é a produtividade, o consumo de água por quilo. Tendo em vista a enorme altura atingida pelos pés de eucalipto comparando com um pé de milho, batata ou de uma árvore do cerrado, é evidente que o consumo absoluto de água é maior do que esses plantios relacionados pela empresa. Portanto, o consumo total de água não é considerado na análise e deveria sê-lo, tendo em vista que os

³⁵ Fonte: Fundação ArcelorMittal. Disponível em <<<http://www.fundacaoarcelormittalbr.org.br/index.asp?Menu=3&Grupo=15&SubGrupo=82>>>. Acesso em 23/04/2014.

³⁶ Fonte: Resumo do Plano de Manejo da ArcelorMittal BioFlorestas 2013.

³⁷ Fonte: <http://bioflorestas.arcelormittal.com/index.asp?Grupo=4&SubGrupo=19&ID=45>

recursos naturais não são infindáveis e nem se renovam no mesmo ritmo em que são explorados.

No Relatório Anual de Sustentabilidade da ArcelorMittal Brasil 2012, é atribuído à ArcelorMittal Bioflorestas o trabalho de recuperação de áreas degradadas localizadas no Centro-Oeste do Estado de Minas Gerais. De acordo com o relatório, as ações visam à cobertura do solo e a reinserção de espécies arbustivas, com acompanhamento de equipe especializada.

Por fim, identificamos alguns indicadores divulgados pela ArcelorMittal em seu relatório Resumo do Plano de Manejo. Estes indicadores são construídos pela empresa sendo definidas as metas e os resultados alcançados a cada ano. Em relação ao consumo de agrotóxico, fica evidenciada a utilização acima da própria meta da empresa. Sendo a meta para 2012 de fazer uso de 0,09 Kg/ha de agrotóxicos, o valor apurado foi de 0,10. O uso da água nas áreas de plantio atendeu ao que a instituição se propunha, sendo atingido o volume de 0,03 m³/ha, inferior ao valor máximo planejado de 0,13 m³/ha. Pretendia-se atingir, no decurso de 2012, 8% de toda a área total para recuperação, mas o resultado ficou aquém do esperado (5,8%). Enfim, tanto as metas de redução do uso de agrotóxicos como a de recuperação de áreas degradadas não foram alcançadas pela ArcelorMittal BioFlorestas.

5.3.3. Aspectos Sociais

5.3.3.1. Cultura

Apesar de ter poucos recursos próprios disponíveis, a Secretaria Municipal de Cultura tem desenvolvido alguns projetos com facetas distintas em Martinho Campos. A secretaria financia a banda municipal e a orquestra de viola, pagando funcionários e o aluguel do local dos ensaios. Todo o trabalho está sendo estruturado, devido ao fato de a secretária ser nova no cargo e ainda não ter um trabalho institucional estruturado na área da cultura.

Pensando em aumentar as opções de lazer, a Secretaria pretende criar um espaço de lazer na entrada da cidade, num local atualmente abandonado. Três grandes empresas do município serão o suporte para a execução do projeto, as já mencionadas Santos e Dias, Moderna Auto Posto e também a ArcelorMittal BioFlorestas.

De acordo com a Secretária de Cultura, há no município locais pouco explorados, passíveis de uso para atividades turísticas. Para tanto, já estão sendo feitos projetos com o objetivo de se beneficiar de incentivos estaduais, como o retorno de 1% do ICMS arrecadado, designado para patrimônios culturais. Há também a proposta de montar uma “casa de cultura”. A ideia é montar um espaço para instalar diversos objetos e instrumentos que fortaleçam a memória do município. A ArcelorMittal BioFlorestas também tem suas iniciativas de projetos culturais, sendo bem conhecidos os programas teatrais, cujas atividades percorrem os municípios de atuação da empresa.

Há ainda a organização independente de moradores, como a Folia de Reis³⁸ em Buriti Grande e nas proximidades da comunidade a Festa da Capelinha, organizada pela associação de moradores de uma área rural. As duas atividades estão bem enraizadas na tradição do município. Em relação à Folia de Reis um dos responsáveis relata uma dificuldade, que é o fato de os mais interessados não se sentirem em condições de articular o grupo e as demandas, como o custeio dos instrumentos. São os idosos que ficam à frente destas atividades.

5.3.3.2. Político institucional

✓ Participação

Inicialmente, podemos afirmar que a participação dos moradores na vida pública do município se dá de modo rigorosamente formal. Os conselhos se reúnem conforme as exigências mínimas e não se estabelecem com uma voz ativa da população, e sim como uma instância legal pela qual a gestão precisa passar. Cada uma das secretarias municipais possui um conselho. Contudo, as manifestações da população aparecem quando alguém precisa de algo e procura a secretaria, como informa a Secretária de Educação. Em outras ocasiões isto acontece quando as secretarias promovem alguma reunião e convidam a comunidade, como informa uma moradora. Para ela, quem participa é quem gosta e tem tempo: “(Os moradores) Não participam de quase nada. E os que gostam de participar não têm tempo. O pessoal aqui é

³⁸ Festa religiosa popular com matriz católica celebrada com músicas, sendo utilizados instrumentos como tambores e sanfonas. Ela é realizada no mês de janeiro nos dias próximos ao dia de Reis Magos, os personagens lembrados pelo cristianismo associados ao nascimento de Jesus.

muito acomodado”. Outra moradora - que também considera a comunidade pouco engajada com as questões coletivas - desconhece a existência dos Conselhos ou qualquer grupo organizado pela população e reivindica que os gestores deveriam realizar mais reuniões nas comunidades, para que assim as demandas da população fossem ouvidas. Ela expressa isto no seguinte diálogo, quando questionada sobre o encaminhamento das demandas da população:

Quando tem uma demanda aqui, alguma necessidade da comunidade, quem procuram, como se faz? (entrevistador)

Acho o pessoal daqui muito individualista. A gente deveria se reunir... Nas reuniões é que as pessoas desabafam, que falam as coisas, mas correr atrás do que quer são muito poucos que fazem.

Quais reuniões?

Tem as reuniões de negócios de saúde, outro dia mesmo teve. Aí as pessoas falam. Tinha que ter alguma reunião para saber o que a comunidade precisava, para a gente expor as opiniões da gente, o que estamos precisando. Se tem, eu não sei não.

Tem algum outro meio de contato com a prefeitura? (entrevistador)

Se tem, eu não sei. Como a gente também quase não procura, as vezes até tem, mas eu não sei. Todas as reuniões que têm eles avisam.

As reuniões promovidas pelas secretarias são realizadas para orientar a comunidade sobre procedimentos, como reunião de pais e do Programa de Saúde da Família (PSF). Percebe-se um esforço despendido pelas secretarias para trabalharem em conjunto. A busca pelo acerto se dá entre elas com a articulação de algumas ações, haja vista o suporte que dão os agentes de saúde (Secretaria de Saúde) na identificação de necessidades da área social, levando-as para a Secretaria de Desenvolvimento Social; esta secretaria, por sua vez, é parceira da Secretaria de Cultura na mobilização da população para participar de eventos desta.

Outras reivindicações, como no caso de Buriti Grande, são levadas à associação de moradores. Contudo, mesmo essas iniciativas não indicam uma mobilização coletiva em busca de soluções, deixando as demandas a cargo do presidente da associação comunitária. Essa sobrecarga de atribuições é uma queixa levantada pelo representante da instituição e um dos motivos que o levará a deixar o cargo de presidente da associação de moradores. Com a perspectiva de saída do presidente desta instituição, um morador do povoado vê como certo o fim da associação. Ao afirmar isto ele ratifica a visão colocada anteriormente sobre a postura da população: “Olha, eu acho que a partir do momento que a associação parar, camarada, eu acho que a coisa aqui vai depender simplesmente da boa vontade de prefeito. Acho que as pessoas não vão ter muita iniciativa não. Cada um querendo viver no seu canto, tranquilo, sossegado...”

A ArcelorMittal acaba exercendo a função de articuladora dos atores sociais locais, ao convidar as comunidades para ouvir suas respectivas opiniões sobre o trabalho da empresa e ainda quando convida a gestão municipal para participar de atividades e reuniões. As secretarias ou a prefeitura ao realizarem alguma atividade também procuram as empresas, especialmente a ArcelorMittal. Nestas situações são comuns as solicitações de ajuda, como doação de matéria-prima para alguma ação ou mesmo máquinas que a prefeitura não possui e a empresa dispõe. Uma secretária deixa explícito este procedimento:

Nós sempre vamos atrás e sempre somos bem recebidos. Conseguimos doações, elas têm boa intenção em ajudar. Na maioria das vezes que pedimos, conseguimos. Conseguimos de um ovo, a uma galinha, a um boi. Nessa proporção. De 10 em 10, de 50 em 50. Conseguimos as doações em brindes mesmo ou em espécie.

O prefeito também tem relações constantes com a ArcelorMittal, mas ele o faz como um prestador de serviços. Na época da inserção da empresa em Martinho Campos o prefeito começou a prestar serviços a ela, fazendo o transporte de pessoal na carroceria de caminhão. Hoje sua empresa presta o serviço de recuperação de estradas da ArcelorMittal, além do transporte de madeira. O contato da prefeitura com a instituição privada no cotidiano mistura a relação comercial do prefeito com o seu papel de administrador da cidade. Entretanto, considerando a entrevista com ele, esta não é uma preocupação do gestor, que ressalta sempre os ganhos que a ArcelorMittal traz para o município, independente do contato que ela tenha com a gestão atual.

Dentro da medida do possível, se eu preciso de uma máquina, de alguma coisa assim, vou até eles, eles fornecem pra gente, às vezes alguma máquina que o município não tem. Outra coisa, os impostos que eles pagam aqui para o município, tudo é muito importante. Tem o direto e o indireto. Porque uma empresa dessas, o movimento que ela tem aqui, mesmo do que vai pra fora, vem um caminhão e abastece, vem compra uma peça, vem visitante que vai para restaurantes e hotéis e lá permanece durante dois dias, uma semana, tudo traz renda para o município.
(Depoimento do Prefeito de Martinho Campos)

Os sindicatos de trabalhadores e produtores rurais reclamam maior espaço nas decisões da atual administração. O representante do sindicato dos produtores rurais ressalta que Martinho Campos é um município agrícola e que a área rural é a que mais gera empregos. Por isto deveria ter mais orçamento e espaço na prefeitura, especialmente com uma Secretaria de Agricultura. O mesmo enfatiza dizendo: “Nós não temos voz ativa. O prefeito é meu amigo de infância, meu vizinho de fazenda, e nós não temos secretaria de agricultura.”

No que se refere ao sindicato de trabalhadores da indústria extrativa, chama a atenção a aproximação que existe entre o representante do sindicato e a empresa. Todavia, o tratamento com os funcionários acontece nas reuniões de comunicação de decisões ou naquelas referentes às votações ordinárias, ou seja, em eventos formais. O presidente do sindicato afirma que as reivindicações dos funcionários dizem respeito às questões corriqueiras como salário e benefícios, mais especificamente, plano de saúde e alimentação. Para ele, no entanto, o problema do plano de saúde é somente o fato de as pessoas terem de ir a Belo Horizonte (MG) e não conhecerem a cidade.

Além dessas reivindicações, o entrevistado fala da preocupação com o trabalho escravo, que não é identificado na região, em nenhuma empresa do ramo de eucalipto. Ao contrário, a empresa, no seu entendimento, dá todas as condições favoráveis para o trabalhador: “(...) o cara (...) leva do corpo dele hoje é só a meia do pé (...) a companhia fornece tudo hoje.”

Um morador, ex funcionário da ArcelorMittal aproveita uma conversa informal e levanta a acusação de *peleguismo* por parte do presidente do sindicato: "Ele só está ali porque faz o que a empresa quer. Há anos que ele está ali." A visão crítica do morador demonstra o incômodo em relação às posturas do líder sindical e em relação ao tempo de exercício de mandato da atual gestão sindical, que, por causa das reeleições, está na mesma função desde o ano de 1996, exercendo atualmente o seu quinto mandato. A transição desta representação tem em vista de ocorrer somente por causa da aposentadoria do atual presidente do sindicato, o que na opinião dele não é o que gostariam os atuais beneficiários da instituição.

Outro ponto particular vem da aproximação da qual nos referimos, entre a empresa e a representação sindical. Assim entendemos, a princípio, pelo fato de termos obtido o contato do presidente do sindicato por meio de um funcionário com cargo de chefia da ArcelorMittal em Martinho Campos. Intrigou-nos mais, no entanto, outro acontecimento. Ao ser feito o contato com o representante do sindicato, ele nos informa que já esperava a visita, pois já tinha sido avisado por um representante da empresa sobre nossa ida até a sede da instituição. No segundo contato com o sindicato, um funcionário chefe da empresa e o presidente da associação sindical seguem juntos para a reunião com os funcionários para a votação sobre a proposta salarial da empresa. A propósito, devemos enfatizar que a percepção do sindicalista sobre o resultado do acordo não indica a mesma postura concordante:

Nós pedimos muito, né, brasileiro sempre pede mais. Nós pedimos 15%, eles ofereceram 5,8. Nós tivemos um abono, um abono de 1.000 reais para cada funcionário, o piso salarial nosso chegou a 785, era 740...

Hoje, então, vai passar a receber... (entrevistador)

É. A partir do dia 1º de novembro para cá é esse valor aí. E nós conseguimos um abono de 950 reais para cada funcionário. Isso chama “cala a boca”, né, para o funcionário...

Enfim, se por um lado o sindicalista indica estar de acordo com a política da empresa, por outro ele deixa escapar sua insatisfação que se expressa na crítica à proposta salarial dos patrões.

✓ **Parcerias institucionais**

Através da fala do prefeito sobre o empréstimo de máquinas e os benefícios que a ArcelorMittal gera, podemos captar o entendimento da gestão pública sobre parceria. Todas as secretárias usam o termo “parceria” para se referir aos trabalhos da empresa, embora estejam se referindo concretamente aos projetos de responsabilidade social e ajudas prestadas pela ArcelorMittal. A maior participação da gestão municipal se dá com as escolas, dentro das atividades do Prêmio ArcelorMittal de Meio Ambiente. Os depoimentos de duas secretárias da gestão municipal ratificam a percepção apresentada aqui:

A ArcelorMittal é uma parceira. Ela contribui para o município com empregos e atua nas escolas, com o Prêmio ArcelorMittal de Meio Ambiente e com o Programa de Educação Afetivo Sexual (PEAS).
(Secretária de Educação)

E quem têm sido os parceiros desses projetos? (entrevistador)

Tem parceria com a ArcelorMittal. A gente sempre é parceiro. Ela apoia os cidadãos do futuro e realiza o PEAS nas escolas. Além disso, tem o prêmio de meio ambiente. A ArcelorMittal chama todos os secretários para conversar. No dia dos trabalhadores a secretaria chama as empresas para participar. Elas doam brindes e alguns funcionários participam.
(Secretária de Desenvolvimento Social)

Chama-nos atenção o fato descrito pela Secretária de Desenvolvimento Social, as ocasiões em que a empresa tem a iniciativa de chamar as secretarias “para conversar”, enquanto elas requisitam a empresa para eventos ou solicitações pontuais.

A condição da empresa no município se dá, neste sentido, como uma empresa provedora, aspecto contido na fala de uma ex-professora quando se refere à atuação da ArcelorMittal nas escolas: “Eles dão tudo, computadores, telefones, projetos.”

Outras experiências apresentam-se como parceria, com características distintas daquelas mencionadas acima e indicam o envolvimento das instituições parceiras. São as experiências da EMATER com a prefeitura; e do sindicato de produtores rurais com o SENAR. Nestes casos a EMATER e o sindicato são os beneficiários da parceria e os executores das ações. No caso da EMATER com a prefeitura acontece por meio de um convênio. Ela presta assessoria aos trabalhos executados no meio rural, com o objetivo de favorecer o produtor rural. Os recursos dessa atividade são provenientes do convênio firmado com o governo municipal.

Na experiência do sindicato dos produtores rurais, o SENAR encaminha a verba e o sindicato mobiliza as pessoas para o curso, forma as turmas, com, pelo menos, dez pessoas, e programa as atividades. São feitos, em média, dois cursos por mês, todos voltados para formação profissional rural. O presidente desse sindicato apresenta as formações oferecidas e ressalta a importância do convênio:

É muito importante esse convênio que mantemos com o SENAR Minas porque toda área tem a formação de mão de obra. Tem para operador de ordenha, inseminação artificial, operador de máquina, doma racional de animal, temas de defensivo agrícola, aplicação de agrotóxico, combate à formiga, todos esses cursos.

A parceria estabelecida com um órgão a nível federal é um fator que dá mais importância para a atuação do sindicato no município, tendo em vista as queixas do presidente da instituição sobre a ausência do poder público municipal.

5.3.3.3. *Conflitos*

O relato das parcerias entre a gestão pública e a ArcelorMittal, a relação do sindicato de trabalhadores da indústria extrativa com a empresa, além da visão positiva sempre relatada de forma quase consensual pelos entrevistados nos induz a insinuar que não há conflitos. No entanto, podemos dizer que eles existem, mas são expressos timidamente.

A percepção de conflito aparece na fala dos representantes dos sindicatos de trabalhadores e produtores rurais de forma clara em relação à gestão, quando eles se queixam de falta de voz ativa para participar. Também é possível notar o conflito latente na crítica da Secretária de Cultura ao cultivo do eucalipto em detrimento do bioma cerrado. O mesmo se vê no comentário do presidente do sindicato dos trabalhadores da indústria extrativa a respeito da

negociação salarial, quando se referiu à bonificação do final do ano como um “cala boca” para os funcionários. Entretanto, estes comentários aparecem em falas pontuais, como comentários abafados, autocensurados pelos benefícios que a empresa consagra o município.

Quando uma comerciante citou o caso da fumaça que afeta, ocasionalmente, o povoado de Buriti Grande, ela revela um traço da postura dos atores locais frente aos incômodos gerados pela empresa. Ela indica no caso particular a atitude de resignação que afeta aquelas pessoas vinculadas, direta ou indiretamente, com os resultados econômicos que a empresa proporciona: “E isso não os incomoda, porque estão dando empregos para eles, para os netos, para o amigo. Eles acham melhor conviver com isso do que reclamar. Agora, quem não tem parente reclama.” (comerciante e antiga moradora de Buriti Grande)

5.3.4. Aspecto Econômico - Percepções dos atores sobre o potencial econômico do município

Na tentativa de ir além dos dados oficiais analisados sobre as atividades econômicas do município, consideramos importante observar o ponto de vista de moradores e de representantes de instituições diversas a respeito das oportunidades de desenvolvimento que o município oferece e, antes mesmo disso, a percepção local sobre o desenvolvimento de Martinho Campos. As oportunidades de desenvolvimento das quais nos referimos dizem respeito, especificamente, das atividades produtivas, um aspecto econômico do desenvolvimento. Deixamos desta forma para abordar conforme a preferência e ênfase dada pelos entrevistados, que associam mais fortemente o desenvolvimento com o âmbito econômico.

5.3.4.1. Percepção sobre desenvolvimento

Para a construção deste subitem, ouvimos pessoas nascidas em Martinho Campos ou que passaram a maior parte da vida ali, viram as mudanças ocorridas desde a década de 1970 com a implantação da cultura intensiva do eucalipto na região ou que atuam em instituições bastante afetadas por esta monocultura e que tem conhecimento da trajetória percorrida pelo município. Para a maioria destas pessoas o município encontrou um patamar de crescimento relativamente bom, mas ainda não é desenvolvido. Para elas restam oportunidades não

aproveitadas e alguns pontos críticos ligados à gestão pública. Para a Secretária de Educação, por exemplo, Martinho Campos é um município em desenvolvimento. No seu parecer, há a demanda por uma instituição de ensino superior e de empregos para a população jovem local. Ela acredita que o município caminha para alcançar o seu desenvolvimento daqui a alguns anos.

A visão de desenvolvimento é fortemente marcada pelo foco na dimensão econômica, sendo enfatizadas as oportunidades de emprego que o município oferece, a diversificação das atividades produtivas e a presença de uma empresa grande como a ArcelorMittal. O potencial para a ocorrência de outras atividades produtivas e o crescimento alcançado pelo município em relação a outros de mesmo porte é visto como um ponto forte de Martinho Campos. A visão do representante da EMATER é carregada de uma perspectiva bastante otimista em relação a estas possibilidades. Para ele:

Uma grande vantagem do município é que tem uma diversificação muito boa de produtos. Tem a pecuária, tem a silvicultura, ele não vive de um produto só. Tem a questão de que hoje só fica desempregado no município quem quer. O município tem uma oferta de empregos muito grande. Se se olhar a questão da renda per capita do município, em relação a outros é muito boa. É um município pequeno, mas praticamente, toda a população trabalha. Todo mundo tem uma qualidade de vida muito boa. É um município que ainda tem um potencial muito grande para desenvolver. Ainda existem muitas terras boas para se plantar. Tem muita água para irrigação. A perspectiva futura aqui é muito boa. (Representante da EMATER)

A visão positiva do município prevalece também na opinião do diretor da empresa Santos & Dias, que afirma ainda: “Martinho Campos tem possibilidade de crescimento devido à situação estratégica dela. Vejo a perspectiva de crescimento na área produtiva.” Para alavancar este potencial o empresário considera importante que o setor público se faça mais presente, pois em sua percepção o setor privado faz mais pelo município do que o setor público e há carência da atuação governamental não só a nível municipal, como também estadual e federal.

Os principais desafios apontados pelo público entrevistado recaem, quase de modo unânime, sobre o modo como a cidade é administrada. As críticas reúnem questões como a visão de política ultrapassada que predomina na gestão e a má administração da arrecadação, tendo em vista a quantidade de empresas que contribuem para o município.

Também são apontadas demandas nas áreas da saúde e educação. Uma moradora do povoado de Buriti Grande enfatiza os desafios relacionados ao atendimento da saúde e saneamento básico na comunidade e vê nisso a falta de atenção da gestão pública. Quando interrogada sobre os principais desafios que o município enfrenta, ela desabafa:

São mais de questões políticas. Na questão do lixo que a prefeitura tem com a gente. Já tem um tempo que não conseguimos eleger um vereador dedicado. A questão da rede de esgoto que fizeram e deixaram de lado. A parte da saúde também. Quando é cirurgia, ou alguma coisa com mais urgência até que dá certo. Mas no posto que fizeram para a gente, um posto bom, porque nossa comunidade é pequena, o próprio médico estava muito nervoso, porque ele não tem como oferecer para os pacientes uma consulta boa. Ele está atendendo a consulta e está ouvindo o que outro paciente está conversando lá fora, porque é tudo muito juntinho. Então, o atendimento lá é muito precário, mesmo tendo o local de atendimento para a comunidade.

(Moradora do Povoado de Buriti Grande e comerciante)

A situação descrita pela moradora diz respeito ao problema de infraestrutura do posto de saúde do povoado de Buriti Grande. O atendimento à população é feito em um pequeno cômodo no centro do povoado. Haja vista a necessidade de melhores instalações foi construída uma nova unidade, cuja obra foi finalizada em 2012, mas até o final de 2013 não tinha sido inaugurada, provocando a indignação dos moradores do povoado, como exposto acima.

A necessidade de uma instituição de ensino superior é colocada pela população e também pela Secretária de Educação. O deslocamento diário de estudantes de Martinho Campos e de outras localidades da região para Bom Despacho para ter acesso às faculdades de lá indicaria a demanda por uma faculdade. É isto que reivindica uma moradora:

Acho que devia ter faculdade em Martinho Campos. Para um menino da gente sair para Martinho Campos é bem mais fácil que para Bom Despacho, menos cansativo. Vem muita gente para Bom Despacho, gente de Pompeu. Seria bem mais fácil para esses se fossem para Martinho Campos. Eu acho que uma faculdade lá seria uma boa. (Moradora do Povoado de Buriti Grande e funcionária da ArcelorMittal)

O prefeito também considera as duas áreas como as que mais demandam atenção da gestão, destacando o desafio do transporte escolar de estudantes da zona rural como algo que tem ocupado sua administração.

Em relação às empresas, aparece pontualmente, na fala de uma secretária, a cobrança de uma presença maior delas no cuidado do território municipal. Para ela, as empresas deveriam cuidar dos espaços públicos (praças, jardins e ruas). Outro item pontuado pela secretária diz respeito ao trânsito intenso de veículos dentro da área urbana, próximo da praça da Igreja

Matriz, considerada o cartão postal da cidade. Esta via, dentro da cidade, liga Martinho Campos às duas BRs da região, trazendo para o município o tráfego de caminhões, ônibus e carros de passeio.

Os entrevistados também apontam o desejo de novas oportunidades de emprego, sendo destacada por alguns esta demanda para a população jovem. Apesar de poucos entrevistados perceberem as carências do município, há uma instituição que trata diretamente delas: a Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP).

Os principais problemas que a SSVP encontra são os casos de viúvas com filho e que, por isso, não podem trabalhar; também atendem aos casos de pessoas que trabalham, mas possuem muitos filhos em casa e não ganham o suficiente para sustentá-los. Uma participante da SSVP declara que não há dificuldades para encontrar trabalho no município, logo o desemprego não é um problema na cidade. Ela afirma, no entanto, que a população carente é pouco organizada e que não há iniciativa por parte deste público. Apesar de não ser percebido com muita clareza pelos entrevistados, é importante lembrar sobre o desemprego no município, pois como já expomos, os últimos dados apontaram para uma taxa superior à média do estado de Minas Gerais.

Outros entrevistados ressaltam a necessidade de mão de obra qualificada, apontando o aspecto da qualificação como um entrave para o desenvolvimento. A educação se torna assim uma área de especial atenção para eles.

A geração de mais empregos vem acompanhada das expectativas de maior arrecadação, entendendo que a vinda de novas empresas e o investimento em novas atividades produtivas atenderia esta demanda. O próprio prefeito tem esta visão e acredita que, para melhorar o desenvolvimento do município, são necessárias “Mais empresas, para arrecadação melhorar; mais empresas dentro do município porque aí vai gerando mais empregos, mais impostos, aí vai melhorando, vai dando uma condição de desenvolver com mais facilidade.”

Somando a outras percepções, é visto como necessidade o investimento em novas indústrias ou o incremento das atividades da agropecuária, sendo reivindicados maiores incentivos às áreas rurais. “Se tivesse um incentivo maior nas áreas rurais poderia melhorar. Aqui hoje só

tem fazendinhas”, afirma um morador de Buriti Grande do município e funcionário da ArcelorMittal.

Há uma visão de futuro do município muito positiva aliada às expectativas de novos investimentos, mesmo para quem vê um crescimento lento. A posição do território municipal é vista como estratégica e favorecedora para a dinamização de suas atividades produtivas.

A esperança sobre a juventude sustenta a visão desta população adulta, que vê neles a mudança no modo de governar e de empreender.

Eu acho que as coisas vão melhorar e muito, por causa dos jovens. Daqui a dez anos a política da nossa região vai ser diferente. Vão ser os jovens de hoje que vão administrar e não aqueles jovens de antigamente. Quem administra hoje Martinho Campos é só gente com idade avançada, com aquela cultura do passado. Acho que as coisas vão mudar, porque o jovem está estudando, evoluindo. E ele pensa diferente. Ele tem uma visão diferente. Acho que vai mudar, vai ser muito diferente. Eu acredito nos jovens de hoje. (antigo morador do município e funcionário da ArcelorMittal)

Vai ao encontro da opinião desse morador a percepção do técnico responsável pela EMATER em Martinho Campos. Para ele, o acesso a novos conhecimentos através das oportunidades do ensino superior serão facilitadoras de transformações no empreendedorismo através da população jovem:

Ele (o município) vai se desenvolver através de desenvolvimento cultural da população. A cidade está ficando cada dia mais estudada. Todo mundo fazendo faculdade, tendo um conhecimento maior. E isso faz com que se criem novos empreendedores para o município. Esses novos empreendedores é que vão fazer acontecer; que vão desenvolver atividades novas, que vão crescer as atividades já existentes. Esse conhecimento que vem surgindo com o pessoal fazendo faculdade é que vai alavancar uma mudança na cabeça das pessoas. Deixar o tradicional do produtor antigo e vir um novo tipo de produtor. Um empreendedor rural.

Estes dois depoimentos estão carregados de um otimismo sobre a população jovem do município, tanto no campo da gestão do município como no desenvolvimento da economia local. Espera-se que eles ocupem a política e os negócios com uma nova visão, substituindo a atual geração, cujo modo de governar e de empreender traz em si posturas ultrapassadas.

5.3.4.2. Atividades produtivas – alternativas

Finalmente, sobre as oportunidades as quais os entrevistados acreditam que o município deve aproveitar, eles apresentam claramente o potencial para a diversificação e aumento das atividades produtivas.

Vários fatores atuam em conjunto para fortalecer esta visão: há, no município uma topografia e localização privilegiadas, além de terras e água em quantidade satisfatória; há tecnologia de pivôs que permitem irrigação do solo o ano todo. Deste modo, existe um potencial para alavancar a agropecuária. O prefeito, um encarregado da ArcelorMittal e o presidente do sindicato dos produtores rurais compartilham dessa visão. O representante do Sindicato dos Produtores Rurais explica esta percepção:

Aqui nós temos muita água. Muita terra boa, muita terra fértil. Muita água e terra. Falta iniciativa para outros empreendimentos. Irrigação, por exemplo. Na nossa região não tem irrigação. E a irrigação é a solução para a falta de chuva. Para aumentar a produção de grãos, por exemplo.

O mesmo entrevistado continua sua explicação criticando a prioridade de investimento no eucalipto por parte dos produtores e chamando a atenção para uma carência:

Hoje o pessoal está com fé muito grande no eucalipto, mas eu não sei se é uma boa. Porque o eucalipto gera emprego, gera renda, mas não gera grão. Não é um alimento. E pelo tamanho da região você pode ver que não tem produção de alimento aqui, grãos. Acho que as empresas deveriam se preocupar mais com as áreas voltadas para a alimentação, grãos, por exemplo.
(Presidente do Sindicato de Produtores Rurais)

O presidente do sindicato dos produtores rurais, que também trabalha no campo, enfatiza bastante a necessidade de produção de alimentos no município. Ele fala das condições desfavoráveis dos produtores locais, o que gera dependência das Centrais de Abastecimento de Minas Gerais S.A. (conhecido como CEASAMINAS), em Belo Horizonte; e ainda favorece a saída da população das áreas rurais. Não há, de acordo com o entrevistado, uma regularidade da produção da agricultura no município; ora há oferta, ora não há. O CEASAMINAS, todavia, oferece tudo aos comerciantes que se deslocam até a central de distribuição de alimentos. Para o presidente desse sindicato,

As empresas daqui (Martinho Campos) deveriam investir mais no alimento. Deveria fazer parcerias com os produtores, com associações de produtores para poder valorizar a região, manter a mão de obra no campo. Eu mesmo comecei a plantar o ano passado, mas como não tenho uma frequência o supermercado não pode depender de mim. E ele compra pouquinho do meu, porque já tem outro fornecedor. Já busca no CEASAMINAS, porque não pode contar com o daqui.
(Presidente do Sindicato de Produtores Rurais)

Com este entendimento fica ainda, da percepção dos entrevistados, a necessidade de fortalecimento do trabalho no campo. O presidente do sindicato dos trabalhadores rurais também se queixa da falta de apoio ao produtor, pois a mão de obra e insumos como sementes e fertilizantes ficam caros. Deste modo o produtor não consegue fazer investimentos em áreas maiores de plantio.

Tendo em vista que já existe uma produção da pecuária leiteira bem estabelecida, há também a abertura da gestão municipal para novos investidores e empreendimentos.

Sempre procuro empresas para vir para cá. Negociei com a Itambé, depois não deu certo. Agora estamos negociando com cerâmica, porque argila nós temos no município. Então estamos negociando com uma empresa de cerâmica para montar num distrito para gerar mais empregos lá. Às vezes é um distrito grande de três mil e quinhentos habitantes e não tem uma empresa lá dentro, não tem renda, fica tudo na sede. A partir do momento que começar a chegar uma empresa num distrito desses vai aparecendo outros interessados. Aqui já veio a Prossafra, veio a Vacinar, já tem uma empresa de calçado no Buriti Grande. Então é procurar as empresas para ver aquela que se interessa. O município está aberto para receber.

(Prefeito de Martinho Campos)

É notável, todavia, que o prefeito menciona investimentos externos e novas atividades, exclusivamente industriais. Não é colocada por ele a possibilidade de investimentos nas atividades que o mesmo, em entrevista, afirmou ser favoráveis ao município: a pecuária leiteira e a agricultura.

5.3.5. Análises complementares

Neste item desenvolveremos alguns apontamentos de acordo com a mesma divisão temática da apresentação dos dados. Logo, seguiremos a seguinte ordem de apresentação: percepções sobre o aspecto ambiental, aspectos sociais e aspecto econômico.

5.3.5.1. Percepções sobre o aspecto ambiental

Já foi mencionada a mudança que ocorreu com a saída de animais das áreas de eucalipto – onde não há alimento nem abrigo para eles – para áreas onde as matas foram preservadas. Este fato ratifica a importância de áreas de preservação e permite compreender o efeito da perda da vegetação nativa. Este fato leva ao deslocamento de inúmeras espécies que habitam numa extensa área e passam a residir a partir daí em 20% de seu total, isto é, a área mínima de preservação definida por lei.

A diversidade animal e vegetal apresenta-se como a principal perda ambiental causada pelo investimento na monocultura de eucalipto. Este é um preço alto que tem apresentado o cultivo de eucalipto e as monoculturas em geral. Torna-se imprescindível para mitigar este impacto que sejam garantidas, pelo menos, as áreas de preservação asseguradas pelas leis nacionais.

No caso da ArcelorMittal foram evidenciados os problemas com as emissões de poluentes na produção de carvão e com uso de defensivos agrícolas, e não pode ser negado o alto consumo de água pelas plantações de eucalipto, além da perda de nascentes constatada nos relatos de moradores locais e de funcionários da empresa.

5.3.5.2. Aspectos Sociais

Todos os entrevistados do município de Martinho Campos estão de algum modo, ligados por uma condição de beneficiário pelas ações da ArcelorMittal BioFlorestas. A empresa aparece sobreposta às outras instituições, revelando não apenas sua força econômica de alcance internacional, mas também sua força institucional maior que a dos atores locais, inclusive os atores públicos.

A presença da ArcelorMittal na vida pública de Martinho Campos indica um fato positivo que é a sua capacidade de mobilização social, expressa nos relatos de membros do poder público e de moradores. Ao mesmo tempo ela aparece com mais voz que os atores civis e a gestão pública, indicando-nos o enfraquecimento da sociedade civil no município e mais ainda da gestão pública. Isto fica mais evidente haja vista a falta de uma participação organizada da população na gestão do município, assim como das instituições locais. Ao mesmo tempo em que não são percebidas articulações entre essas instituições.

Há um esforço de contato dos órgãos governamentais com a população. Entretanto, as demandas suscitadas pela sociedade civil são tratadas de modo particular – normalmente levadas diretamente às secretarias ou à prefeitura -, demonstrando não haver uma participação autônoma e coletiva em relação às questões que são coletivas.

O fato de não haver uma atuação coletiva dos produtores dificulta muito a eles negociarem preços de compra de insumos e conseguirem um preço melhor na venda do leite, algo alcançado pelos grandes produtores; além disso, falta uma representação dessa parcela de trabalhadores que leve até o governo municipal e outras entidades suas demandas e os interesses da população rural.

Outra preocupação de representantes de instituições e da população dá-se acerca da necessidade de melhoria nas áreas da saúde e educação e sobre a demanda específica por uma instituição de ensino superior no município. O fato de a população jovem ter acesso a ensino superior vem acompanhado de uma expectativa otimista em relação a essa faixa da população. Este otimismo é baseado em um fato: a população jovem do município tem acesso a cursos de formação, os quais a população atualmente adulta não teve. Mas ele também aponta para uma postura resignada por parte dos entrevistados: a expectativa de que as mudanças venham no futuro, com a atuação dos mais jovens, ou seja, aqueles que ocuparão seus lugares e não com uma atuação política atual, para a qual a participação dos adultos é importante.

5.3.5.3. Aspecto Econômico - Percepções dos atores sobre o potencial econômico do município

Analisando a percepção dos entrevistados, a produção de leite e a agricultura são, nesta ordem, os setores de atividades com grande potencial a ser desenvolvido. A produção de grãos tem sido já o foco de alguns produtores, especialmente no caso do milho, com condições de ser ampliada, na visão de representantes de instituições voltadas para o meio rural.

O cultivo de grãos é visto como uma necessidade para a alimentação humana, sendo que o cultivo atual se destina, basicamente, à criação de animais. Neste entendimento, o investimento diminuiria a dependência em relação ao CEASAMINAS e inverteria a posição do município, colocando-o na condição de fornecedor e não mais como dependente do centro de distribuição. Uma percepção difundida entre os entrevistados é a de Martinho Campos como um território dotado de características que o favorecem muito: o município possui boas terras, água em boa quantidade, topografia considerada favorável e facilidade de acesso.

Apesar dessas vantagens indicadas pelos entrevistados, não há uma visão da gestão municipal sobre o papel que lhe cabe no desenvolvimento das atividades agropecuárias. A pecuária leiteira, por exemplo, não é apresentada como uma atividade importante e que pode ser potencializada. Há a expectativa de que somente com a chegada de mais empresas para o município ele obterá melhor desenvolvimento econômico.

Por outro lado, os órgãos voltados para o meio rural (EMATER, Sindicato de Produtores e de Trabalhadores Rurais) enxergam a necessidade de investimento no trabalho no campo, aproveitando o potencial que o município oferece. Entretanto, não foram identificadas ações substantivas para isto.

6. CONCLUSÕES

À modo de conclusão, retomamos as questões norteadoras e as hipóteses propostas no início deste trabalho. Primeiramente, perguntamos: *quais as consequências socioeconômicas da monocultura de eucalipto, administrada por um grande ator econômico internacional, para o município de Martinho Campos?*

Em resposta à primeira questão podemos dizer que a trajetória do município de Martinho Campos sofre uma inflexão, dada pela chegada de um grande ator econômico internacional na região na década de 1970, a ArcelorMittal BioFlorestas, antiga CAF. A sua inserção ali se deu com a compra de terras e com a implantação de uma cadeia extensa de eucalipto, incorporando, substancialmente, o município entre os grandes produtores nacionais de eucalipto e na cadeia internacional do aço.

Com essa intervenção ficou evidenciada uma mudança drástica da paisagem da região onde predominava a vegetação do Cerrado. Esta mudança afetou a biodiversidade ao serem incorporados milhares de hectares de um só tipo de cultura. Também o consumo de água aumentou devido ao porte elevado do eucalipto em relação às culturas que predominavam antes. Salientamos os relatos da população sobre as nascentes perdidas com o processo de plantação dessas árvores nos anos de instalação da empresa no município de Martinho Campos. Precisamos também recordar o impacto sobre a qualidade do ar das áreas próximas à unidade de produção de carvão, o qual é reconhecido pela empresa, que demonstrou interesse em mitigá-lo. Faz-se necessário ressaltar que há uma política de meio ambiente na empresa que, de acordo com os relatos, busca responder à legislação ambiental do país. Contudo, as transformações ocorridas no município são evidentes e próprias de um cultivo adaptado e, por assim dizer, muito distinto do bioma original dessa região.

Com a implantação da silvicultura, através da ArcelorMittal, criou-se um mercado de trabalho assalariado moderno. A empresa impulsionou a modernização do emprego rural, definindo em suas admissões contratos formais de trabalho, diferentemente dos meios informais de

contratação existentes no município na época de sua chegada ali. Ao mesmo tempo, nota-se que a produção de eucalipto ocorreu em detrimento da agricultura.

Com o investimento pesado na monocultura do eucalipto, foi realizada uma redefinição das atividades econômicas do município, abrindo espaço para outras empresas com atividades afins (madeira, plantio de mudas) e de serviços para dar suporte à silvicultura (transporte de pessoal e de produtos, postos de gasolina, lojas de peças, basicamente). Neste entendimento, a ArcelorMittal BioFlorestas não é, isoladamente, o principal ator econômico de Martinho Campos. Ela divide espaço com o grupo S&D, que também atua com a silvicultura, contudo, com produtos distintos.

Temos de considerar, ao mesmo tempo, uma preocupação comum em torno da silvicultura: a suscetibilidade dessa atividade produtiva em relação às oscilações do mercado, especialmente no caso do cultivo de carvão vegetal feito pela BioFlorestas, cujo produto está interligado à cadeia internacional do aço. Fica evidente que pequenas mudanças em escala mundial podem ser pesadas para pequenos municípios, como Martinho Campos. Esta preocupação se fundamenta na crise econômica de 2008, haja vista a sua repercussão sobre a produção no município. Ao mesmo tempo, nossos achados em Martinho Campos vão ao encontro do conceito que alguns autores chamam de comunidade monoindustrial. Uma comunidade monoindustrial se forma quando “uma grande indústria assume o papel de provedora das condições gerais da população, da reprodução ampliada da força de trabalho e da urbanização.” (Braga, apud Fonseca, 2012). Este cenário gera dependência e pode trazer problemas ao bem-estar das comunidades afetadas, afirmam autores como Clark (2006). Particularmente no Brasil é discutida a vulnerabilidade dos municípios dependentes da mineração e da siderurgia. Argumenta-se que para enfrentar esse contexto de susceptibilidades, esses municípios devem diversificar sua economia, além de planejar estratégias para se adaptar às crises e choques econômicos. (Fonseca, 2012)

Neste caso, apresentamos a situação desse município como próxima da monoindustrial, no ramo da siderurgia, não diretamente ligada à usina, mas por estar inserida na cadeia de produção do aço, através do eucalipto. Não é também o volume de eucalipto produzido que aproxima o município da condição de monoindustrial, uma vez que, em quantidade produzida, o leite ocupa um espaço grande. Pode-se considerá-lo desse modo por causa da sua estrutura

produtiva voltada para a silvicultura, tanto pela produção de carvão vegetal, tanto quanto pela de madeira e mudas, assim como o serviço de transporte, os postos de combustíveis, além da quantidade de pessoas empregadas.

Apesar da dimensão alcançada pela silvicultura, a pecuária leiteira caminha paralelamente a tal setor produtivo, apresentando grandes volumes de leite em extensas áreas dedicadas à pastagem. Enquanto as plantações de eucalipto ocupam 25,82% da cobertura vegetal do município, as áreas de pastagem - próprias para pecuária - ocupam praticamente 40% do total de áreas verdes, considerando que são 13,71% de pastagens naturais, 3,45% de pastagens degradadas e 22,38% de pastagens plantadas (**Quadro 14**). Contudo, nem em termos de organização e representatividade do setor, de empregabilidade, tampouco em contribuição de impostos há evidências de uma força que corresponda ao que é produzido em suas inúmeras fazendas. O leite extraído não fica no município, ele é destinado a várias empresas e não há uma indústria local que trabalhe no seu beneficiamento e estabeleça uma cadeia produtiva do leite. Mesmo a COOPERBOM (cooperativa da região) não atua no município no beneficiamento dessa produção. Em certa medida, a pecuária leiteira é um grande potencial do município de Martinho Campos, havendo também indicações positivas para o desenvolvimento da agricultura. Afora a quantidade de leite produzido, é preciso levar em conta que a vegetação de campo, utilizada para pastagem, é própria da vegetação local. Mesmo que haja áreas plantadas (não naturais), o tipo de vegetação não é estranho ao bioma da região, tornando este um aspecto favorável à pecuária no município. Ressaltamos que a cultura pecuária, especialmente a leiteira, é forte em Minas Gerais, historicamente, tanto que o estado é referenciado na República Velha por essa produção - quando São Paulo era lembrado pela produção de café -, e os dois estados faziam a chamada política do “Café com Leite”.

Todavia, esse desenvolvimento parece pouco provável de acontecer se não houver uma política voltada para agropecuária, com a inserção dos órgãos ligados ao meio rural. A criação de Secretarias de Meio Ambiente e Agropecuária, requisitadas por alguns entrevistados, apresenta-se uma oportunidade, como dá para concluir com esta investigação.

Pelo modo como está estruturada a cadeia de eucalipto no município de Martinho Campos, a partir das evidências apresentadas, a nossa primeira hipótese é parcialmente corroborada. Afirmamos inicialmente que o tipo de atividade de monocultura extrai a riqueza da

localidade, gera dependência, reduz a biodiversidade e não limita as perspectivas de futuro para o município a médio e longo prazo. Ao mesmo tempo em que extrai a riqueza, a silvicultura gera ganhos para o município de Martinho Campos. O fato de a atividade ser formalizada implica, necessariamente, no retorno para o município de impostos sobre a produção. Além do mais, é relevante a empregabilidade do setor, que abarca 35,86 % dos empregos formais do município (**Quadro 23**). Há, de fato, um tipo de dependência em relação à silvicultura e, já por ser uma monocultura, ela reduz a biodiversidade onde é implantada. Ressaltamos que esta dependência econômica vinculada à silvicultura não está atrelada à ArcelorMittal, levando em conta que há outra empresa do setor detentora de um papel econômico relevante no município (o grupo S&D) e não somente a empresa mencionada. Em resposta a esta situação, não há uma estratégia do município de enfrentamento às possíveis oscilações de mercado ou a uma crise econômica, restando a expectativa de aumento de arrecadação com a vinda de novos investimentos. Portanto, a silvicultura cria obstáculos para o desenvolvimento do município, a médio e longo prazo.

Partimos então para a segunda pergunta: *de que modo a atividade produtiva de eucalipto afeta a organização coletiva (sociedade civil organizada e instituições públicas) do município em questão?*

Embora, no critério econômico, a relevância da ArcelorMittal BioFlorestas seja compartilhada com o grupo S&D, na participação na vida pública de Martinho Campos a BioFlorestas possui um papel que ultrapassa uma mera função econômica. Por parte dos moradores, há uma confiança sobre o trabalho da empresa, muito diferente da postura em relação ao governo municipal. Esta credibilidade gera uma relação desigual entre ela e outras instituições locais, tornando a ArcelorMittal a referência na vida pública dos moradores; isto faz com que as manifestações de críticas referentes à silvicultura ou à empresa sejam bastante tímidas, expressas algumas vezes por representantes de instituições não ligadas à cadeia de eucalipto.

Esta condição da empresa concede a ela uma autoridade e uma capacidade de articulação social pouco percebida nas instituições civis as quais tivemos contato. De modo mais inquietante é percebida a relação do governo municipal com a empresa, onde permeia uma mistura do interesse privado e público, desencadeando relações, predominantemente, paternas da ArcelorMittal com a Prefeitura.

Há de se esperar, basicamente, de uma sociedade com uma vida pública vigorosa que haja interação entre as instituições, dos cidadãos com essas instituições e dos cidadãos entre si. Isto diz respeito à participação nos processos decisórios, com os quais esses atores estão diretamente ligados. As evidências apontam para fortes entraves referentes a estes aspectos no município de Martinho Campos. De todas as organizações identificadas (**Quadro 11**), as mais evidentes, excluindo os órgãos governamentais, são os sindicatos (da indústria extrativa, de produtores e trabalhadores rurais) mais a EMATER. De todas, apenas esta última indica uma proximidade com a gestão pública municipal. Aliás, os Sindicatos de Trabalhadores e o de Produtores Rurais demonstram pouca articulação com a gestão pública e mesmo entre si. Já o sindicato dos trabalhadores da indústria extrativa demonstra mais proximidade com a empresa do que com os trabalhadores que ele representa. As outras associações localizadas atuam de maneira pontual, focadas em ações de assistência social. Logo, o aspecto institucional se apresenta como o ponto mais crítico para o desenvolvimento do município, uma vez que demonstra barreiras difíceis de ultrapassar, dificultando o aproveitamento das potencialidades que possui.

No que se refere à mobilização social no município de Martinho Campos, percebemos que as situações que demandam a participação são confiadas à figura do representante, sendo entregues a ele as queixas feitas por moradores de forma isolada. Ou seja, a participação se dá sem o comprometimento daqueles que são os mais afetados pelas decisões. Isto é uma grande preocupação, especialmente no caso de Martinho Campos. Porque neste, a discreta participação da população local vem atrelada a uma força institucional de um ator privado, cujos interesses são particulares e submetidos aos critérios do capital.

Seguindo a perspectiva da abordagem territorial, a força das instituições civis e a participação da população são condições para a promoção do desenvolvimento sustentável. Se estes aspectos se apresentam bastantes frágeis, o desenvolvimento territorial sustentável torna-se, na mesma medida, comprometido.

Assim, respondemos à segunda questão de pesquisa e ratificamos a segunda hipótese: a dependência em relação à atividade econômica resulta em um enfraquecimento das organizações locais e restringe as iniciativas do poder público local. Esta restrição acontece na

medida em que a gestão pública precisa colocar na balança entre dar ouvidos às organizações civis ou priorizar seu vínculo com um grande ator econômico que atua em seu município.

Dito isso, inferimos que não se vê nada além da monocultura do eucalipto. Essa visão obstruída se dá, primeiramente, no plano estético, pois, os plantéis de eucalipto se interpõem em relação a outros campos de produção e entre as comunidades do município. Desse modo, temos a impressão que a silvicultura ocupa, em importância, a mesma dimensão de exclusividade quando avistamos os seus plantéis de eucalipto. Também não se vê além da monocultura de eucalipto em razão do arranjo institucional local, o qual atua como se orbitasse a cadeia produtiva da silvicultura e existisse em função dela. Essa perspectiva desconsidera toda a atividade econômica local para além do eucalipto. A não ser que as olhemos mais pacientemente, como por uma lupa, essas produções continuarão relegadas à invisibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMOVAY, Ricardo. “Entre Deus e o diabo. Mercados e interação humana nas ciências sociais”. *Tempo Social*, 16(2), 2004.

ANDION, Carolina. Contribuições do debate sobre desenvolvimento territorial sustentável para a efetividade da gestão municipal. *Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política*. Volume 8. Edição 14. pp. 181-209. 2009

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1979, 3ª Parte (119-196).

BOURDIEU, Pierre. “O campo econômico”. *Política & Sociedade*. Nº 6, abril de 2005.

CAZELLA, Ademir Antônio; BÚRIGO, Fábio Luiz. Inclusão financeira e desenvolvimento rural: a importância das organizações territoriais. *Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política*. Volume 8. Edição 14. pp. 301-332. 2009

CLARK, Julie D. *Company towns in America, 1880 to 1930*. (2006)

Disponível em

<<<http://humboldt-dspace.calstate.edu/bitstream/handle/2148/59/Clark.pdf?sequence=1>>>

Acesso em 03/04/2014

FILHO, Ives Gandra da Silva Martins. *Revista Jurídica Virtual Palácio do Planalto*. Brasília, vol. 1, n. 4, agosto 1999. Acesso em 24/02/2014. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_04/direitos_fundamentais.htm

FONSECA, Alberto. *Análise Crítica da Declaração de Escopo do Projeto Companhia Avícola de Nova Soberbo S/A*. Departamento de Engenharia Ambiental. UFOP. Ouro Preto, 2012.

FUNDAÇÃO

GETÚLIO

VARGAS

-

[http://www5.fgv.br/ctae/publicacoes/Ning/Publicacoes/00-](http://www5.fgv.br/ctae/publicacoes/Ning/Publicacoes/00-Artigos/JogoDeEmpresas/Karoshi/glossario/FORDISMO.html)

[Artigos/JogoDeEmpresas/Karoshi/glossario/FORDISMO.html](http://www5.fgv.br/ctae/publicacoes/Ning/Publicacoes/00-Artigos/JogoDeEmpresas/Karoshi/glossario/FORDISMO.html). Acesso em 16/07/2013

GOHN, Maria da Glória. *Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina*, s/d. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v21n54/03.pdf>. Acesso em 05/05/2012.

GOUËSET, Vincent (1999). El territorio colombiano y sus márgenes. La difícil tarea de La construcción territorial. *Territorios*, enero, número 001. Universidad de los Andes. Bogotá, Colombia. Pp. 77-94. 1999

HIGGINS, S. S. O capital social como infra-estrutura de iniciativas produtivas - Estudo de caso de um projeto de cultivo de Palma Africana para pequenos produtores rurais na Colômbia-. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 1-38. 2005.

LAURENT, Catherine. Desigualdades sociais, pobreza e desenvolvimento sustentável: Novas questões relacionadas aos modelos de conhecimento que fundamentam a ação política. *Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política*. Volume 8. Edição 14. pp.145-178. 2009

LÉVESQUE, Benoît. Economia plural e desenvolvimento territorial na perspectiva do desenvolvimento sustentável: Elementos teóricos de sociologia econômica e de socioeconomia. *Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política*. Volume 8. Edição 14. pp.107-144. 2009

PECQUEUR, Bernard. Territories, Development and Specific Resources: What Analytical Framework? *Regional studies : journal of the Regional Studies Association ; the international forum for regional development policy and research*. - Abingdon, Oxfordshire : Routledge, Taylor & Francis Group, ISSN 0034-3404, ZDB-ID 4128424. - Vol. 35.2001, 5, p. 449-460

PECQUEUR, Bernard. A guinada territorial da economia global . *Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política*. Volume 8. Edição 14. pp. 79-105. 2009

PIRES, A. D. R. Industrialização difusa e "modelos" de desenvolvimento: um estudo no distrito de Azeiro. **Finisterra**, Lisboa, v. XXI, n. 42, p. 239-269, 1986.

POLANYI, Karl. The Economy as Instituted Process. Em: Granovetter, Mark e Swedberg, Richard (orgs). *The Sociology of Economic Life*. San Francisco: Westview press, 1992. Págs. 29 – 51.

_____. *A grande transformação*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo, Siciliano, 1991.

REZENDE, João Batista; PEREIRA, José Roberto; BOTELHO Douglas de Oliveira. (2012). *Expansão da cultura de eucalipto nos municípios mineiros e gestão territorial*. Disponível em <<<http://www.scielo.br/pdf/cerne/v19n1/01.pdf>>> Acesso em 03/04/2014

SANTOS, Mauro Augusto dos. *A influência do ciclo de vida dos domicílios nos movimentos migratórios nas regiões de fronteira agrícola no cerrado brasileiro*. CEDEPLAR/UFMG, s/d. Disponível em

<<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/comunic_sec_1_inf_cic_vid.pdf>>. Acesso em 01/05/2014

SILVA, Carlos Eduardo Mazzetto; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Água, cerrado, eucalipto e gente. In. *Caderno CEAS*, nº 222. Salvador, abril/junho, 2006. PP-55-58

STEINER, Philippe. “Da antiga à nova sociologia econômica”. In. Steiner, P. *A sociologia econômica*. São Paulo: Atlas, 2006.

VALE, G. M. V. **Territórios Vitoriosos: o papel das redes organizacionais**. [S.l.]: Garamond, 2007.

VIEIRA, Paulo Freire. Políticas ambientais no Brasil: Do preservacionismo ao desenvolvimento territorial sustentável. *Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política*. Volume 8. Edição 14. pp. 27-75. (2009)

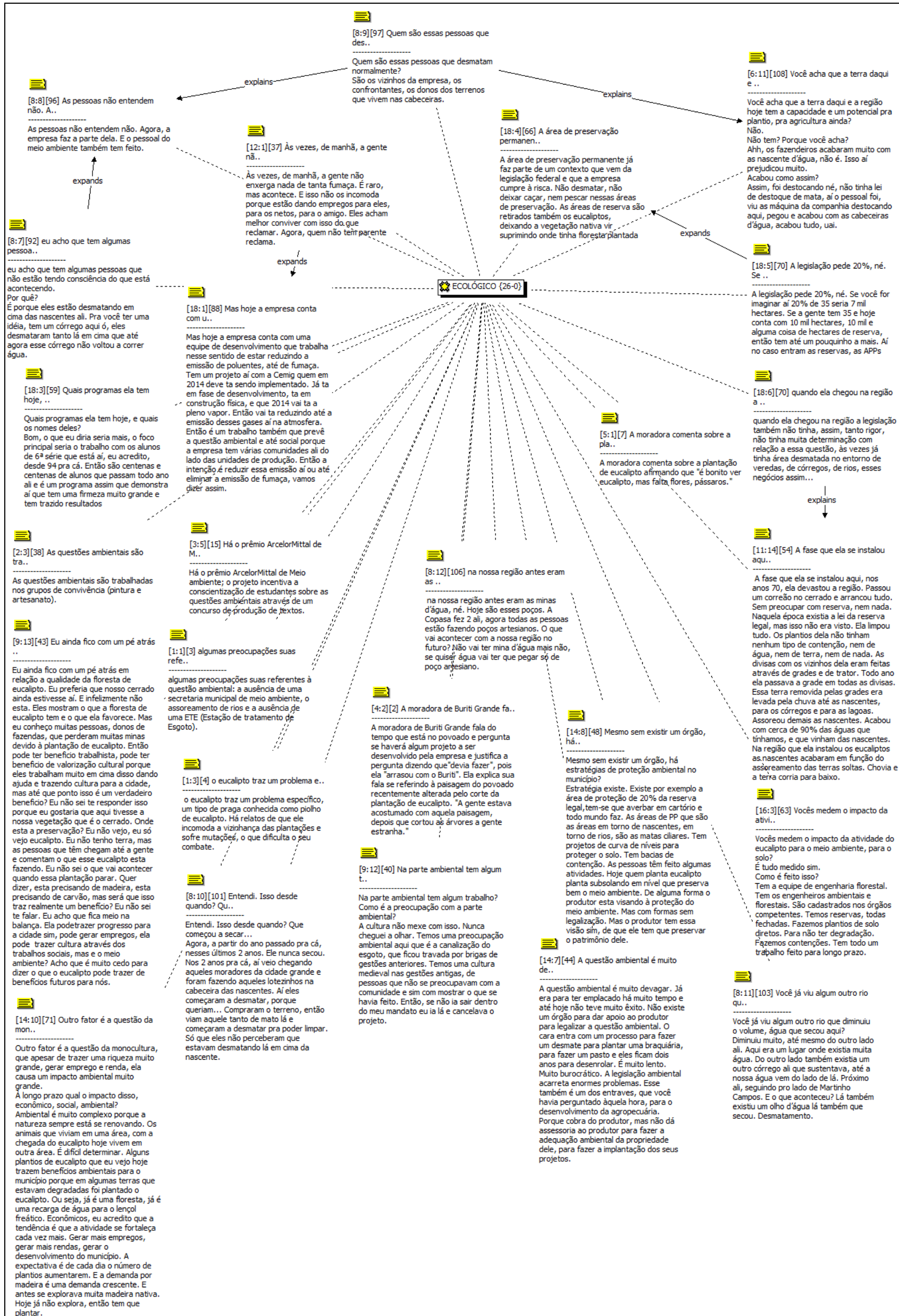
VIEIRA, P. F; CAZELLA, A. A. Desenvolvimento territorial sustentável em zonas rurais: subsídios para a elaboração de um modelo de análise. In: SEMINARIO INTERNACIONAL TERRITORIOS RURALES EM MOVIMIENTO, Santiago do Chile. Territorios Rurales en Movimiento: movimientos sociales, actores e instituciones del desarrollo territorial rural. Santiago do Chile: IDRC-CRDI, 2006.

APÊNDICE

Diagramas

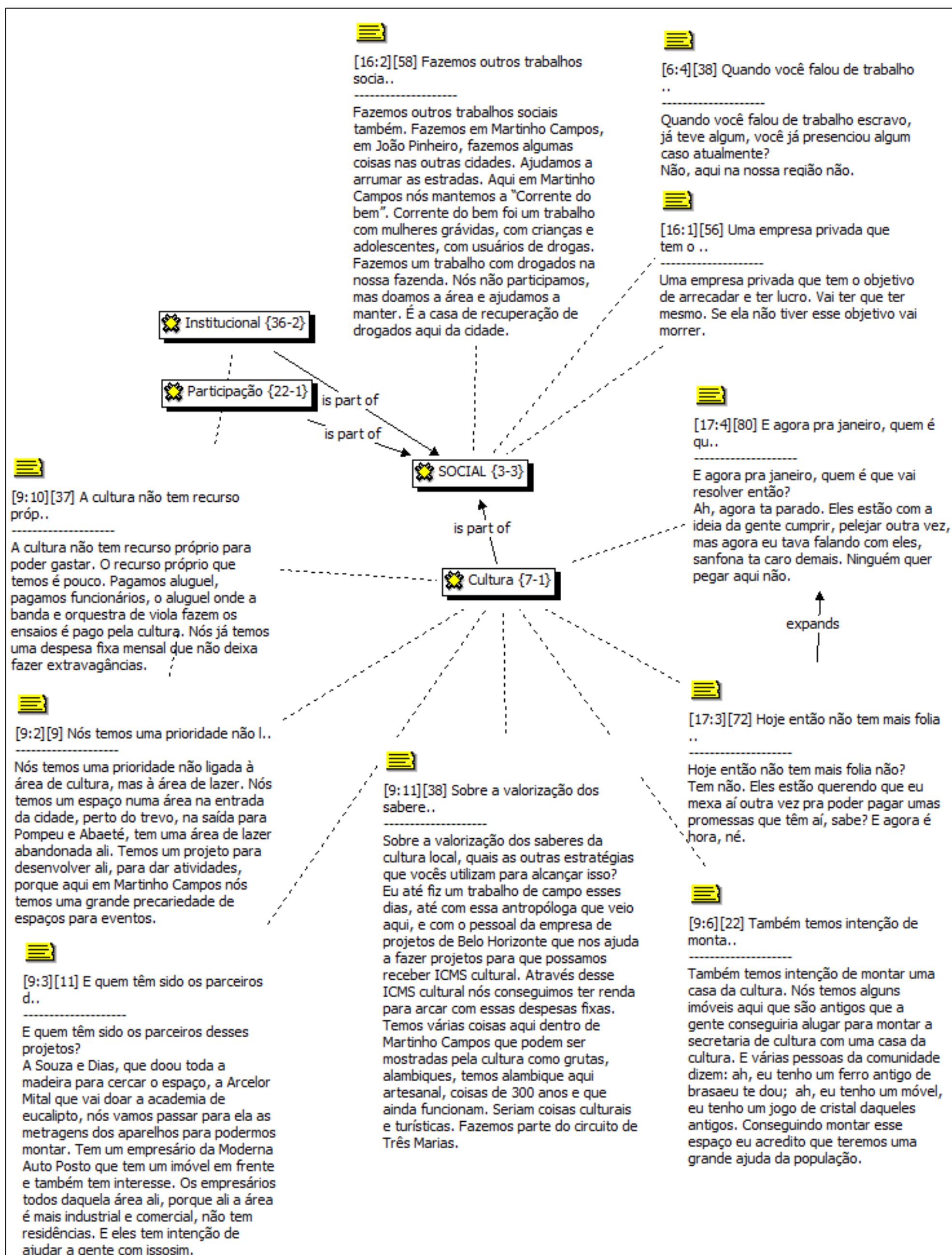
Nesta parte apresentamos os diagramas da análise, elaborados com o uso do software de análise qualitativa Atlas Ti.5. Eles dispõem dos trechos das entrevistas vinculados a suas respectivas categorias, criadas conforme a grade analítica.

FIGURA 6 - DIAGRAMA – CATEGORIA ECOLÓGICO



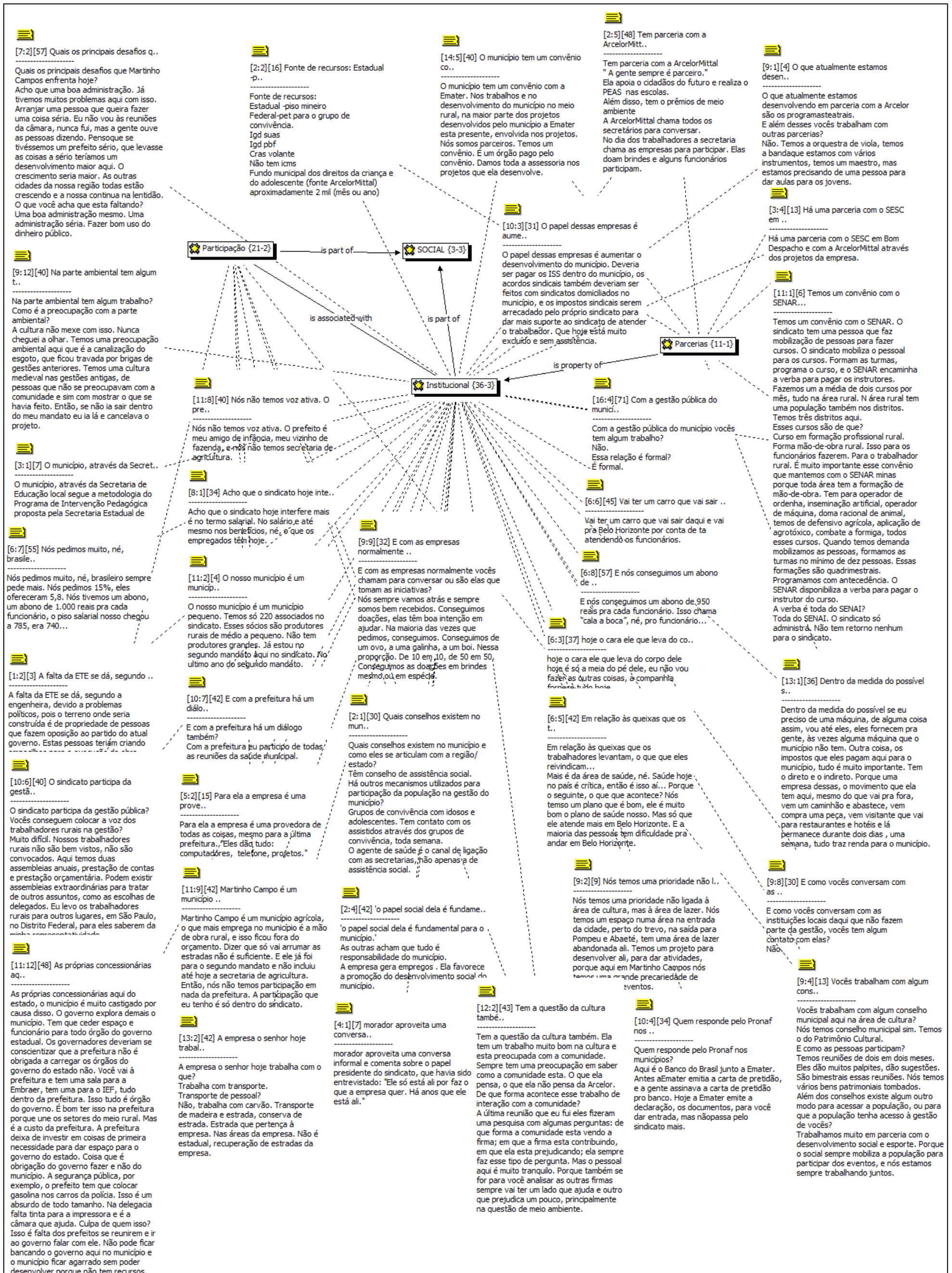
Fonte: elaboração própria com o uso do Atlas Ti.5.

FIGURA 7 - DIAGRAMA CULTURA (SOCIAL)



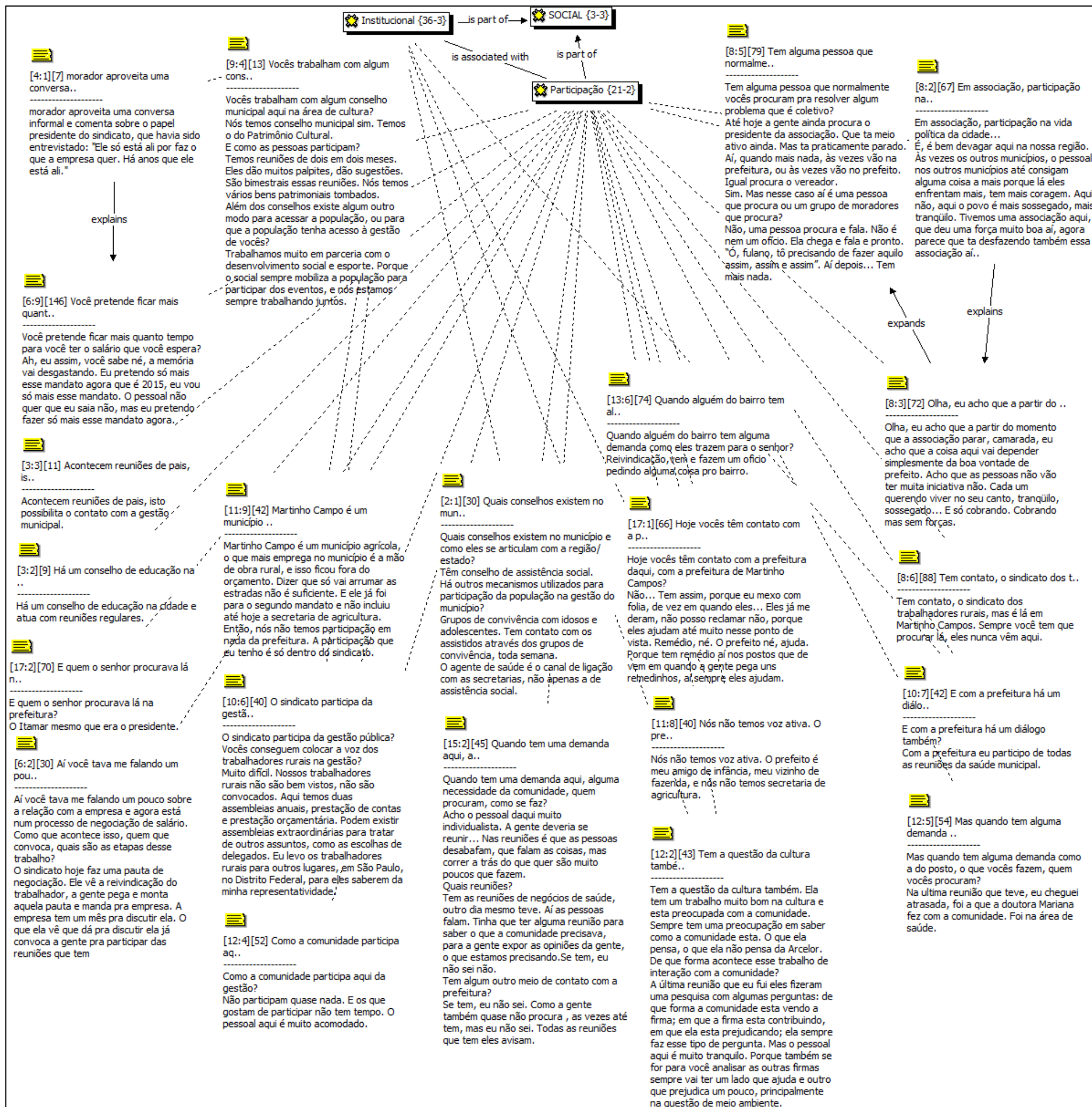
Fonte: elaboração própria com o uso do Atlas Ti.5.

FIGURA 8 - DIAGRAMA INSTITUCIONAL (POLÍTICO-INSTITUCIONAL)



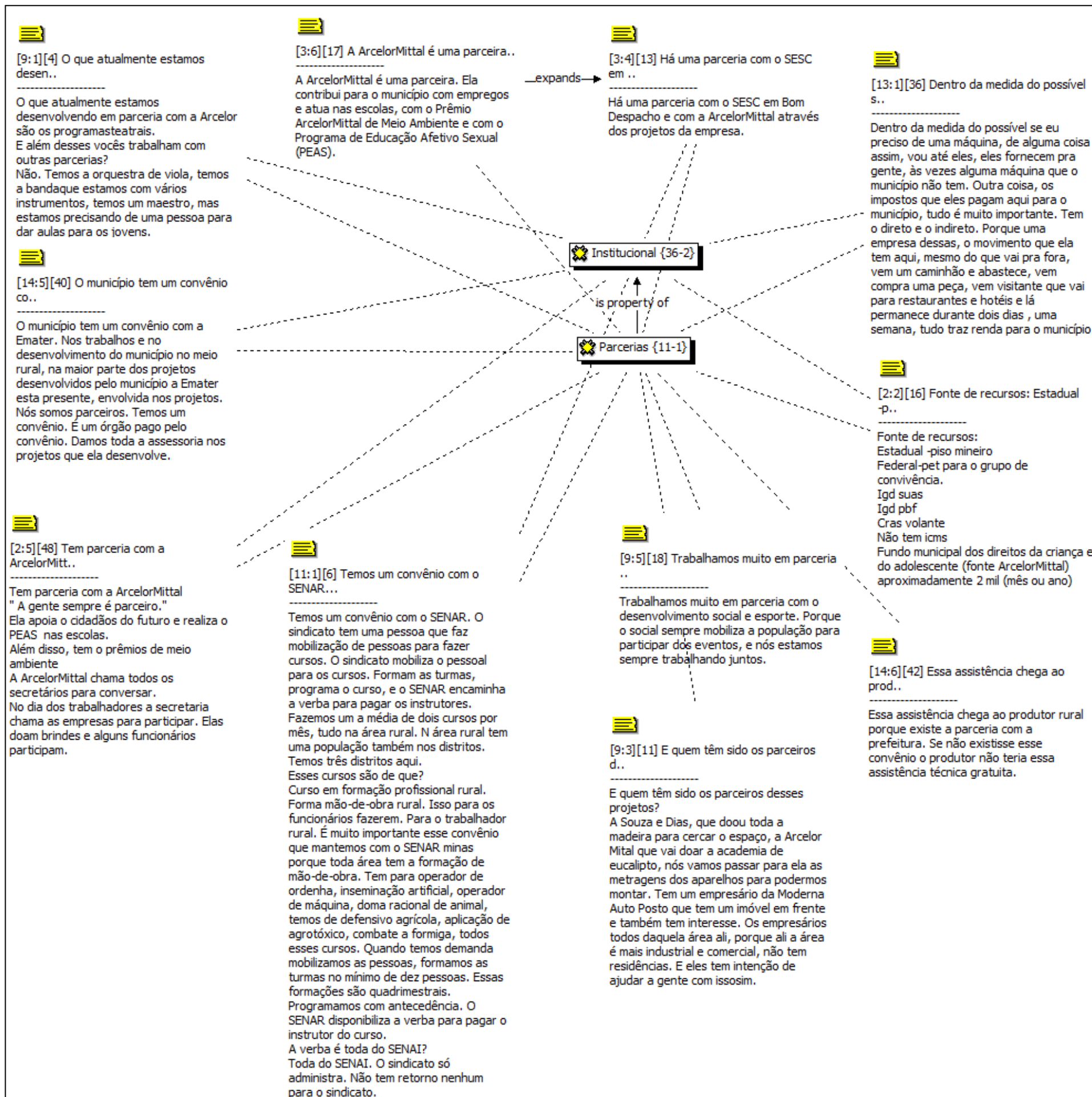
Fonte: elaboração própria com o uso do Atlas Ti.5.

FIGURA 9 - DIAGRAMA PARTICIPAÇÃO (SOCIAL)



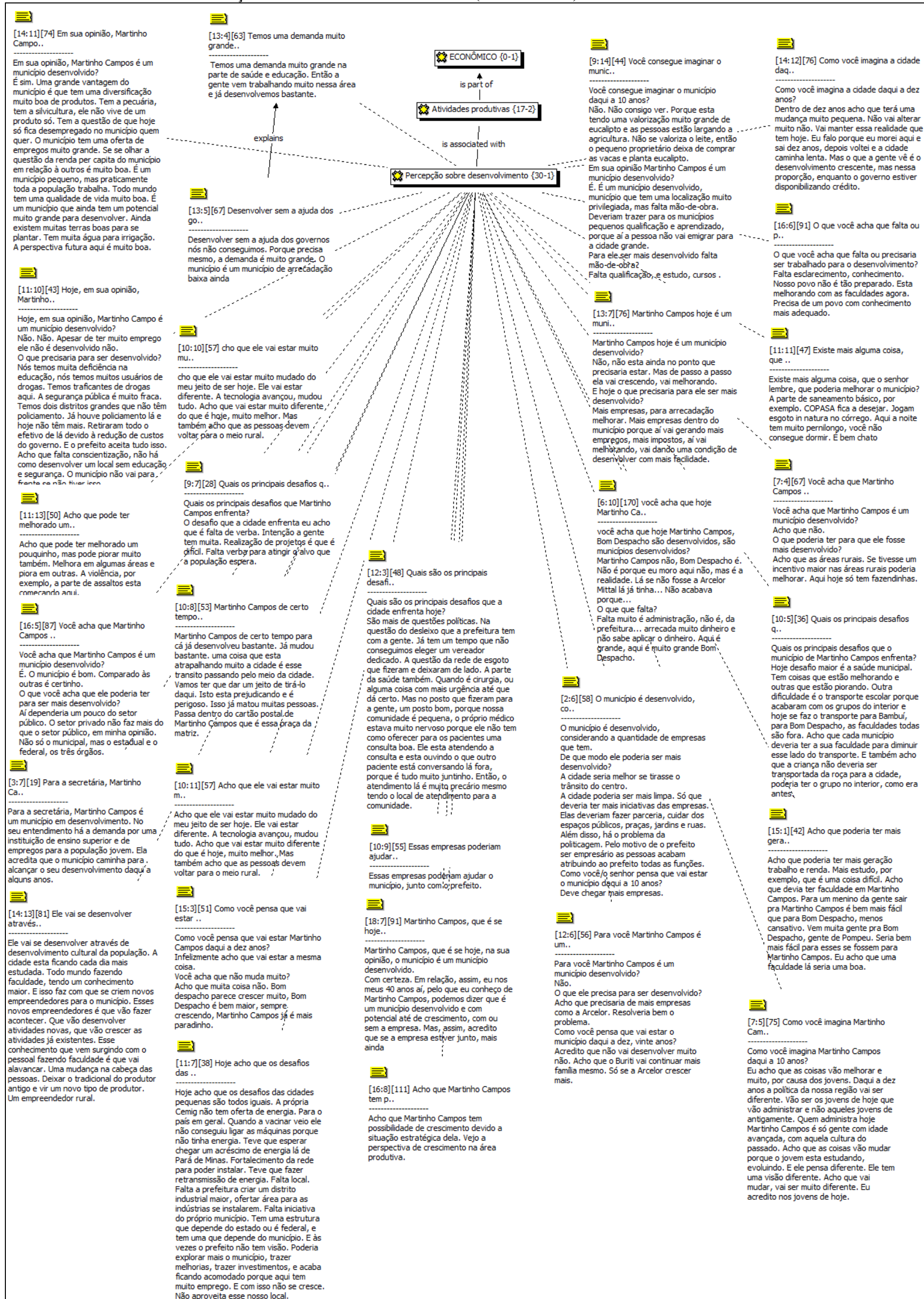
Fonte: elaboração própria com o uso do Atlas Ti.5.

FIGURA 10 - DIAGRAMA PARCERIAS (SOCIAL)



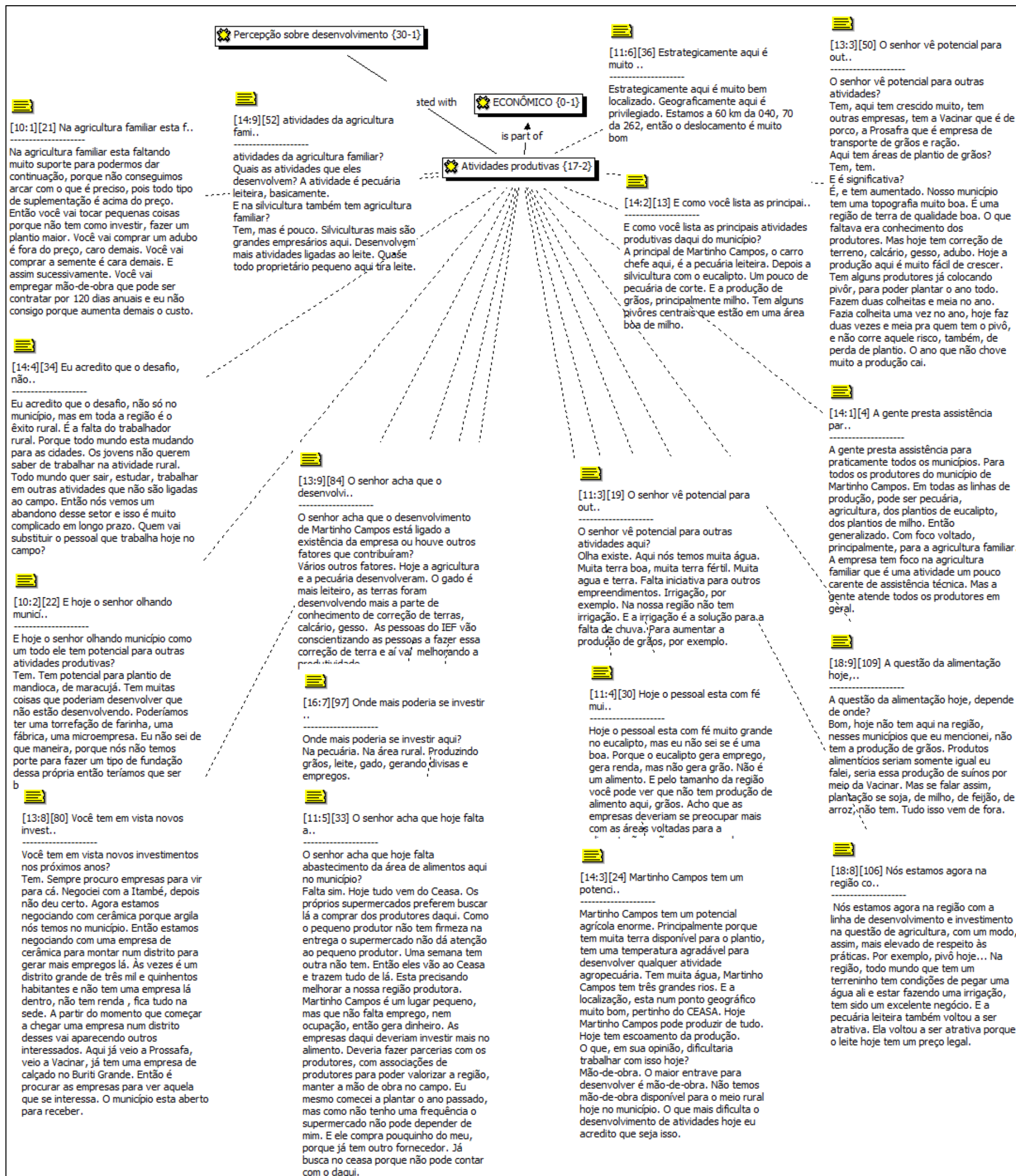
Fonte: elaboração própria com o uso do Atlas Ti.5.

FIGURA 11 - DIAGRAMA PERCEÇÃO SOBRE DESENVOLVIMENTO (ECONÔMICO)



Fonte: elaboração própria com o uso do Atlas Ti.5.

FIGURA 12 - ATIVIDADES PRODUTIVAS – ALTERNATIVAS (ECONÔMICO)



Fonte: elaboração própria com o uso do Atlas Ti.5.

Roteiros das entrevistas

MORADORES ANTIGOS (histórico da empresa/ percepção do papel da empresa)

Idade:

Nome:

Data:

Atividade:

Fale um pouco sobre suas atividades no município de Martinho Campos.

Desde quando você/o senhor mora no município?

Como era o município antes da chegada da ArcelorMittal a Martinho Campos (Quais eram as principais atividades econômicas/produativas. Como era a paisagem)

Como a comunidade via a chegada da empresa na época?

Quais as principais mudanças da chegada da empresa até aqui?

De que modo a comunidade local tem acesso a empresa? Que meios a empresa utiliza para se relacionar com a população local?

Em sua opinião, quais benefícios trouxe a ArcelorMittal hoje para o município e região? Trouxe algum prejuízo? Quais são as principais atividades produtivas de M. Campos hoje?

Você vê potencial para outras atividades? Por quê? (O que é favorável e o que dificulta outras iniciativas)

Qual o papel das empresas locais para o desenvolvimento do município?

Quais os principais desafios que a cidade enfrenta, em sua opinião?

Como a população participa das decisões da gestão pública municipal?

Como as demandas da comunidade são trabalhadas? A quem são levadas? Como os moradores participam?

Martinho Campos é, em tua opinião, um município desenvolvido?

De que modo ele poderia ser mais desenvolvido?

Como você/o senhor pensa que vai estar o município daqui a 10 anos?

Tem algo que gostaria de acrescentar ou que considera importante no que diz respeito ao desenvolvimento do município?

**EMATER/ SINDICATO DE TRABALHADORES E PRODUTORES RURAIS/
COOPERATIVAS/ COMÉRCIO**

Nome:

Idade:

Atividade:

Data:

Fale um pouco sobre suas atividades no município de Martinho Campos.

Quais são as principais atividades produtivas de M. Campos hoje?

Você vê potencial para outras atividades? Por quê? (O que é favorável e o que dificulta outras iniciativas)

Qual o papel das empresas locais para o desenvolvimento do município?

Quais as vantagens de se investir no município?

Quais os principais desafios que a cidade enfrenta, em sua opinião?

Como a sua categoria participa da tomada de decisões do município?

Martinho Campos é, em tua opinião, um município desenvolvido?

De que modo ele poderia ser mais desenvolvido?

Como você/o senhor pensa que vai estar o município daqui a 10 anos?

Tem algo que gostaria de acrescentar ou que considera importante no que diz respeito ao desenvolvimento do município?

REPRESENTANTES DE ASSOCIAÇÃO DE MORADORES/ SINDICATOS

Nome:

Idade:

Atividade:

Data:

Há grupos ou pessoas no município que se preocupam com a questão ambiental?

Como a comunidade via a chegada da empresa na época?

Quais as principais mudanças da chegada da empresa até aqui?

Quais são as principais atividades produtivas de M. Campos hoje?

Você vê potencial para outras atividades? Por quê? (O que é favorável e o que dificulta outras iniciativas)

Qual o papel das empresas locais para o desenvolvimento do município?

Quais os principais desafios que a cidade enfrenta, em sua opinião?

Em sua opinião, o que representa a ArcelorMittal hoje para o município e região?

Martinho Campos é, em tua opinião, um município desenvolvido?

De que modo ele poderia ser mais desenvolvido?

Como você/o senhor pensa que vai estar o município daqui a 10 anos?

Quais as festas típicas do município? Há que grupos organizados (música, teatro, movimentos sociais)?

Como se organiza a associação de moradores? (quando se reúne, de que forma obtém recursos, quais projetos desenvolve)

Tem algo que gostaria de acrescentar ou que considera importante no que diz respeito ao desenvolvimento do município?

SECRETARIA EDUCAÇÃO

Nome:

Idade:

Atividade:

Data:

Quais os principais desafios que a cidade enfrenta, em sua opinião?

O município possui que instrumentos de planejamento visando curto, médio e longo prazo? Como eles funcionam?

Que estratégias/ projetos são desenvolvidos pelo município, através de sua secretaria, em prol do desenvolvimento local?

Quais conselhos existem no município e como eles se articulam com a região/ estado?

Há outros mecanismos utilizados para participação da população na gestão do município?

De que modo as empresas locais/associações/ instituições de interesse público participam da tomada de decisão da gestão pública?

De que modo a questão ambiental é vista pelo município? Há estratégias que visam a proteção do meio ambiente?

O município apóia ou desenvolve novos projetos na área da educação? Há projetos em parceria com empresas ou outros atores locais?

Em sua opinião, o que representa a ArcelorMittal hoje para o município e região?

Martinho Campos é, em tua opinião, um município desenvolvido?

De que modo ele poderia ser mais desenvolvido?

Como você/o senhor pensa que vai estar o município daqui a 10 anos?

Tem algo que gostaria de acrescentar ou que considera importante no que diz respeito ao desenvolvimento do município?

SECRETARIA DE CULTURA

Nome:

Idade:

Atividade:

Data:

Quais os principais desafios que a cidade enfrenta, em sua opinião?

O município possui que instrumentos de planejamento visando curto, médio e longo prazo? Como eles funcionam?

Que estratégias/ projetos são desenvolvidos pelo município, através de sua secretaria, em prol do desenvolvimento local?

Quais conselhos existem no município e como eles se articulam com a região/ estado?

Há outros mecanismos utilizados para participação da população na gestão do município?

De que modo as empresas locais/associações/ instituições de interesse público participam da tomada de decisão da gestão pública?

De que modo a questão ambiental é vista pelo município? Há estratégias que visam a proteção do meio ambiente?

De que modo a prefeitura municipal trabalha para a valorização dos saberes e da cultura local?

Em sua opinião, o que representa a ArcelorMittal hoje para o município e região?

Martinho Campos é, em tua opinião, um município desenvolvido?

De que modo ele poderia ser mais desenvolvido?

Como você/o senhor pensa que vai estar o município daqui a 10 anos?

Tem algo que gostaria de acrescentar ou que considera importante no que diz respeito ao desenvolvimento do município?

SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Nome:

Idade:

Atividade:

Data:

Quais os principais desafios que a cidade enfrenta, em sua opinião?

O município possui que instrumentos de planejamento visando curto, médio e longo prazo? Como eles funcionam?

Que estratégias/ projetos são desenvolvidos pelo município, através de sua secretaria, em prol do desenvolvimento local?

Quais conselhos existem no município e como eles se articulam com a região/ estado?

Há outros mecanismos utilizados para participação da população na gestão do município?

De que modo as empresas locais/associações/ instituições de interesse público participam da tomada de decisão da gestão pública?

De que modo a questão ambiental é vista pelo município? Há estratégias que visam a proteção do meio ambiente?

Quais ações são desenvolvidas no município no combate à fome e à pobreza? Quais são de iniciativas locais e quais são feitas em parceria?

Em sua opinião, o que representa a ArcelorMittal hoje para o município e região?

Martinho Campos é, em tua opinião, um município desenvolvido?

De que modo ele poderia ser mais desenvolvido?

Como você/o senhor pensa que vai estar o município daqui a 10 anos?

Tem algo que gostaria de acrescentar ou que considera importante no que diz respeito ao desenvolvimento do município?

EMATER

Nome:

Atividade:

Idade:

Data:

Como se dá a atuação da EMATER no município?

Quais os principais desafios que a cidade enfrenta, em sua opinião?

Quais são as principais atividades produtivas de M. Campos hoje?

Você vê potencial para outras atividades? Por quê? (O que é favorável e o que dificulta outras iniciativas)

Qual o papel das empresas locais para o desenvolvimento do município?

Quais os principais desafios que a cidade enfrenta, em sua opinião?

Quais conselhos existem no município e como eles se articulam com a região/ estado?

De que modo a EMATER participa da tomada de decisão da gestão pública?

De que modo a questão ambiental é vista pelo município? Há estratégias que visam a proteção do meio ambiente?

Há grupos de trabalho com agricultura familiar? Como eles se organizam? Qual a articulação deles com os mercados locais e externos?

De que modo a atividade econômica local se insere no cenário estadual e/ou nacional?

Que tipo de acordo de uso da terra é feita com a ArcelorMittal em Martinho Campos?

Em sua opinião, o que representa a ArcelorMittal hoje para o município e região?

Martinho Campos é, em tua opinião, um município desenvolvido?

De que modo ele poderia ser mais desenvolvido?

Como você/o senhor pensa que vai estar o município daqui a 10 anos?

ENGENHEIRA AMBIENTAL

Nome:

Atividade:

Idade:

Data:

Como se dá a tua atuação no município?

Quais os principais desafios que a cidade enfrenta, em sua opinião?

Qual o papel das empresas locais para o desenvolvimento do município?

Quais os principais desafios que a cidade enfrenta, em tua opinião?

De que modo a questão ambiental é vista pelo município? Quais estratégias são desenvolvidas pela proteção do meio ambiente?

Que tipo de acordo de uso da terra é feita com a ArcelorMittal em Martinho Campos? (próprio, cedido ou fazendeiro florestal)

Qual a extensão da área da empresa no município e região? Desse total, qual é a área efetivamente com plantio de eucalipto?

Em sua opinião, o que representa a ArcelorMittal hoje para o município e região?

Martinho Campos é, em tua opinião, um município desenvolvido?

De que modo ele poderia ser mais desenvolvido?

Como você/o senhor pensa que vai estar o município daqui a 10 anos?

RESPONSABILIDADE SOCIAL DA ARCELORMITTAL (NÃO FOI RESPONDIDO)

Quais atividades são realizadas diretamente pela ArcelorMittal na produção de eucalipto e biorredutor no município? (Martinho Campos)

Qual o número de empregos diretos gerados pela empresa? Como estão distribuídos? Qual o tipo de vínculo? E qual a média salarial? (Martinho Campos)

Quais tipos de serviços são terceirizados? Quantas empresas envolvem? (Martinho Campos)

Quais os projetos sociais desenvolvidos pela ArcelorMittal BioFlorestas? Quanto é investido por ano nesses projetos? Quais as comunidades e municípios beneficiados?(Todas as regionais)

Qual a extensão da área da empresa no município e região? Desse total, qual é a área efetivamente com plantio de eucalipto? (Centro-oeste)

Quanto da área é solo próprio da empresa? Quanto ou arrendado? Há o formato 'fazendeiro florestal' (pequenos produtores que fornecem matéria-prima produzida em pequenas propriedades)? (Centro-oeste)

Há previsão de aumento da produção na região? (Centro-oeste)

Quais normas ambientais e de segurança são seguidas pela empresa? Quais certificados ISO a mesma possui? (Todas as regionais)

Quais as perspectivas de investimentos da empresa no município? (Martinho Campos)

Quanto de impostos o município arrecada por ano através da empresa? (Martinho Campos)

Quais as vantagens de se investir no município? (Martinho Campos)